

Natália Cristine Prado

*Processos morfofonológicos na formação de nomes
deverbais com os sufixos –çon/-ção e -mento: um
estudo comparativo entre Português Arcaico e
Português Brasileiro.*

Araraquara
2010

Natália Cristine Prado

*Processos morfofonológicos na formação de nomes
deverbais com os sufixos –çon/-ção e -mento: um
estudo comparativo entre Português Arcaico e
Português Brasileiro.*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, Campus de Araraquara, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Lingüística e Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Gladis Massini-Cagliari

Araraquara
2010

Prado, Natália Cristine

Processos morfofonológicos na formação de nomes deverbais com os sufixos –çon/-ção e -mento: um estudo comparativo entre português arcaico e português brasileiro / Natália Cristine Prado – 2010
193 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Lingüística e Língua Portuguesa) –
Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus
de Araraquara

Orientador: Gladis Massini-Cagliari

1. Português arcaico. 2. Língua portuguesa -- Brasil.
3. Processos morfofonológicos. 4. Nomes deverbais. I. Título.

Para minha avó, Maria (*in memoriam*).

Agradecimentos

À Profa. Dra. Gladis Massini-Cagliari, pesquisadora e professora singular, por sua orientação cuidadosa desde a Iniciação Científica, por todos os ensinamentos que contribuíram infinitamente para a minha formação profissional e acadêmica e, também, por toda paciência, compreensão e amizade nesses anos de convivência.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP (processo 07/57168-0), por financiar este trabalho, fornecendo os recursos necessários para que eu pudesse ter uma dedicação exclusiva à pesquisa.

Aos professores da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, responsáveis por minha formação intelectual, particularmente, ao Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari, por acreditar na minha capacidade e me incentivar aos estudos lingüísticos.

Às Profas. Dras. Flaviane Romani Fernandes Svartman e Beatriz Nunes de Oliveira Longo, pelas valiosas contribuições durante o processo de qualificação e defesa deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Francisco da Silva Borba, por ter possibilitado o acesso ao “*corpus* de Araraquara” e pela disponibilidade em dar todas as informações sobre este banco de dados.

Ao Prof. Dr. João Morais Pinto Junior, coordenador do Laboratório de Lexicografia da UNESP (LabLEX), por me receber no laboratório e me ajudar todas as vezes que precisei, sempre com um bom-humor incomparável. Agradeço também aos funcionários do LabLEX, Ive Toder, Carolina Domladovac Silva e Daniel Tonelo, pela imprescindível ajuda técnica durante todo o processo de coleta de dados.

À Profa Dra. Cláudia Regina Brescancini, pela leitura atenta e pelas importantes sugestões dadas ao meu trabalho ainda em andamento, durante o I Seminário de Estudos Lingüísticos da UNESP (SELIN).

À Profa. Dra. Vera Pacheco, pela amizade e por todos os conselhos acadêmicos e não-acadêmicos.

Ao secretário da Seção de Pós-Graduação, José Domingos Ibelli, pela atenção e disposição com que sempre atendeu aos meus pedidos.

À minha família, sobretudo aos meus pais e aos meus irmãos, que, apesar de todos os problemas, sempre estiveram ao meu lado nos momentos em que mais precisei. Agradeço, de modo especial, ao meu avô, José Mariano, o “vô Zezinho”, por ser um grande incentivador dos estudos dos netos.

Às grandes amizades que fiz durante a Graduação e a Pós-Graduação, principalmente Lívia, Maíra, Marcela, Marília, Patricia e Suzana, que me deram força nos períodos mais complicados e que tornaram os intervalos na cantina – e tantas outras ocasiões acadêmicas e não-acadêmicas – muito mais divertidas. Em especial, agradeço à

Juliana, com quem dividi as alegrias e desesperos de escrever uma dissertação de mestrado em fonologia – além de inúmeros planos e sonhos para o futuro, entre outros momentos memoráveis.

Às meninas da “Kit-Rep”, Patrícia, Kelli, Fernanda, Bruna e Luciana, por terem sido mais que amigas, mas uma verdadeira família nestes últimos dois anos em Araraquara.

Por fim, agradeço a todos que contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho.

Língua artesanal, plástica, fugidia a gramáticas. Esta obra de reinvenção não é operação exclusiva dos escritores e lingüistas. Recriamos a língua na medida em que somos capazes de produzir um pensamento novo, pensamento nosso. O idioma, afinal, o que é senão o ovo das galinhas de ouro? Estamos, sim, amando o indomesticável, aderindo ao invisível, procurando os outros tempos deste tempo. Precisamos, sim, de senso incomum. Pois, das leis da língua, alguém sabe as certezas delas?

Mia Couto

Resumo

O objetivo desta pesquisa é fazer uma ponte entre o passado e o presente, comparando processos morfofonológicos desencadeados pela derivação, ou seja, processos que alteram a forma dos morfemas. Este trabalho surge da necessidade de se levar em conta para a descrição de determinados contextos não apenas sons, mas fatos de natureza gramatical, principalmente morfológica, por isso dizemos que “quando uma forma básica lexical serve de motivação para uma regra fonológica, acontece um processo morfofonológico” (Cagliari, 2002, p.82). Realizamos este estudo entre duas sincronias da língua portuguesa: o Português Arcaico (PA), dos séculos XII-XIII, e o Português Brasileiro (PB), dos séculos XX-XXI. Nesses dois períodos da língua portuguesa, observamos os processos morfofonológicos desencadeados por dois sufixos derivacionais específicos, formadores de nomes deverbais em PA e em PB, isto é, nomes formados a partir de bases verbais: *-çon* e *-mento*, para o PA, e *-ção* e *-mento*, para o PB. Para a coleta dos dados no PA, escolhemos como *corpus* as *Cantigas de Santa Maria (CSM)*, que são uma das fontes mais ricas dessa época e, além disso, de acordo com Mattos e Silva (2006, p.37), os textos líricos são os melhores para o estudo da fonética segmental e prosódica da língua e seus dados, essenciais para o conhecimento do léxico dessa época. Já para a observação do PB, contamos com um recorte do banco de dados do Laboratório de Lexicografia da UNESP (LabLEX) que contém um *corpus* que possui cerca de 220 milhões de ocorrências do português do Brasil, colhidas em diversas fontes, desde as literárias até as jornalísticas. A partir das palavras provenientes desses *corpora*, procedemos as análises dos processos morfofonológicos que são condicionados pela formação de nomes deverbais com os sufixos selecionados, utilizando o aparato teórico das teorias fonológicas não-lineares, sobretudo a Geometria de Traços e a Fonologia Lexical. Os processos morfofonológicos encontrados no PA foram a alomorfia da vogal temática, a haplologia (que também co-ocorreu com a alomorfia da vogal do radical) e a fusão de vogais semelhantes; para o PB, também encontramos a alomorfia da vogal temática, a haplologia (igualmente com alguns casos em que ocorreu seguida da alomorfia da vogal do radical) e a supressão da vogal temática. No entanto, notamos que nas duas sincronias a maior parte dos nomes é formada sem a ocorrência de nenhum processo morfofonológico, isto é, apenas com a justaposição dos sufixos; além disso, percebemos que os sufixos *-çon* e *-ção* desencadeiam mais processos morfofonológicos que o sufixo *-mento*. Concluimos, em uma análise comparativa, que o processo de formação de nomes deverbais com os sufixos estudados é bastante parecido nas duas sincronias da língua e que os processos morfofonológicos ocorridos nesses dois períodos são basicamente os mesmos, sendo que a haplologia foi o que mais ocorreu tanto em PA quanto em PB.

Palavras-Chave: Português Arcaico, Português Brasileiro, Processos Morfofonológicos, Nomes Deverbais.

Abstract

This research is aimed at relating past and present, comparing morphophonological processes triggered by derivation, i.e., processes that change the shape of morphemes. This work considers that it is necessary to describe not only sounds but grammatical facts in some contexts, especially in the case of morphological facts; "when a lexical basis is a motivation for a phonological rule, a morphophonological process occurs" (Cagliari, 2002, p.82). We conducted this study comparing two periods of the Portuguese language: Archaic Portuguese (AP), 12th-13th centuries, and Brazilian Portuguese (BP), 20th-21st centuries. In these two periods of the Portuguese language, we observed morphophonological processes triggered by two specific derivational suffixes which create deverbal nouns in AP and BP, that is, nouns formed from verbal basis: *-çon* and *-mento*, for AP, and *-ção* e *-mento* for BP. The *corpus* for AP is composed by the *Cantigas de Santa Maria* (CSM), which can be considered one of the richest linguistic sources of that time and, moreover, according to Mattos e Silva (2006, p.37), poetical texts are the best ones to study segmental and prosodic phonetics of past languages and the data they provide are essential to the knowledge of the lexicon of that period. As for the observation of PB, we considered some of the data form from the database of the Laboratório de Lexicografia [Laboratory of Lexicography] at UNESP (LabLEX), which contains a *corpus* with about 220 million occurrences of Brazilian Portuguese texts, collected from several sources, from literary to journalistic ones. From the words of these *corpora*, we analyzed morphophonological processes that are conditioned by the formation of deverbal nouns with the specific suffixes which are focused in this Dissertation, using the theoretical apparatus of non-linear phonological theories, especially Feature Geometry Theory and Lexical Phonology. The morphophonological processes found on AP data are: allomorphy of the verbal thematic vowel, haplology (which co-occurred with the stem vowel allomorphy), and gemination of similar vowels; for PB, we also found allomorphy of the verbal thematic vowel, haplology (co-occurring with cases of allomorphy of the stem vowel) and deletion of the verbal thematic vowel. However, we noted that, in the two historical periods, most of the nouns are formed without the occurrence of any morphophonological process, that is, only with the juxtaposition of the suffixes. We also realized that the suffixes *-çon* and *-ção* trigger more morphophonological processes than the suffix *-mento*. Through a comparative analysis, we concluded that the word formation process of deverbal nouns with the specific suffixes studied in this Dissertation is very similar in both periods of the Portuguese language and the morphophonological processes occurring in these two periods are essentially the same; moreover, haplology is the process that sums up more number of occurrences, both in AP and BP.

Keywords: Archaic Portuguese, Brazilian Portuguese, morphophonological processes, deverbal nouns

Lista de Figuras

Figura 1.1 – Miniatura que acompanha a CSM 74 (LEÃO, 2007, p.33), 33

Figura 1.2 – *Stemma* proposto por Mettmann (1986, p. 23), 36

Figura 1.3 – *Stemma* proposto por Ferreira (1994, p. 69), 37

Figura 1.4 – *Stemma* proposto por Wulstan (2000, p. 181), 38

Figura 1.5 – Prólogo, fol 9 v. e Cantiga 1, fol 10 r. – Códice de Toledo, 39

Lista de Quadros

Quadro 1.1 – Resumo das tentativas de periodização do PA segundo Castro (1988), 21

Quadro 1.2 – Resumo das principais características dos Códices das *CSM* (Parkinson, 1998, p.180), 41

Quadro 2.2.3 – Regras Lexicais e Pós-Lexicais, 75

Lista de tabelas

- Tabela 3.1** – Total dos dados considerados para o PA, 91
- Tabela 3.2** – Total dos dados considerados para o PB, 91
- Tabela 3.3** – Resultados finais das ocorrências dos processos encontrados no PA, 93
- Tabela 3.4** – Casos de justaposição no PA separados por conjugação verbal, 96
- Tabela 3.5** – Casos de haplologia no PA separados por conjugação verbal, 105
- Tabela 3.6** – Casos de haplologia + alomorfia da vogal do radical no PA separados por conjugação verbal, 110
- Tabela 3.7** – Casos de alomorfia da vogal temática no PA separados por conjugação Verbal, 110
- Tabela 3.8** – Casos de fusão de vogais no PA separados por conjugação verbal, 114
- Tabela 3.9** – Resultados parciais das ocorrências dos processos encontrados no PB, 115
- Tabela 3.10** – Casos de Justaposição no PB separados por conjugação verbal, 116
- Tabela 3.11** – Casos de haplologia no PB separados por conjugação verbal, 118
- Tabela 3.12** – Casos de haplologia + alomorfia da vogal do radical no PB separados por conjugação verbal, 119
- Tabela 3.13** – Casos de alomorfia da vogal temática separados por conjugação verbal, 121

Lista de abreviaturas e símbolos

FL	<i>Fonologia Lexical</i>
PA	<i>Português Arcaico</i>
PB	<i>Português Brasileiro</i>
PCO	<i>Princípio do Contorno Obrigatório</i>
RFP	<i>Regra de Formação de Palavras</i>
VT	<i>Vogal Temática</i>
σ	<i>Sílaba</i>
U	<i>Enunciado</i>
I	<i>Frase Entoacional</i>
ϕ	<i>Frase Fonológica</i>
c	<i>Grupo Clítico</i>
ω	<i>Palavra Fonológica</i>
Σ	<i>Pé</i>
∪	<i>Sílaba leve</i>
—	<i>Sílaba pesada</i>
∅	<i>Zero</i>
C	<i>Consoante</i>
V	<i>Vogal</i>
O	<i>Onset</i>
R	<i>Rima</i>
Co	<i>Coda</i>

Sumário

Introdução, 15

1 Delimitação e apresentação dos *corpora*, 19

1.1 Algumas considerações sobre a periodização da língua portuguesa, 19

1.2 As Cantigas de Santa Maria, 24

1.3 Corpus PB, 42

1.4 Considerações finais, 46

2 Fundamentação teórica, 47

2.1 Morfologia, 47

2.1.1 O conceito de palavra, 47

2.1.2 Flexão X Derivação, 50

2.3.1 Mecanismos de formação de palavra, 54

2.1.3.1 Composição X Afixação, 58

2.1.3.2 Formação de nomes deverbais, 61

2.1.4 Os sufixos *-ção* (*-são*) e *-mento* no Português Brasileiro, 66

2.1.5 Os sufixos *-ção* (*-são*) e *-mento* na história do português, 69

2.2 Fonologia, 70

2.2.1 Fonologia lexical, 70

2.2.2 Princípios e condições, 73

2.2.3 Fonologia Lexical do Português Brasileiro, 78

2.2.4 Teoria de Geometria de Traços, 82

2.3 Considerações finais, 86

3 Descrição e Análise dos dados, 87

3.1 Metodologia e coleta dos dados, 87

3.2 Análise dos dados do PA, 92

3.2.1 Casos de justaposição, 95

3.2.2 Casos de haplogogia (haplogogia + alomorfa do radical), 96

3.2.3 Casos de alomorfa da Vogal Temática, 110

3.2.4 Casos de fusão de vogais, 112

3.3	Análise dos dados do PB,	114
3.3.1	Casos de justaposição,	116
3.3.2	Casos de haplologia (haplologia + alomorfia do radical),	117
3.3.3	Casos de alomorfia da Vogal Temática,	120
3.3.4	Casos de supressão da Vogal Temática,	122
3.4	Considerações finais,	123

Conclusão, 124

Referências, 129

Apêndice A – *Corpus* PA: nomes extraídos das Cantigas de Santa Maria, 138

Apêndice C – Lista original das palavras terminadas em *-ção* no PB (*-são*; *-ssão*) gerada pelo Antcon 3.2.1, 146

Apêndice D – Lista original das palavras terminadas em *-mento* no PB gerada pelo Antcon 3.2.1, 162

Apêndice E – Lista de palavras terminadas em *-çon* no PA separadas por tipos de processos morfofonológicos, 168

Apêndice F – Lista de palavras terminadas em *-mento* no PA separadas por tipos de processos morfofonológicos, 171

Apêndice G – Lista de palavras terminadas em *-ção* no PB separadas por tipos de processos morfofonológicos, 172

Apêndice H - Lista de palavras terminadas em *-mento* no PB separadas por tipos de processos morfofonológicos, 186

Introdução

O objetivo principal desta dissertação é mapear e analisar de maneira comparativa os processos morfofonológicos que ocorrem em duas sincronias da língua portuguesa: Português Brasileiro (PB) dos séculos XX-XXI e o Português Arcaico (PA) dos séculos XII-XIII. Para este estudo vamos considerar os processos que ocorrem através da adjunção dos sufixos *-çon* (*-ção*) e *-mento*, para o PA, e *-ção* e *-mento*, para o PB.

Este trabalho surge da necessidade de pesquisar processos morfofonológicos não tão estudados na formação de palavras do português na época medieval; além disso, a abordagem comparativa a que se propõe este trabalho é ainda pouco explorada com relação ao português. Assim, estudando a formação do léxico da língua portuguesa e comparando os processos de formação de palavras no período arcaico e no português brasileiro atual, poderemos contribuir para a observação de mudanças lingüísticas que ocorreram na constituição do léxico português – o que pode esclarecer algumas variações que ocorrem nos processos de formação de palavras no uso atual da língua.

Esta dissertação vem contribuir também com os estudos de um projeto coletivo desenvolvido pelo grupo de pesquisa “*Fonologia do Português: Arcaico & Brasileiro*”, que congrega um grupo de estudantes de Graduação e de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Câmpus de Araraquara, e é coordenado Prof^ª. Dra. Gladis Massini-Cagliari. Assim, este trabalho pretende fornecer esclarecimentos sobre os processos de formação de palavras (especificamente a derivação), nas duas sincronias consideradas, em um estudo que considera a interface Fonologia-Morfologia.

Desenvolvemos este estudo comparativo através de dois *corpora* de pesquisa: as *Cantigas de Santa Maria (CSM)* para o PA, e um recorte do banco de dados do Laboratório de Estudos Lexicográficos da UNESP (LabLEX) para o PB. Como representantes legítimas do período arcaico, escolhemos as *CSM* porque, além de ser parte do *corpus* do grupo de pesquisa ao qual este projeto está vinculado, elas são uma das fontes mais ricas do galego-português, em termos lexicais (Cf. Mettmann 1972, 1986, 1988, 1989).

Massini-Cagliari (2005, p.21) chama a atenção para o fato de que, durante muito tempo, as *CSM* foram “praticamente esquecidas como fonte primária do português (ou galego-português) medieval”. Um dos motivos principais para se desconsiderar as *CSM* como fonte legítima do PA advém do fato de que muitos estudiosos acreditam que Afonso X não era falante de galego-português, mas sim, do castelhano. Assim, “a questão que daí surgia era

a seguinte: é legítimo considerar o produto de castelhanos (?) escrevendo em galego-português como uma manifestação ancestral do Português?” (MASSINI-CAGLIARI, 2005, p.21). Entretanto, alguns estudiosos vêm levantando hipóteses de que o Rei Sábio possa ter sido falante nativo de galego-português. Peña (1973, p. XIX), por exemplo, acredita que a escrita de uma obra tão grandiosa como as CSM por Afonso X não seria um fato “*tan estraño si tenemos en cuenta que mui probablemente el rey fue criado en Galicia*”. Já Filgueira Valverde (1985, p. XIV) garante que Afonso X viveu nove anos na Galiza durante a infância: de 1223 a 1231, justamente na fase de aquisição da língua materna (dos dois aos onze anos).

Dessa forma, mesmo que o rei seja também falante nativo de castelhano e que esta língua possa trazer interferência “no galego-português do texto, principalmente se a Cantiga é da lavra do próprio Rei” (LEÃO, 2002, p. 3), podemos considerar que Afonso X, o sábio, tinha um profundo conhecimento do galego-português, por conta da sua educação como monarca e do período que passou na Galiza durante a infância. Assim, ele pode ter optado por escrever as CSM nessa língua considerada na época “o verdadeiro idioma literário; tão manejado pelo rei Dom Afonso e por tantos outros poetas dos Cancioneiros” (LEÃO, 2007, 21). Leão (2007, p. 152-153) chama a atenção para a riqueza lexical das CSM:

do ponto de vista do léxico, as Cantigas apresentam uma riqueza imensa (como também, embora em menor grau, as cantigas de escárnio), pois não se limitam à tópica amorosa como as cantigas de amigo e de amor. Ao contrário, elas nos falam não só da vida religiosa, mas da vida em toda a sua complexidade, constituindo talvez o mais rico documento para o conhecimento da mentalidade, dos costumes, das doenças, das profissões, da prostituição, do jogo, dos hábitos monásticos, de todos os aspectos enfim do quotidiano medieval na Ibéria.

Conseqüentemente, ao escrever uma obra de temática tão rica e complexa, com uma estrutura formal rígida, o rei sábio comprova sua proficiência (e a de seus possíveis colaboradores) no idioma, o que convalida as CSM como representantes legítimas da língua da Galiza.

Como fonte de pesquisa dos itens lexicais do PB, optamos pelo Laboratório de Estudos Lexicográficos da UNESP (LabLEX), pois é constituído de um *corpus* bastante heterogêneo, já que é composto por vários tipos de textos (romances, peças de teatro, literatura técnica, textos jornalísticos etc.), escritos por vários autores e com diferentes assuntos. Assim, esse *corpus*, que possui cerca de 11 milhões de ocorrências do português do Brasil, por reunir vozes de inúmeros autores e cobrir uma rica variedade de temas, gêneros

e enfoques, permitiu-nos uma excelente observação das novas criações lexicais que foram empregadas para o estudo dos processos morfofonológicos.

Discorreremos mais detalhadamente sobre a riqueza das *CSM* e do *corpus* do LabLEX na primeira seção deste trabalho.

A importância da nossa pesquisa reside, sobretudo, no fato de que praticamente não existem trabalhos sobre processos de formação de palavras em línguas antigas, como o PA. As gramáticas históricas, em geral, tratam pouco do assunto, priorizando a listagem dos afixos mais utilizados na formação de palavras (na seção 2.1.5 trazemos algumas informações sobre os sufixos enfocados nesta pesquisa no decorrer da história do português). Dessa forma, como neste trabalho estamos interessados na formação de palavras, optamos pelo estudo dos processos de construção do léxico numa perspectiva gerativista. Portanto, partindo da perspectiva de que o léxico não é apenas um depósito de idiossincrasias, nosso estudo traz uma observação da derivação e de processos morfofonológicos que ocorrem na adjunção de sufixos às bases, tendo em conta a constituição do léxico através de regras de formação de palavras da língua portuguesa, seja em PA ou no PB.

A primeira seção desta dissertação apresenta uma contextualização a respeito dos *corpora* da pesquisa, sobretudo sobre as *CSM*. Pretendemos fazer nesta seção uma descrição das *CSM*, tratando de questões como a sua autoria, os tipos de poemas que compõem as cantigas e seus principais temas e as diferenças existentes entre os quatro manuscritos remanescentes. Na mesma seção ainda apresentaremos a delimitação temporal do PA e algumas questões que são cruciais para esse assunto como, por exemplo, a delimitação temporal não consensual do PA.

Na segunda seção, apresentamos alguns pressupostos teóricos essenciais para nossas análises dos processos morfofonológicos. Discorreremos sobre algumas questões importantes para os estudos morfológicos, como o conceito de palavra e as diferenças entre derivação e flexão e os principais processos de formação de palavras. Sintetizamos também os principais pressupostos da fonologia lexical e da teoria de geometria de traços, teorias que serviram de base para nossa análise lingüística, que é apresentada na seção seguinte.

Na terceira seção, são apresentadas as análises dos nomes deverbais do PA e do PB terminados em *-çon* e *-mento* e *-ção* e *-mento*, respectivamente. Observamos a ocorrência de alguns processos fonológicos condicionados morfológicamente, tanto no PA quanto no PB, como a alomorfia da vogal temática e a haplologia (que também ocorreu seguida de alomorfia da vogal do radical), que ocorreram nas duas sincronias da línguas. Além desses processos, encontramos um caso de fusão de vogais semelhantes no PA e alguns casos de supressão da

vogal temática no PB. No entanto, notamos que, nas duas sincronias, a maior parte dos nomes é formada sem a ocorrência de processos morfofonológicos, ou seja, os nomes deverbais são formados prioritariamente apenas a partir da justaposição dos sufixos. Além disso, percebemos que os sufixos *-çon* e *-ção* desencadeiam mais processos morfofonológicos que o sufixo *-mento*. Por fim, na última seção, apresentaremos algumas conclusões a que chegamos a partir dos dados estudados, observando que os fenômenos encontrados são bastante semelhantes nas duas sincronias da língua.

Ao fim deste trabalho, encontram-se os apêndices, que trazem uma relação dos nomes analisados. Apresentamos tanto as listas originais geradas pelo programa ANTCONC 3.2.1 quanto os nomes já separados por tipo de processo morfofonológico.

Esperamos, com este trabalho, contribuir para o estudo da formação do léxico da língua portuguesa. Deste modo, comparando os processos de formação de palavras no período arcaico e no português brasileiro atual, poderemos contribuir para a observação de mudanças linguísticas que ocorreram na constituição do léxico português – o que pode esclarecer algumas variações que ocorrem nos processos de formação de palavras no uso atual da língua.

1 Delimitação e Apresentação dos *Corpora*

Esta seção pretende apresentar e delimitar nossos *corpora* para a coleta das palavras analisadas. Assim, primeiramente, vamos situar o leitor nos períodos temporais compreendidos por esta pesquisa. Em seguida, vamos apresentar mais detalhadamente cada um dos *corpora*, ou seja, as características das CSM e do banco de dados do Laboratório de Lexicografia da UNESP (LabLEX). A partir desses *corpora*, fizemos uma busca de todas as palavras terminadas por *-ção* e *-mento* (para o PB) e *-çon* e *-mento* (para o PA) e procedemos as análises dos processos morfofonológicos desencadeados por estes sufixos.

1.1 Algumas considerações sobre a periodização da língua portuguesa

Antes de apresentarmos nossos *corpora* de pesquisa, precisamos relembrar rapidamente algumas questões importantes que envolvem a periodização da língua portuguesa, afinal estamos considerando neste trabalho duas sincronias da nossa língua: uma que focaliza o português na época trovadoresca – o que configura uma abordagem conhecida como “sincronia no passado” (MATTOS E SILVA, 2006) – e outra que observa o português brasileiro atual.

Por ser o período arcaico da língua portuguesa de difícil delimitação (MATTOS E SILVA 2006, p.21), faz-se necessário aqui definir o período de tempo que estamos adotando como representante do PA. Podemos observar na literatura sobre o assunto que filólogos e historiadores parecem ser consensuais¹ em situar o início do PA no século XIII, por ser este o momento em que a língua portuguesa tem seus primeiros registros escritos. Como exemplo, podemos citar Mattos e Silva (2006, p.22) e Emiliano e Pedro (2004, p. 1), que consideram como documentos mais antigos do PA o *Testamento de Afonso II*, de 1214, e a *Notícia do Torto*, escrita entre 1214 e 1216. No entanto, segundo Mattos e Silva (2006, p.22),

¹Tavani (1988, p. 41), entretanto, diz ser a cantiga de escárnio *Ora faz ost’o senhor de Navarra*, de Joam Soares de Paiva, escrita em 1196, o mais antigo texto da língua portuguesa. Seu argumento é que os fatos narrados nesta cantiga são acontecimentos reais e, por isso, podem ser mais precisamente datados. Já Souto Cabo (2003, p. 346) diz que o *Pacto de Gomes Pais e Ramiro Pais* é o documento mais antigo escrito em galego-português. Segundo este autor, o *Pacto* foi escrito “pelo menos dois anos antes de 1175”. Souto Cabo determinou esta data pelas indicações de um texto em latim, do outro lado do pergaminho.

Se o início do português arcaico pode ser marcado pelos fatos descritos, o limite final deste período é uma questão em aberto, embora seja costume considerar o século XVI como ponto de partida de um novo período na história da língua. Um limite final para a fase arcaica da língua, com base em fatos lingüísticos está a espera de que se estabeleça uma cronologia relativa para o desaparecimento de características lingüísticas que configuram o português antigo em oposição ao moderno.

Para Michaëlis de Vasconcelos (1912-1913), o período arcaico prolonga-se até 1500 ou ainda além desta data. Para a autora, o português moderno começa na época do Renascimento, mas deixa claro que “os limites entre os dois períodos são vagos, e que houve uma época de transição” (MICHAËLIS DE VASCONCELOS, 1912-1913, p.15); afinal, as línguas não mudam de uma hora para a outra. Segundo Mattos e Silva (2006), não existe ainda um levantamento das características lingüísticas que possam estabelecer uma oposição entre o português antigo e o moderno. Todavia, é um hábito considerar fatos extralingüísticos como base para o fim deste período, tais como o surgimento do livro impresso, nos fins do século XV; a expansão imperialista portuguesa que, por gerar contato com diferentes línguas e culturas, provocou reflexos na língua portuguesa desta época; e, por fim, o início da normatização gramatical, com a gramática de Fernão de Oliveira, de 1536, e a gramática de João de Barros, de 1540. Esses fatos certamente favoreceram mudanças lingüísticas, dando fim ao período arcaico da língua portuguesa.

Messner (2002) também acredita que não devemos nos basear em fatores extralingüísticos para delimitar um período de evolução de uma língua, mas, sim, observar as pistas lingüísticas dos registros das línguas para dizer com maior precisão quando uma língua efetivamente sofreu mudanças (MESSNER, 2002, p.107):

Também a expressão “português moderno” não significa nada, e estou à espera de quem invente o “português pós-moderno”, como já aconteceu na literatura. “Moderno” só quer dizer que não é “antigo”, mas uma grande parte dos fenômenos da língua portuguesa não sofreu modificações, senão ser-nos-ia impossível falar da mesma língua portuguesa do século XIII até o século XX, quer dizer seria melhor denominar as épocas segundo os fenômenos mais característicos (e também não por metáforas tomadas de historiadores: o que vai ser o “português contemporâneo” dentro de 20 anos?).

Outro fator que vem sendo considerado por muitos autores é a difícil tarefa de subdividir o PA. Abaixo apresentamos um quadro organizado por Castro (1988, p.12), citado

a partir de Mattos e Silva (2006, p.25), que resume algumas das propostas de periodização do PA:

Época	Leite de Vasconcelos	Silva Neto	Pilar V. Cuesta	Lindley Cintra
Até s. IX (882)	Pré-histórico	Pré-histórico	Pré-literário	Pré-literário
Até +/- 1200 (1214-1216)	Proto-histórico	Proto-histórico		
Até 1385/1420	Português arcaico	Trovadoresco	Galego-português	Português antigo
Até 1536/1550		Português comum	Português pré-clássico	Português Médio
Até s. XVIII	Português moderno	Português moderno	Português clássico	Português clássico
Até s. XIX/XX			Português moderno	Português moderno

Quadro 1.1 – Resumo das tentativas de periodização do PA segundo Castro (1988) – *apud* Mattos e Silva (2006, p.25)

O período focalizado neste trabalho é o correspondente à compilação das *CSM*, ou seja, o final do século XIII – mais precisamente por volta de 1270 a 1284, época em que reinava D. Afonso de Leão e Castela, o Sábio (BERTOLUCCI PIZZORUSSO, 1993b). Como podemos ver pelo quadro, o período de compilação das *CSM* é chamado por Leite de Vasconcelos de Português Arcaico, por Silva Neto, de Trovadoresco, Por Cuesta, de Galego-Português e, por fim, por Cintra, de Português Antigo.

Mattos e Silva (2006, p.24) acredita que não se deve desligar a periodização temporal da realidade lingüística diferenciada no espaço; assim, a autora propõe uma diferenciação dialetal da língua falada em dois momentos:

parece procedente uma subperiodização do português arcaico, em que se considere uma primeira fase galego-portuguesa e outra que se definirá como portuguesa, sobretudo a partir da centralização política no eixo Coimbra-Lisboa. Definidos os limites do novo reino português, sela-se um destino histórico diferenciado para o português e o galego. Esse fato culmina com a decisão de D. Dinis, que falece em 1325, de legalizar o português como língua oficial de Portugal

Maia (1997 [1986]), a partir da observação de um *corpus* de 168 documentos não-literários, de além e de aquém do rio Minho (fronteira antiga entre Portugal e Galiza), escritos entre os séculos XIII e XVI (1255 a 1516), verifica que há diferenciação fonética e morfológica entre o galego e o português da área entre o Minho e o Douro. Portanto, a autora

também acredita na existência de um processo de diferenciação histórica entre o galego e o português, confirmando as proposições que defendem uma fase comum galego-portuguesa e uma em que as duas áreas se definem.

Optamos aqui pelo rótulo de Português Arcaico², cunhado por Leite de Vasconcelos, principalmente porque nosso principal interesse é observar as mudanças e regularidades nos processos morfofonológicos na língua portuguesa e não no galego, embora naquela época, como lembra Mattos e Silva (2006, p.25), “a poesia trovadoresca, que finaliza em meados do século XIV, mostra certa unidade que levou a denominá-la de língua galego-portuguesa”.

Como nossa intenção neste trabalho é somente localizar o leitor com relação dos períodos de tempo por nós enfocados; uma classificação, ou ainda, uma subclassificação do PA, com base em seus aspectos lingüísticos, ultrapassaria o escopo da nossa pesquisa.

Apesar de serem vários os tipos de documentos remanescentes do período arcaico da língua portuguesa – desde os literários em prosa, até os cartoriais, passando pelos textos poéticos – optamos por buscar um *corpus* na produção poética trovadoresca, pois, segundo Mattos e Silva (2006, p.37), os textos líricos são os mais ricos para o estudo da fonética segmental e prosódica da língua e seus dados, essenciais para o conhecimento do léxico do PA:

O fato de serem poemas de estrutura formal em versos rimados os torna fundamentais, no que concerne a estudos de história da língua, para o conhecimento de fatos fonéticos desse período, como sejam, por exemplo, questões referentes aos encontros entre vogais (hiatos/ditongos), ao timbre vocálico (abertura/fechamento), vogais e ditongos nasais/orais. A morfologia tanto a nominal como a verbal também tem nessa documentação uma fonte fundamental.

Para um trabalho como o nosso, existe uma impossibilidade de um estudo de toda a lírica trovadoresca. Por isso, faz-se importante a delimitação de um *corpus*, já que, como lembra Massini-Cagliari (2005, p. 33):

O trabalho com um *corpus*, na impossibilidade prática de abrangência de toda a produção lírica trovadoresca, tem a vantagem de considerar as formas contextualizadas e flexionadas (no caso de palavras variáveis). No entanto, dada a sua diminuta dimensão, um *corpus* sempre tem a desvantagem de apresentar apenas um pequeno conjunto da riqueza lexical do todo.

² Expressões cunhadas por outros autores tais como “Português Antigo” ou “Português Trovadoresco” ou mesmo “Galego-Português” aparecerão aqui apenas como sinônimos de PA.

O que nos levou a optar pelas *CSM* para o nosso estudo do PA é o fato de serem poemas de estrutura formal bastante rígida; assim, existe a possibilidade de que o autor e seus colaboradores tenham inventado alguma palavra apenas para manter a rima. Como lembra Bertolucci Pizzorusso (1997), na apresentação do *Lessico in Rima* de Betti (1997), a poesia das cantigas “*evidenzia precisamente l’ambito semantico (e la varietà morfologica) delle scelte operate dal poeta (sia esso Alfonso e/o eventuali suoi collaboratori, sempre all’interno di un modello formale certamente da lui imposto)*” (BETTI, 1997, p. 3). Este fato ilustra a produtividade dos processos de formação de palavra focalizados por esta pesquisa, comprovando a maneira como os falantes (daquela época e da atual) são capazes de reconhecer as estruturas das palavras e formar outras sempre que necessário, com base nas regras de formação de palavras produtivas na sua época. Leão (2007, p. 111) também mostra que alguns nomes próprios sofriam “deformação” na sua terminação, nas *CSM*, “por necessidade de rima” – fato que, mais uma vez, comprova a produtividade dos processos de formação (e “deformação”, na terminologia de Leão) de palavras (entre os quais os de derivação). Falaremos, no tópico 1.2 desta seção, mais aprofundadamente sobre a riqueza das *CSM*.

Por conta da extensão deste trabalho, optamos por estudar apenas uma variedade da língua portuguesa atual em comparação com o PA; assim optamos por fazer uma análise comparativa entre PA e o PB, conforme representado no *corpus* selecionado a partir do acervo do LabLEX. Quando se trata da sincronia atual da língua portuguesa, Messner (2002, p.111) lembra que já não é possível descrever a história da língua portuguesa atual sem termos duas descrições: uma para o português europeu e outra para o brasileiro. O autor sustenta suas afirmações mostrando que essas variantes evoluíram de maneira diferente ao longo dos anos com relação ao uso dos demonstrativos *esse* e *este* que foram aumentando ao longo dos anos em Portugal e diminuindo no Brasil. Silva Neto (1976, p.19) lembra: “que as línguas³ faladas no Brasil diferem das portuguesas é fato indiscutível e natural, porque a língua corrente varia de acordo, não só com os lugares, como também com as pessoas, as épocas, e até com as circunstâncias”, embora isso não abale, como diz o autor (SILVA NETO, 1976, p.22), a estrutura linguística comum entre o PB e o português europeu. Embora o PB não seja um bloco uniforme (SILVA NETO, 1976, p.16), tirando as variantes pessoais e estilísticas, “há uma certa unidade no total dos falares brasileiros” (SILVA NETO, 1976, p.28). Como nossa intenção é observar os processos morfofonológicos de uma maneira geral

³ O autor se refere, neste caso, às variedades do português faladas no Brasil.

no PB, optamos por fazer uso de um *corpus* representante do PB bastante heterogêneo, que reúne vários autores e modalidades de escrita. Discutiremos com mais detalhes o *corpus* do PB no tópico 1.3 desta seção.

1.2 As *Cantigas de Santa Maria*

Como *corpus* para o levantamento dos dados referentes ao PA, fizemos uso das 420 CSM. Segundo Parkinson (1998, p. 179), as CSM são um monumento literário e musical da mais elevada importância. São 420⁴ poemas que constituem o cancionero mais rico da Idade Média, contam os feitos milagrosos de Santa Maria e são também um hino de louvor à Virgem. As CSM são escritas em galego-português e são acompanhadas por pautas musicais com a melodia a ser cantada; além disso, algumas cantigas são acompanhadas (em dois dos manuscritos remanescentes) por desenhos miniaturizados que são chamados de *iluminuras* e que representam, de modo geral, o conteúdo que está sendo narrado na cantiga. A autoria das CSM é atribuída ao rei Afonso X, o sábio, figura que está no centro das atividades da poesia ibérica do século XII (BERTOLUCCI PIZZORUSSO, 1993b, p. 37). Segundo O’Callaghan (1998, p.16), “*proclaiming himself Mary’s troubadour, Alfonso X sang her praises and recounted her miraculous deeds in the Cantigas de Santa Maria*”. Entretanto, como veremos adiante, alguns autores afirmam que o monarca não poderia ter escrito todo o cancionero sozinho.

Todavia, devido ao caráter pessoal que as cantigas têm, já que muitas são escritas em primeira pessoa e a maioria faz referência ao rei Afonso X, quando pensamos nas CSM, as ligamos, normalmente, à figura do monarca. Segundo Massini-Cagliari (2005, p.62),

tendo sido Afonso X o autor de todas ou de apenas algumas das CSM, a sua biografia é o fator crucial na datação dos poemas da coleção, sendo relevante apontar as datas de seu nascimento (1221, em Toledo) e morte (1284, em Sevilha). Seu reinado inicia-se em 1252, tendo sido rei até sua morte.

Além disso, observando dados biográficos sobre o rei, vemos que sua infância esteve envolvida pela religião e, especialmente, pelo culto à Virgem. De acordo com Snow (1987, p. 475), os pais do monarca (Fernando III, rei de Leão e Castela e Beatriz de Suábia) e sua

⁴Não estamos contando as cantigas que se repetem – Mettmann (1986, p. 7 e 24; 1987, p. 356), Parkinson (1998, p. 179) e Bertolucci Pizzorusso (1993a, p. 142).

bisavó Berenguela estiveram envolvidos com possíveis milagres atribuídos à Virgem Maria, os quais foram narrados nas *CSM*. Além disso, a construção da igreja de Santa Maria de Toledo, iniciada por seu pai em 1225, acompanhou o crescimento de Afonso X.

Filgueira Valverde (1985, p11) garante que, embora o monarca tenha nascido em Toledo e falecido em Sevilha, passou parte de sua infância (de 1223 a 1231) na Galiza, onde tinha terras o preceptor do rei, Garcia Fernández de Villaldemiro, casado com Mayor Arias, dama de origem galega. Assim,

si una inicial morada en Burgos le había dado el dominio temprano del castellano, en tierras de Orense y en la corte aprendería el idioma en que había de escribir sus “cantigas”; una amplia formación, incluso musical, le prepara para las tareas culturales; el contacto con juglares y soldados le desvía hacia el lúbrico desenfado de sus burlas. (FILGUEIRA VALVERDE, 1985, p11)

Diante dessas informações, não podemos deixar de considerar que o rei tinha um excelente conhecimento do galego-português, tanto por conta da sua educação como monarca, quanto por consequência do período que passou na Galiza durante a infância. Esses detalhes da vida de Afonso X podem levantar a hipótese de que o Rei Sábio teria sido, inclusive, falante nativo de galego-português; afinal, de acordo com Massini-Cagliari (2005, p. 22), tratam-se de “não-desprezíveis nove anos, bem na fase de aquisição da língua materna (dos dois aos onze anos)”.

Leão (2007, p.19) afirma que o rei sentia que o trono – ocupado por ele desde seus 31 anos e no qual permaneceu durante trinta e dois anos (de 1252 a 1284) – lhe pesava como um fardo, principalmente em decorrência das constantes intrigas da corte e discussões familiares. A autora (LEÃO, 2007, p.19) enfatiza ainda que o que o consolava e o tirava da sufocante realidade da corte eram os estudos e as mulheres: “das mulheres, que foram várias, reconheceu doze filhos: oito legítimos e quatro bastardos. Do estudo recebeu a fama e a glória, que lhe valeram o cognome de ‘o Sábio’, reconhecido em todo o ocidente europeu de então”.

Para alguns autores (SNOW, 1987; FILGUEIRA VALVERDE, 1985), Afonso X não realizou todas as suas intenções políticas, mas foi compensado no âmbito cultural no qual dominou em diversos campos: o histórico, o jurídico, o das ciências naturais, o das narrativas e louvores religiosos, o das *Cantigas* e, por fim, o da lírica profana. Segundo Gonzáles Jiménez (1999, p.1),

Alfonso X, el Sabio fue, sin lugar a dudas, el monarca más universal y brillante que produjo la Edad Media hispánica; el más universal, por la amplitud de sus conexiones, y el más brillante, por la amplitud de su cultura, por el hábito renovador de sus leyes y por la generosidad y ambición de sus empresas artísticas e culturales.

Bertolucci Pizzorusso (1993b, p. 37) lembra que os trovadores encontravam no rei não apenas um patrono, mas também um inteligente e interessado interlocutor tanto para questões literárias quanto científicas. Em razão disso, sua corte foi o ponto de encontro de trovadores provençais e de muitos poetas representativos da lírica galego-portuguesa.

A produção das cantigas acompanhou o rei sábio durante muitos anos de sua vida até a sua morte; porém, muitos estudiosos das *CSM* (METTMANN 1986, LEÃO 2007, BERTOLUCCI PIZZORUSSOO, 1993a) levantam a possibilidade de não ter sido Afonso X o autor de toda essa produção poética, levantando hipóteses de que ele seria apenas o coordenador do projeto ou, ainda, poderia ter escrito algumas cantigas e mandado escrever outras.

Bertolucci Pizzorusso (1993a, p.145) diz que o rei poderia ter escolhido o tema, orientado a forma de o tratar e feito a revisão final das *CSM*. Mettmann (1986, p. 14) diz que existe uma variação de estilo nas cantigas o que seria indício de que elas teriam sido compostas por mais de um autor. Para Mettmann, o rei poderia ter composto as cantigas que são narradas em primeira pessoa, como a *CSM* 401, na qual Afonso X pede à Virgem para interceder junto a Deus, para que Ele perdoe seus pecados e o receba no paraíso e permita com que ele faça o melhor como rei. Abaixo, apresentamos as estrofes 4 e 5 dessa cantiga (METTMANN, 1989, p. 304), que possui um total de 101 versos.

(1.1)

Esta é a petição que fezo el Rey a Santa Maria

Outros rogos sen estes | te quer'ora fazer:
 que rogues a teu Fillo | que me faça viver,
 per que servi-lo possa, | e que me dê poder
 contra seus ãemigos | e lles faça perder
 o que teñ forçado, | que non deven aver,
 e me guarde de morte | per ocajon prender,
 e que de meus amigos | veja senpre prazer,
 e que possa mias gentes | en justiça teër,
 e que senpre ben sábia | enpregar meu aver,
 que os que mio fillaren | mio sábian gradeçer.

E ainda te rogo | Virgen, bõa Sennor,
 que rogues a teu Fillo | que, mentr' eu aqui for
 en este mundo, queira que faça o mellor,
 per que del e dos bõos | sempr' aja seu amor;
 e, pois Rey me fez, queira | que reyn' a seu sabor,
 e de mi e dos reynos | seja el guardador,
 que me deu e dar pode | quando ll'en prazer for;
 e que el me deffenda | de fals' e traedor,
 e outrossi me guarde | de mal consellador
 e d'ome que mal serve | e é mui pedidor.

Parkinson (1998, p. 185) chega à conclusão de que a confecção das cantigas, dada a grandiosidade da obra, deveu-se não apenas ao monarca, mas sim, a uma equipe de músicos, copistas, tradutores⁵ e miniaturistas, organizada e comandada pelo rei. Se essa suposição for correta, fica-nos a dúvida sobre quem teriam sido os colaboradores de Afonso X. No códice *E*, próximo à cantiga 223, está escrito o nome do poeta Airas Nunes que, segundo hipótese de Mettman (1986, p.20), pode ser um colaborador da escrita das *CSM*, pois existem características parecidas entre os 15 poemas profanos que são atribuídos ao autor e algumas das *CSM*.

De qualquer forma, é notável a personalização da obra, como observa Bertolucci Pizzorusso (1993a, p.145): “é no entanto muito evidente uma acentuada personalização desta obra, quer no seu conjunto, como real, anormal ‘rosário’ e livro meritório oferecido por Afonso à Virgem Maria pela sua salvação individual”. Na opinião de Snow (1999, p.158),

Alfonso mismo es fazedor de libros, aunque en un sentido especial: uno que reconoce varios tipos de intervención personal en la confección y elaboración de los libros por él patrocinados y que, al mismo tiempo, supone la necesaria y activa intervención de otros muchos colaboradores.

⁵A bondade da Virgem e a imploração por sua ajuda foi muito explorada na Idade Média, tanto em latim quanto em línguas vernáculas. Mettmann (1986, p. 10) diz que já no século XI haviam sido compostas na Inglaterra e na França algumas obras escritas em latim sobre os milagres de Santa Maria. Em vernáculo, os livros de maior importância neste contexto são *Miracles de Notre Dame* de Gautier de Coinci (1177-1236) e *Milagros de Nuestra Señora* de Gonzalo de Berceo (aproximadamente 1240-1250). Para o autor, a obra de Gautier de Coinci era conhecida de Afonso X e seus possíveis colaboradores, mas não se tem certeza de que os *Milagros* fosse uma obra conhecida deles. Para Castro (2006), a figura de Maria representa um mito antigo, que tem origem nos cultos de deusas que representavam a Grande Mãe na região do Oriente Médio. Este tipo de mito sempre mereceu forte devoção popular, o que aconteceu também nas religiões pagãs na Europa. Para este autor (CASTRO, 2006, p.133), “a condição de Maria não ser uma deusa por natureza contribuiu para o fortalecimento de seu culto, isto é, por Ela ser humana a população a sentiu mais próxima de si e a elegeu com mais fé”. Castro (2006) lembra ainda que Maria representa o nível divino na obra de Afonso X porque, embora haja menções a Deus e a Jesus, a Virgem Mãe é sempre a personagem principal.

Para Leão (2007, p.20), mesmo que não tenha sido Afonso X o único a compor todas as cantigas, o rei é o autor incontestável e de direito, pois ele foi o planejador e supervisor dessa grandiosa obra.

Outra discussão importante em torno desses textos religiosos diz respeito à linguagem escolhida para sua elaboração. Como foi mencionado na Introdução desta dissertação, durante muito tempo as *CSM* foram esquecidas como fonte primária de galego-português, já que muitos estudiosos acreditam que Afonso X não era falante nativo desta língua, mas sim, do castelhano. Leão (2002, 2007), por exemplo, acredita que o rei Afonso X é falante nativo de castelhano, de forma que seria inevitável, para essa autora, uma interferência da língua materna do monarca no galego-português das *CSM*. No entanto, como vimos, estudiosos como Filgueira Valverde (1985) e Peña (1973) acreditam que, como o rei passou parte de sua infância na Galiza, muito provavelmente ele tem, no mínimo, um bom conhecimento do galego-português, com grandes chances de ser até mesmo considerado falante nativo, de modo que pôde escrever e/ou coordenar a elaboração dessas cantigas com fidelidade à língua, considerada na época o verdadeiro idioma literário.

Leão (2007, p.151) levanta a hipótese de que a linguagem das *CSM* estaria distante da língua oral corrente, já que se trata de uma obra literária, mas lembra que a língua oral não está de todo ausente, pois aparece em alguns momentos:

Assim, a língua oral, isto é, o galego-português do povo, não está de todo ausente das *Cantigas de Santa Maria*, mas aflora em algumas situações. O trovador muitas vezes recorre a ditos populares, ou estes explodem à sua revelia, no texto escrito que se vai construindo. Isso sem contar que todo bom narrador – e D. Afonso é um ótimo narrador – dá um cunho de irrecusável oralidade aos seus diálogos. Há nas *Cantigas de Santa Maria*, diálogos tão naturais, que quase nos fazem ouvir as vozes de seus interlocutores.

No entanto, Filgueira Valverde (1985) tem uma opinião diferente da autora, pois reconhece uma especificidade mais popular nas cantigas. Para o autor (FILGUEIRA VALVERDE, 1985, p. 39), “*la lengua de los trovadores no era algo artificial, sino un producto artístico, sincero, inspirado muy de cerca en el gallego vulgar*”.

A autora também parte do princípio de que as *CSM* teriam uma sintaxe mais “retorcida”, ou seja, ocorreria, nas *CSM*, uma inversão da ordem natural das palavras dentro dos sintagmas e da ordem deles dentro das orações. Leão (2007 p. 152) afirma que “algumas frases têm construção tão arrevesada em relação à língua oral, que se diriam cunhadas em moldes latinos”. Além disso, Leão (2007 p. 152) ainda aponta a necessidade de inverter

elementos da frase por necessidade de rima, o que distanciaria as *CSM* da simplicidade estrutural das cantigas profanas. Massini-Cagliari (2007, p.113) também ressalta que as *CSM* têm um nível de formalidade de expressão maior, se comparadas às cantigas profanas, por conta da tendência latinizante própria do discurso religioso, afinal, o latim ainda é língua oficial da igreja. Porém, para essa autora, apesar dessa tendência latinizante do léxico, a fonologia das *CSM* não apresenta diferenças significativas com relação à das cantigas profanas. Para Leão (2007, p.152), a riqueza do vocabulário das *CSM* é notável, dada a diversidade de temas que partem da vida religiosa, mas acabam por apresentar a vida da sociedade medieval como um todo. Nesse ponto, Filgueira Valverde (1985, p.21) concorda com essa estudiosa, observando que o rei, numa busca incessante de novos assuntos e de estruturas rítmicas para expressá-los, preocupou-se com cada detalhe da narração poética ou histórica.

Com relação à identidade lingüística do galego-português das *CSM*, Leão (2007, p.153) acredita que a linguagem das *CSM*, no que se refere à fonologia e à morfologia, encaminha-se para o padrão galego, enquanto que a linguagem dos três cancioneiros profanos aponta para o português. Ferreira (1994, p. 66), em consonância com a autora, acredita que no códice E há a presença de um grande número de formas que apresentam uma forte influência castelhana.

Massini-Cagliari (2005; 2007), no entanto, não concorda totalmente com Leão (2002, 2007), quanto às diferenças na linguagem dos cancioneiros profanos em comparação com as *CSM*. A partir de um estudo comparativo de alguns aspectos prosódicos entre a poesia profana (cantigas de amigo, amor, escárnio e maldizer) da região de Portugal e Galiza, e das *CSM*, a autora (MASSINI-CAGLIARI, 2005, 2007) prova que as duas dimensões do PA consideradas são muito próximas nos elementos prosódicos analisados. Assim, as diferenças encontradas entre o discurso religioso e o profano não são relacionados à tipologia dos fenômenos fonológicos, mas são relacionados à frequência com que esses processos ocorrem, isto é, a complexidade do ataque silábico, os processos de sândi, e os encontros vocálicos intravocabulares, por exemplo, são os mesmos encontrados tanto no cancionero profano quanto no religioso, porém, com uma frequência que varia entre os dois cancioneiros. Concluindo as comparações entre as cantigas religiosas e profanas, Massini-Cagliari (2007, p.122) afirma que “não havendo distinções tipológicas, não há diferenças de sistema; em outras palavras, trata-se de uma e a mesma língua”.

Dessas cantigas religiosas (METTMANN, 1986, p.7), 356 são narrativas e relatam os milagres da Virgem (cantigas de *miragre*); as demais – excetuando a introdução e dois

prólogos – são de louvor (cantigas de *loor*) ou se referem a festividades religiosas. Além disso, todas estão acompanhadas de músicas (menos a introdução). Para Mettmann (1986, p.8),

Por haberse logrado en ellas un perfecto equilibrio entre texto, melodias y pintura ocupan las Cantigas de Santa Maria un lugar privilegiado en La literatura medieval, y no cabe duda de que para su região ‘autor’, el “fazer sões” y el “pintar” (ctg. 377) no eran de menor importancia que el “contar”, “trobar” y “rimar”. Huelga subrayar el rango que en la historia de la espiritualidad les corresponde a las Cantigas como al monumento literario más destacado del culto mariano en la Península Ibérica, su interes para la historia de la métrica y, finalmente, su importância como una de las fuentes más ricas del galaico-português antiguo.

Bertolucci Pizzorusso (1993a, p.144) chama a atenção para a extrema variedade de fórmulas métricas, sobretudo nos *loores*, enquanto nos *mirages* é predominante o esquema *zejelesco*⁶ (ou *virelai*). Resumimos, abaixo, algumas das principais características dos dois tipos de CSM.

I) Cantigas de *Miragre*: Segundo Leão (2007, p.23), essas cantigas pertencem ao gênero narrativo e descrevem as intervenções milagrosas da Virgem em benefício de seus devotos. Para a autora, as cantigas de milagre são uma valiosa fonte histórica para o conhecimento dos costumes da Idade Média, seu cotidiano e imaginário popular. Fidalgo (2002, p.17) enfatiza que “*a dimensión taumatúrxica dos santos é fundamental para entender a relixión popular da Idade Media porque os santos interveñen alí onde a vida do home medieval é máis precaria*”, como diante da enfermidade e da miséria. O milagre é objeto de três narrativas complementares (LEÃO, 2007, p.26-27):

- a) uma narrativa textual extensiva, com mais ou menos episódios, em versos;
- b) uma narrativa iconográfica em iluminuras, que se dispõem numa só página, dividida em seis quadros [...];
- c) outra narrativa textual, resumida, sob a forma de seis legendas, cada uma delas colocada acima de um quadro da sequência de iluminuras.

⁶ Na sua forma básica, o *zéjel* se constitui de um refrão com dois versos rimados, seguido de estrofes de quatro versos, compostas cada uma de um trístico monorrímo com rimas diferentes de estrofe para estrofe (a “mudança”), mais um quarto verso que rima com o refrão (a “volta”). (LEÃO, 2007, p. 38, 39, grifos da autora).

Como exemplo, temos, abaixo, a cantiga 74 (METTMANN, 1986, p.242-243) e a iluminura que a acompanha (LEÃO, 2007, p.33):

(1.2)

Como Santa Maria guareceu o pintor que o demo quisera matar porque o pintava feo.

Quen Santa Maria quiser deffender,
non lle pod' o demo niun mal fazer.

E dest' un miragre vos quero contar
de como Santa Maria quis guardar
un seu pintor que punnava de pintar
ela muy fremos' a todo seu poder.
Quen Santa Maria quiser defender...

E ao demo mais feo d' outra ren
pintava el sempr'; e o demo poren
lle disse: «Por que me tões en desden,
ou por que me fazes tan mal parecer
Quen Santa Maria quiser defender...

A quantos me veen?» E el diss' enton:
«Esto que ch' eu faço é con gran razon,
ca tu sempre mal fazes, e do ben non
te queres per nulla ren entrameter.»
Quen Santa Maria quiser defender...

Pois est' ouve dit', o demo ss' assannou
e o pintor ferament' amẽaçou
de o matar, e carreira lle buscou
per que o fezesse mui çedo morrer.
Quen Santa Maria quiser defender...

Porend' un día o espreytou aly
u estava pintando, com' aprendi,
a omagen da Virgen, segund' oý,
e punnava de a mui ben compõer,
Quen Santa Maria quiser defender...

Por que pareçesse mui fremos' assaz.
Mais enton o dem', en que todo mal jaz,
trouxe tan gran vento como quando faz
mui grandes torvões e que quer chover.
Quen Santa Maria quiser defender...

Pois aquel vento na ygreja entrou,

en quanto o pintor estava deitou
en terra; mais el log' a Virgen chamou,
Madre de Deus, que o vess' acorrer.
Quen Santa Maria quiser defender...

E ela logo tan toste ll' acorreu
e fez-lle que eno pinzel se soffreu
con que pintava; e poren non caeu,
nen lle pod' o dem' en ren enpeeçer.
Quen Santa Maria quiser defender...

E ao gran son que a madeira fez
vẽeron as gentes logo dessa vez,
e viron o demo mais negro ca pez
fogir da ygreja u ss' ya perder.
Quen Santa Maria quiser defender...

E ar viron com' estava o pintor
colgado do pinzel; e poren loor
deron aa Madre de Nostro Sennor,
que aos seus quer na gran coita valer.
Quen Santa Maria quiser defender...

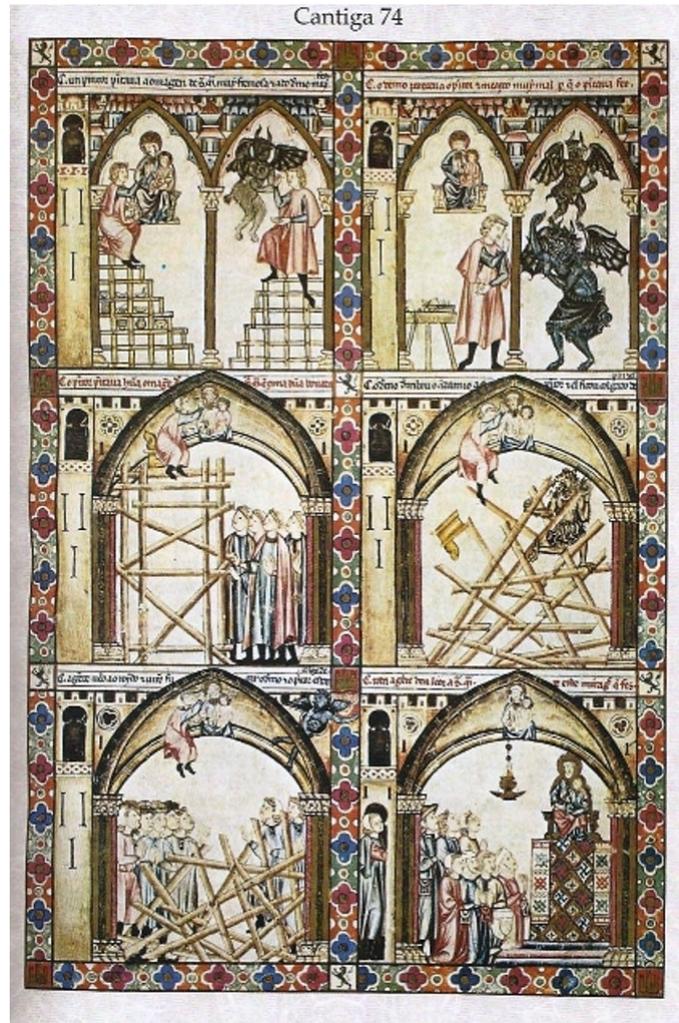


Figura 1.1 – Miniatura que acompanha a CSM 74 (LEÃO, 2007, p.33).

II) Cantigas de *Loor*: Essas cantigas correspondem à parte essencialmente lírica das CSM, nas quais encontramos a figura do poeta louvando e exaltando as qualidades de Santa Maria. Para Leão (2007, p.29), Afonso X foi um apaixonado “trovador da Virgem”; de modo que, nas cantigas de *loor*, uma característica que chama a atenção é o fato da mescla do amor cortês e os ideais do cristianismo, pois a Virgem é nas CSM a “*mia Sennor*” para a qual o poeta se dirige, mas com intenções religiosas. Como exemplo, podemos observar a CSM 70, que exalta a Virgem e as letras de seu nome.

(1.3)

*Esta é de loor de Santa Maria, das çinque leteras
que á no seu nome e o que queren dizer.*

Eno nome de Maria
çinque letras, no-mais, y á.

M mostra MADR' e MAYOR
e mais MANSA e mui MELLOR
de quant' al fez Nostro Sennor
nen que fazer poderia.
Eno nome de Maria...

A demostra AVOGADA,
APOSTA e AORADA,
e AMIGA e AMADA
da mui santa conpannia.
Eno nome de Maria...

R mostra RAM' e RAYZ,
e REYNN' e Emperadriz,
ROSA do mundo; e fiiz
quena visse ben seria.
Eno nome de Maria...

I nos mostra JHESU-CRISTO⁷,
JUSTO JUYZ, e por isto
foi por ela de nos visto,
segun disse Ysaía.
Eno nome de Maria...

A ar diz que AVEREMOS
e que tod' ACABAREMOS
aquele que nos queremos
de Deus, pois ela nos guia.
Eno nome de Maria...

As CSM foram reunidas em quatro manuscritos: Códice de Toledo (To), o Códice Rico ou Códice das Histórias de El Escorial, (T); o Códice de Florença (F), e o Códice dos músicos de El Escorial (E), encomendados pelo Rei AfonsoX de Castela, no final do século XIII. Esses códices foram alvo de algumas edições, sendo a mais conhecida e consultada a de

⁷ Segundo Massini-Cagliari (1998, p.163), na época medieval, a letra <j> também podia representar o som do [i].

Mettmann, em três volumes de 1986, 1988 e 1989, respectivamente.⁸ A variedade das formas métricas é, para Mettmann (1986, p.7), extraordinária, sobretudo nas 64 cantigas narrativas que mostram 53 combinações diferentes.

Leão (2007, p. 30) lembra que os manuscritos são todos desiguais quanto ao número de cantigas, de iluminuras e notações musicais. Segundo Schaffer (2000, p. 186), “*these four Alfonsine manuscripts are not copies of a single exemplar or of a single work. On the contrary, each manuscript or version represents a particular perspective, vision or project*”. Dessa forma, a autora chama a atenção para o fato de que se deve observar o conjunto total das CSM, levando em consideração os quatro manuscritos remanescentes, porque eles têm características próprias.

A questão da interrelação entre os manuscritos e suas fontes é algo que gera polêmica entre alguns estudiosos. Para Mettmann (1986, p. 22), por exemplo, os autores das cantigas as escreviam, primeiramente, em folhas soltas, chamadas de *rótulos* ([r1], [r2] e [r3]), de acordo com o *stemma*⁹ (1.2) adiante.

De acordo com o autor, e analisando o *stemma* proposto por ele, a partir de [r1] se originou uma coleção [To⁰], que seria a fonte para as CSM presentes no códice To e partes de F e T. Já [r2] é composto de cem cantigas e complementa T e E, enquanto [r3] contém duzentas cantigas, a fim de completar F e E. O códice E também se servia de cantigas do *rótulo* [r1].

Entretanto, Ferreira (1994) discorda de Mettmann (1986) sobre a interrelação entre os manuscritos. Para o autor, Mettmann (1986) teria organizado o *stemma* de modo que as conclusões favorecessem a escolha do códice E como base para a sua edição das CSM:

Mettmann would have to suppose that To depends on an ultracorrected version of the original, but he stops short of this absurd, yet entirely logical consequence. His proposed stemma allows him to justify both the prominence of E in his edition and the selective acceptance of variants from To and T/F. (FERREIRA, 1994, p. 64)

⁸O autor já havia publicado anteriormente, em 1972, em Coimbra, uma edição em quatro volumes, da qual consta um Glossário.

⁹“ ‘*stemma codicum*’ ou estema = representação gráfica das relações existentes entre os vários testemunhos da tradição manuscrita. Trata-se das relações de parentesco, como numa verdadeira árvore genealógica, que representa a filiação de uma família.” (SPAGGIARI, 2004, p. 33)

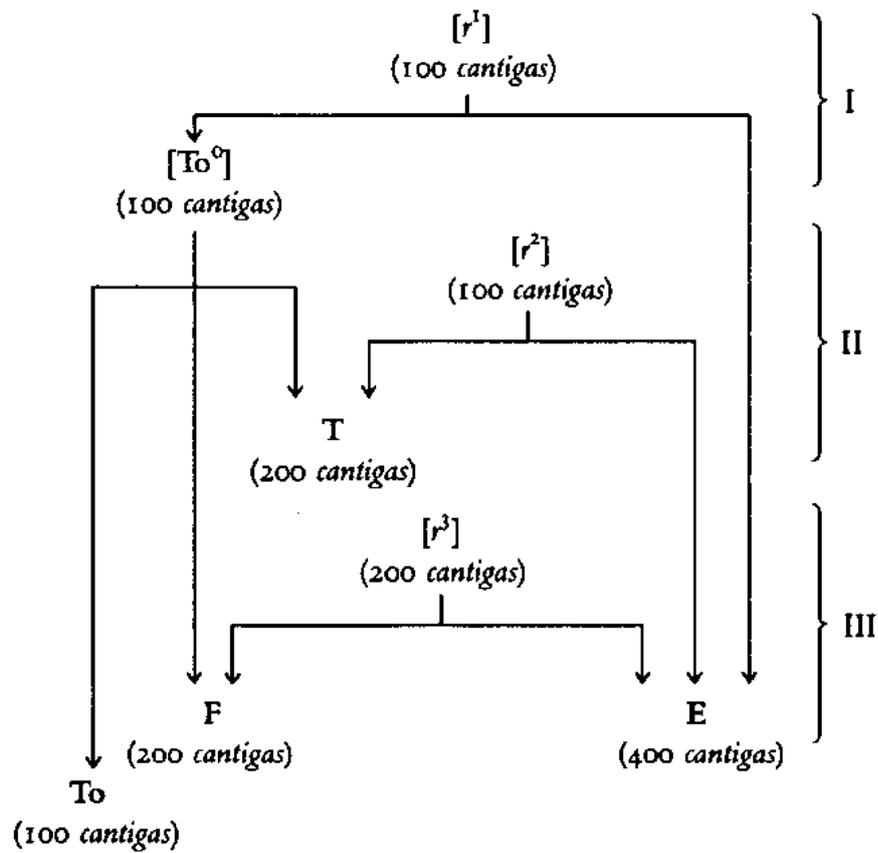


Figura 1.2 – *Stemma* proposto por Mettmann (1986, p. 23).

Como podemos observar nas palavras de Ferreira (1994), esse autor acredita ainda ser absurda a idéia de que To dependia de uma versão ultracorrigida de $[r^1]$. Assim, a partir da análise das anomalias do *lay-out* dos códices, o autor propõe o *stemma* abaixo:

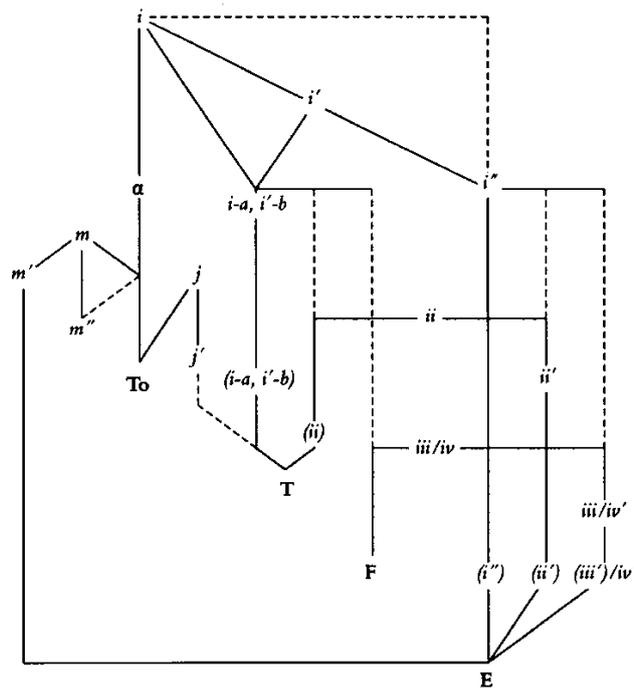


Figura 1.3 – *Stemma* proposto por Ferreira (1994, p. 69).

Podemos observar que a proposta de Ferreira (1994) é mais detalhada em relação à de Mettmann (1986). Nesse esquema, *i* representa a coleção original de cem cantigas, escritas em *rotuli* individuais, a partir das quais se acredita terem sido organizados os códices. Para o autor (FERREIRA, 1994, p. 64), a organização do *stemma* das CSM é feita da seguinte forma:

From collection i a copy, i', was made, in rotuli, loose folios or gatherings. The editor of T had at his disposal two kinds of written material: for around thirty or more cantigas (group a) he used as exemplar the same original upon which To is based, or a closely related exemplar; for approximately seventy or more cantigas (group b) he made use of folios from copy i'. Only a few cantigas were present in both groups. These material were reorganized according to a new numerical and codicological plan, denoted with parenthesis in the figure. Remains of the primitive collection and the originals of the second group of one hundred cantigas – ii – were added to these materials and organized according to the same plan – (ii). Manuscript F made use of a few cantigas from the primitive collection but was mostly based on new originals making a third group of one hundred – iii – and at least a third, or possibly the totality, of the last one hundred cantigas – i –. The songs were not copied, however, according to the intended order. Meanwhile, a new copy, modelled on i', had been made of the first one hundred songs – i'' – and another of the second, third and fourth groups of one hundred – ii', iii'/iv'. The first three groups of one hundred were reorganized under the same principles of T for the copying of manuscript E: (i''), (ii'), (iii'), while the last one was left with only a decadal ordering. The dotted line between i and i'', leading to E, represents the few songs that were available in the original to the copyist of ii' or of E.

Considera-se normalmente que To é, entre todos, o códice mais próximo do original das cantigas. Notamos, através dos *stemma* acima, que os dois autores (FERREIRA, 1994; METTMANN, 1986) consideram To uma cópia da compilação original (embora Ferreira acredite ser uma cópia bastante próxima ao original). No entanto, Wulstan (2000, p. 181) propõe outro *stemma*, no qual considera que a compilação original se restringiria a 50 cantigas e, portanto, não corresponderia a To. O *stemma* de Wulstan pode ser observado na figura 1.4, abaixo:

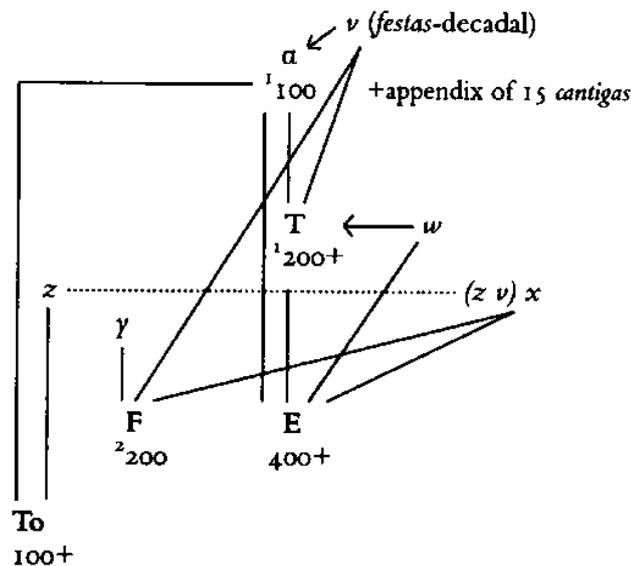


Figura 1.4 – *Stemma* proposto por Wulstan (2000, p. 181).

De qualquer forma, todos os tipos de *stemma* propostos para as CSM levam em consideração a ampliação da coleção de 100 a 200 e, posteriormente, a 400 cantigas.

De acordo com Mettmann (1986, p.25), o Códice de Toledo (To) contém 160 folhas de pergaminho avitelado, sendo que cada uma tem 315 milímetros de altura por 217 largura. O espaço que compreende o texto mede 225 milímetros de altura por 151 de largura e é escrito em duas colunas de 27 linhas cada uma, em letra francesa do século XIII. Na coluna, a escrita é alternada com tinta vermelha e preta (os quatro primeiros versos são feitos com tinta vermelha e os quatro seguintes com tinta preta, alternando igualmente até o final da coluna). A primeira letra da cantiga é colorida de azul e vermelho e as letras iniciais de cada verso são vermelhas, para os versos de tinta preta, e azuis, para os versos de tinta vermelha. A sua encadernação é de pele vermelha com fechos de metal.

1.
PRÓLOGO, fol. 9 v.

D q' trobar e' coufa en d'ias
entendim'nto por en queno faz
ao nauer. e' de rason astas
per que entenda e' sabia viser
o que entende de viser lle puz
ca ven trobar ad'nta de fazer

2.
CANTIGA I, fol. 10 r.

Esta e' a p'meta cantiga de
loer de santa maria. ementado
los. vii. goyes q' ouue de seu fillo.
D'logt mais q'ntu trobar
pola sem'nal onrada
en que teus quis carne' filiar
b'ceta r' sagrada
puz nos dar gran solrada

Figura 1.5 – Prólogo, fol 9 v. e Cantiga 1, fol 10 r. – Códice de Toledo.
Fonte: <http://www.pbm.com/~lindah/cantigas/facsimiles/To/bob001small.gif>
(acesso em 22 out 2009).

O Códice Rico é, segundo Massini-Cagliari (2005, p. 71), conhecido por essa denominação, “dada a riqueza do material com que foi feito, o cuidado e o capricho de suas notações musicais e das letras das cantigas e a riqueza e beleza das suas miniaturas”. Mettmann (1986, p. 29) descreve os detalhes deste códice. Segundo o autor, esse manuscrito contém 256 folhas de pergaminho avitelado com 485 milímetros de altura por 326 milímetros de largura. O texto é dividido em duas colunas de 44 linhas cada uma, também escritas em letra francesa do século XIII. Possui uma única folha de guarda e a sua encadernação é de tábua forrada com couro. As letras capitais e iniciais de verso possuem adornos simples que alternam em azul e vermelho e, ao pé das páginas, tem-se um comentário explicativo de cada cantiga, entre os quais alguns estão quase apagados por causa do manuseio; esses comentários

só chegam até a cantiga XXV. O manuscrito é adornado por 1257 miniaturas, compreendidas em 210 páginas, cujo tamanho dessas miniaturas varia entre 334 milímetros de altura por 230 de largura, para as miniaturas de página inteira, e 109 por 100, para as de compartimento; algumas figuras de pé de página têm 65 milímetros de altura.

Situado na Biblioteca Nacional de Florença e contendo 104 cantigas entre louvores (*loores*) e milagres (*miragres*) de Nossa Senhora, o Códice de Florença é composto de 131 folhas de pergaminho com 456 milímetros de altura por 320 de largura. Segundo Mettmann (1986, p. 32 – 33), as folhas desse manuscrito provavelmente seriam originalmente maiores, já que é possível notar que elas foram cortadas, sobretudo na parte inferior. Observando as páginas que restaram, o autor chega à conclusão de que esse manuscrito continha pelo menos 166 folhas. A encadernação é de tábua de madeira coberta com pele e frisos dourados e a escrita é em letra gótica francesa do fim do século XIII, disposta, no geral, em duas colunas (existem casos em que está disposta em três colunas e até mesmo em uma só). As cantigas começam sempre abaixo das pautas musicais, as quais não foram escritas nesse pergaminho. Há, como nos anteriores, a alternância das letras iniciais de verso em vermelho e azul, sendo que o título e o refrão são sempre escritos com tinta vermelha e as estrofes com tinta preta. A letra maiúscula inicial também é bem decorada em diversas cores e desenhos, como ocorre com os manuscritos franceses e italianos da época. Além disso, esse manuscrito possui miniaturas decorativas e explicativas de cada cantiga, apesar de algumas das páginas dedicadas às miniaturas não estarem completamente acabadas, havendo algumas que têm apenas parte dos quadrinhos terminada, umas que foram apenas desenhadas e outras em que há apenas um friso pintado e os quadrinhos traçados.

Por fim, o Códice dos Músicos contém, de acordo com Mettmann (1986, p.27), 361 folhas de pergaminho avitelado e 6 folhas de guarda, sendo cada uma de 402 milímetros de altura por 274 de largura. A caixa do texto varia entre 303 ou 309 milímetros de altura por 198 de largura; é escrito em duas colunas de 92 milímetros de largura com 40 linhas cada, em letra francesa do século XIII. Contém 420 cantigas. Cada cantiga começa com uma maiúscula azul com enfeites em vermelho que mede 126 milímetros de altura por 58 de largura em média; as iniciais dos versos alternam entre azuis e vermelhas e a maiúscula inicial da primeira cantiga possui pontos de ouro. A cada dez cantigas tem-se uma miniatura da largura da coluna e com 80 milímetros de altura que contém ilustrações de músicos tocando violas de arco, tuba, tímpanos ou outros instrumentos. A encadernação desse manuscrito é de papelão forrado com pele escura.

As características gerais de cada um dos códices podem ser observadas no quadro abaixo (traduzido de PARKINSON 1998, p.180):

Nome e Sigla	Conteúdo	Decoração	Bibliografia
To (códice de Toledo) BN Madrid 10069 (antigamente da Biblioteca da Catedral de Toledo).	Título, índice de 100 cantigas, prólogo, 100 cantigas numeradas, <i>Petiçon</i> ; 5 cantigas das Festas de Santa Maria precedidas de rubrica explicativa; 5 cantigas das Festas de Jesus Cristo precedidas por rubrica explicativa e com indicações marginais sobre o uso litúrgico; 16 cantigas adicionais ao apêndice precedidas por rubrica explicativa.	Decoração e <i>mise en page</i> relativamente simples.	Ferreira 1994.
T (códice rico; códice das histórias) El Escorial, Real Monastério de <i>San Lorenzo</i> , MS T.I.1.	Índice (de 200 cantigas), título, prólogo e 192 cantigas com músicas (lacunas nos números 40, 150-151, 196-200); um fragmento da cantiga 424 foi copiado (posteriormente?) numa folha branca depois do índice; as cantigas 2-25 têm versões castelhanas do século XIV.	Decoração e <i>mise en page</i> complexa: cada cantiga está ilustrada com seis ou doze miniaturas numa ou duas páginas completas que seguem o texto, que ocupa uma ou mais páginas completas. Nas CSM 2-25 existe uma versão castelhana por baixo das miniaturas.	Reproduzido em <i>Affonso X el Sabio, Las Cantigas de Santa Maria</i> . Edição em facsimile. <i>El códice rico del Escorial</i> (Manuscrito Escorialense TJ1) 2 volumes (Madrid: Edilan, 1979).
F (códice de Florença), Florença, Biblioteca Nacional Central, Banco Rari, 20.	Texto (às vezes incompleto) de 103 cantigas com pautas musicais, mas sem notação musical, muitas delas seguidas por uma ou duas páginas de miniaturas sem o texto correspondente; várias páginas preparadas para miniaturas.	Decoração e <i>mise en page</i> semelhante a T.	Reproduzido em <i>Affonso X el Sabio, Las Cantigas de Santa Maria</i> . Edição em facsimile do códice B. R. 20 da Biblioteca Nacional Central de Florença, 2 volumes (Madrid, Edilan, 1989). Descrição em Aita, 1921).
E (códice dos músicos), El Escorial, Real Monastério de San Lorenzo, MS B.I.2.	12 cantigas numeradas das Festas de Santa Maria, com prólogo; índice; título, prólogo, 400 cantigas numeradas com música para a primeira estrofe (excepcionalmente, para todas as estrofes; falta na 298 e 365); <i>Petiçon</i> e epílogo sem música.	<i>Mise en page</i> semelhante ao de To com elementos adicionais de decoração (cada cantiga de <i>loor</i> está precedida de uma miniatura com músicos).	Reproduzido em facsimile monocromado em H. Anglés, volume 1, 1964.

Quadro 1.2 – Resumo das principais características dos Códices das CSM (Parkinson, 1998, p.180)

1.3 Corpus PB

Para coletarmos os dados relativos ao PB, fizemos uma pesquisa inicial em um banco de dados construído com recursos da FAPESP e da UNESP, por uma equipe coordenada pelo Prof. Francisco da Silva Borba e que está disponível no Laboratório de Lexicografia da UNESP (LabLEX). Segundo o site do LabLEX¹⁰, este laboratório é “ponto de chegada do Centro de Estudos Lexicográficos instalado em 1990 na Faculdade de Ciências e Letras - Câmpus de Araraquara - *UNESP*”. Atualmente o LabLex conta com instalações próprias para o desenvolvimento de várias atividades de pesquisa.

A dedicação aos estudos lexicográficos, de base gramatical e lingüística, constitui uma tradição das pesquisas ligadas ao Curso de Graduação em Letras da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP de Araraquara, desde as suas origens. No início, as pesquisas apontavam para o estudo da história da língua, particularmente para a história da lexicografia portuguesa, das gramáticas comparadas, da filologia e da estilística. Esta vertente acabou incorporando as novas conquistas que vieram com a ruptura epistemológica dos estudos lingüísticos de base estrutural a partir da segunda metade dos anos 60. Com o início dos cursos de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa, desenvolveram-se várias monografias, dissertações e teses com temática voltada aos estudos da lexicologia, o que contribuiu para o aprofundamento dessas pesquisas em Araraquara. De acordo o site do LabLEX, desde aquela época

formou-se e continua sendo formada, portanto, uma base material competente e já amadurecida que aglutina os docentes de Letras, desta Faculdade, outros docentes de Letras da UNESP e pesquisadores de outras instituições de outras áreas do saber (por exemplo, um dicionário técnico-científico pode incluir, se necessário, pesquisadores com bom domínio de termos científicos das áreas de Química, Física, Engenharia, Medicina, etc.).

Vários projetos já foram desenvolvidos e concluídos no LabLEX, como o *DUP - Dicionário de Usos do Português do Brasil*, a *Gramática de Usos do Português* e o *Dicionário Contemporâneo de Português*. Nesse laboratório, atualmente, são desenvolvidos três projetos: *Dicionário Histórico do Português do Brasil dos Séculos XVI, XVII e XVIII*;

¹⁰ O site do LabLEX é <http://cel08.fclar.unesp.br>.

Dicionário de Verbos Bilíngüe: Português/Alemão e Grande Dicionário do Português no Brasil.

Para nossa coleta de dados referentes ao PB fizemos uso do mesmo banco de dados que está sendo usado para a confecção do *Dicionário de Verbos Bilíngüe: Português/Alemão* e do *Grande Dicionário do Português no Brasil*. Com o propósito inicial de fazer um dicionário que focalizasse a regência dos verbos, esse *corpus*, chamado por Borba de “*Corpus de Araraquara*”, começou a ser idealizado no fim da década de 70 com muita dificuldade, já que não havia computadores para o gerenciamento dos dados. Após anos de pesquisa, foi publicado o primeiro dicionário feito a partir desses dados: o *Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil* (2002). Posteriormente, foram adquiridos alguns computadores; assim, o gerenciamento dos dados tornou-se mais fácil e o *corpus* continuou a ser atualizado. Ainda na década de 90, começou a ser usado o software *Folio VIEWS*[®] 3.1, que ainda hoje continua sendo empregado para a organização e manipulação dos dados.

Esse é um *corpus* extenso e abrangente; segundo Pinto Junior (2009, p.25), “a vantagem de um *corpus* geral é que ele mostra, de modo amplo, como se realizam as possibilidades combinatórias da língua”, o que nos dá uma boa amostra do PB para realizar esta pesquisa. Conforme esse autor (PINTO JUNIOR, 2009, p. 24),

o *corpus* de Araraquara é bem geral e procura ser representativo da língua escrita no Brasil desde a carta de Caminha. Quantitativamente é aberto, mas, como tem por objetivo primeiro a montagem de um dicionário documentado do português do Brasil, atingirá, numa primeira etapa, 200 milhões de ocorrências. Está dividido em arquivos. Abrange literatura em prosa e em verso, entendendo-se literatura por texto escrito. A prosa compreende literatura ficcional (romances e contos), jornalística (jornais e revistas), dramática (peças de teatro, roteiros de cinema, novelas de televisão ou de rádio), técnica (manuais introdutórios às diversas ciências e técnicas, coleções especiais, teses e dissertações acadêmicas, ensaios, periódicos especializados), oratória (discursos presidenciais, discursos de deputados; sermões e homilias). A literatura de ficção e a dramática também contam com textos traduzidos por brasileiros e publicados no Brasil. Os textos em prosa procuram captar todos os níveis desde o coloquial mais tenso até o popular, desde o que procura efeitos esteticizantes até o simplesmente expositivo. Por isso consistem de romances, contos, relatos, anedotas, crônicas, cartas, propaganda, artigos de fundo e editoriais, dissertações, teses, ensaios, divulgação, etc. Os textos em verso abrangem nossa produção poética, as letras de música popular e os chamados romances em cordel. Procura-se alcançar todos os tipos de textos produzidos em forma escrita, no país e por brasileiros.

Para Pinto Junior (2009, p.24), por ser um *corpus* geral, a prosa acaba por predominar sobre a poesia, porque, segundo ele, a produção contemporânea de poesia é bem menor do que a de prosa. Nesse *corpus* há uma predominância da literatura jornalística sobre a ficcional, afinal, os jornais são meios de comunicação de grande circulação no país, pois, de acordo com Lage (1985, p.35), “o jornalismo se propõe processar informação em escala industrial e para consumo imediato”. Há neste banco amostras, textos de autores de todo o país, como José de Alencar, Machado de Assis, Lima Barreto, Coelho Neto, Jorge Amado e Érico Veríssimo e, como lembra Pinto Junior (2009, p.24), “quantitativamente a literatura ficcional é mais extensa do que a poética, ou mesmo do que a dramática e a oratória, o que está ligado à própria produção desses gêneros”.

O *corpus* conta com quatro bancos de dados separados por épocas, porém, por motivos históricos, predominam os textos a partir do século XX em diante, “já que os jornais só começaram a circular regularmente no início do século 19, com a vinda da Família Real para o Rio de Janeiro. D. João VI instalou a Impressão Régia logo em 1808” (PINTO JUNIOR, 2009, p.24).

Como expusemos, esse *corpus* possui diversos textos que estão separados para buscas por período de tempo: CP1 (de 1900 a 1950), CP2 (de 1950 a 2000), CP3 (de 1500 a 1900) e CP4 (*corpus* de referência). O *corpus* está passando, no momento, por uma reorganização dos dados; desta forma, é difícil estabelecer o número exato de ocorrências e de todas as obras contidas em cada um deles. Os que já estão em processo de reorganização mais avançada são os arquivos CP2, que, entre todos, possui o maior número de textos, e CP3, um banco de dados bastante rico que conta com as *Cartas Jesuíticas*, de Anchieta (1500-1570), as *Novas Cartas Jesuíticas*, de Vieira (1550-1700), o *Tratado Descritivo do Brasil* (1587), de Sousa, *Diálogos das Grandezas do Brasil* (1618), de Brandão, entre outros textos antigos.

Em 2002, o “*corpus* de Araraquara” possuía um “total de mais de 70 milhões de ocorrências de palavras em textos de literatura romanesca, dramática, técnica, oratória e jornalística, com absoluta predominância desta última, por ser aí que as palavras mais circulam” (BORBA, 2002, p.5). No entanto, atualmente, estima-se que o *corpus* inteiro (partes CP1, CP2, CP3 e CP4) tem mais de 220 milhões de ocorrências. Abaixo, seguem alguns exemplos das obras e jornais encontrados no em CP2:

(1.4)

Literatura Romanesca

A faca de dois gumes (1985) – Fernando Sabino
Agosto (1990) – Ruben Fonseca
Anarquistas Graças a Deus (1979) – Zélia Gattai
Corpo de Baile (1956) – Guimarães Rosa
O coronel e o Lobisomen (1964) – José Cândido de Carvalho
Estorvo (1991) – Chico Buarque
Incidente em Antares (1971) – Erico Veríssimo

Literatura Dramática

Auto da Compadecida (1963) – Ariano Suassuna
Calabar (1979) – Chico Buarque e Ruy Guerra
Gota d'água (1975) – Chico Buarque e Paulo Pontes
Ópera do Malandro (1980) – Chico Buarque
Orfeu da Conceição (1960) – Vinícius de Moraes

Literatura Técnica

Coleção primeiros passos (coleção de livros sobre diversos assuntos)
Manual Prático de Marcenaria (1953) – D. Marcellini
Jardinagem Prática (1978) – A. Pereira

Literatura Oratória

Discursos – Anais da Câmara dos Deputados (1958)
Carta-discurso de posse do acadêmico Darcy Ribeiro (1983) – Darcy Ribeiro

Literatura Jornalística

O Estado de São Paulo (várias edições)
Folha de São Paulo (várias edições)
O dia (fev./mar. 1992)
O Estado do Pará (1992 – várias edições)
O Globo (1992)
O imparcial (20-12-1979)
O Estado de Sergipe (1992 – várias edições)
Correio Brasiliense (27-02-1979)
Correio do Povo (out./nov. 1980 – set. 1990)
Jornal de Alagoas (1992 – várias edições)
Jornal do Brasil (1981 – várias edições)
Jornal do Comércio (06-03-1981)
Revista Elle (1989 – diversas edições)
Revista Exame (1993 – diversas edições)
Revista Veja (abril/maio – 1994)

Para esta dissertação fizemos a busca das palavras terminadas em *-ção (-são)* e *-mento* usando a parte CP2 do *corpus* que focaliza a segunda metade do século XX e que foi usada também para a elaboração do *Dicionário de Usos do Português do Brasil* (2002).

Como podemos perceber, esse *corpus*, com vários textos escritos no Brasil, reúne vozes de diversos autores e cobre uma rica variedade de temas, gêneros e enfoques, o que nos permitiu uma boa observação do uso das palavras selecionadas.

1.4 Considerações finais

Nesta seção, discorreremos sobre as principais características dos nossos *corpora* de pesquisa. Como pudemos observar, as *CSM*, de Afonso X, possuem um léxico diversificado – já que contam histórias sobre os milagres da Virgem e são também um documento cultural de uma época. Mostramos, também, que, do ponto de vista da sua legitimidade, as *CSM* apresentam muitos pontos de contato com a linguagem dos trovadores galego-portugueses, sobretudo na prosódia, (MASSINI-CAGLIARI, 2005; 2007). Além disso, as informações biográficas de Afonso X mostram que o rei passou uma parte importante de sua infância na Galiza, o que nos dá fortes evidências de que ele pode ser considerado falante nativo de galego-português. Esses fatos são extremamente relevantes para nossa pesquisa, porque nos permitem assegurar a escolha das *CSM* como testemunho legítimo de galego-português para o *corpus* desta pesquisa. Vimos também que o “*corpus* de Araraquara”, como é chamado pelo prof. Borba, possui um material bastante rico e abrangente sobre o português brasileiro atual. Assim, podemos concluir que esses *corpora* nos fornecerão dados importantes para nossa pesquisa sobre os processos morfofonológicos desencadeados pelos sufixos selecionados, tanto para o PA quanto para o PB.

2 Fundamentação Teórica

Esta seção traz os principais referenciais teóricos que foram usados para nossas análises. Este trabalho é dedicado aos estudos dos processos morfofonológicos envolvendo sufixos nominalizadores em duas sincronias da língua portuguesa (PA e PB), numa abordagem gerativa. Assim, pretendemos, nesta seção, discorrer um pouco sobre os estudos morfológicos com ênfase na derivação sufixal, e também mostrar algumas formas de olhar para o léxico, numa interface entre morfologia e fonologia, sob o viés da fonologia lexical.

2.1 Morfologia

2.1.1 O Conceito de Palavra

Uma das questões essenciais que aparecem em um trabalho que vai tratar de formação de palavras é o próprio conceito de palavra. De acordo com Aronoff e Fudeman (2005, p.33), “*there are various ways to define a Word, but no definition is entirely satisfactory*”. Para Villalva (1990, p. 423),

a questão é bastante complexa e tem dado origem a variados debates e propostas de lingüistas com opções teóricas diversas, sem que haja, até agora, uma resposta consensual. Na impossibilidade de basear uma definição na intuição dos falantes, a análise lingüística deve enunciar critérios formais para a definição de palavra, motivados pelas suas diferentes componentes: fonológica, morfológica, sintáctica e semântica.

Assim, podemos dizer que não há uma definição geral e universal para palavra. Quando se trata de palavra escrita, como lembra Laroca (2003, p. 20), podem-se considerar as sequências gráficas seguidas de espaço ou de pontuação. Desta forma, numa frase como “o rapaz lhe telefonou?”, sob este ponto de vista, há quatro palavras.

No nível fonológico, Câmara Jr. (2004 [1964], p.351) considera que a palavra “corresponde a uma divisão fonológica intermediária entre a sílaba e o grupo de força”, ou seja, uma sequência de vocábulos emitidos sem pausa em que cada sílaba tem um grau de tonicidade. Por exemplo, na frase “o rapaz lhe telefonou” há dois vocábulos fonológicos: “o

rapaz” [uRa’paz] e “lhe telefonou” [Lítelefo’now]¹¹ (LAROCCA, 2003, p.21). Os itens observados em nosso trabalho, como *casamento* ou *recepção*, no plano fonológico, equivalem a uma palavra fonológica. A palavra fonológica é também um dos constituintes prosódicos na hierarquia proposta por Nespor e Vogel (1986). Lee (1995) leva em consideração esta definição de palavra para sua observação da morfologia e da fonologia lexical do PB, pois a palavra fonológica funciona como domínio de aplicação das regras fonológicas (NESPOR; VOGEL, 1986). Segundo Bisol (2005b, p.247), a palavra fonológica “é o nível em que se faz a interação entre os componentes fonológico e morfológico da gramática”. Podem-se representar os constituintes prosódicos através da seguinte hierarquia (BISOL, 2005b, p. 244, a partir de Nespor e Vogel, 1986):

(2.1)

Hierarquia Prosódica

enunciado	U (do inglês <i>utterance</i>)
frase entoacional	I (do inglês <i>intonational phrase</i>)
frase fonológica	Φ
grupo clítico	c
palavra fonológica	ω
pé	Σ
sílaba	σ

Assim, a palavra fonológica é a categoria que domina o pé e pode corresponder ao nó terminal de uma árvore sintática. Dentro desse domínio, “pode ocorrer o reagrupamento de sílabas e pés, sem compromisso de isomorfia com os constituintes morfológicos” (BISOL, 2005b, p.247).

Para Monteiro (2002), há dois tipos de itens no léxico: vocábulos e palavras. O autor (MONTEIRO, 2002) leva em consideração a presença ou a ausência de significado das palavras para sua definição. Por exemplo, *de* tem apenas a função de relacionar termos, isto é, possui apenas um significado gramatical, assim *de* é considerado um vocábulo, enquanto que uma palavra, como *serpente*, expressa uma idéia e tem, portanto, um significado lexical.

¹¹As transcrições utilizadas por Câmara Jr. (2004[1964], p.351), no padrão do IPA, correspondem a [uxa’pas] e [lítelefo’noʊ].

Assim, “toda palavra é vocábulo, mas nem todo vocábulo é palavra” (MONTEIRO, 2002, p.12).

Monteiro (2002) segue a linha de raciocínio de Câmara Jr. (2004[1970]), que denominou formas presas todos os vocábulos que apenas são instrumentos gramaticais e só funcionam ligados a outras formas, ou seja, não podem funcionar isoladamente como comunicação suficiente, como o *pro-* de *proscreever*, *prometer* etc. Câmara Jr. considera como formas livres as palavras que funcionam isoladamente como comunicação suficiente e vocábulo formal “a unidade a que se chega quando não é mais possível nova divisão em duas ou mais formas livres” (CÂMARA, JR., 2004[1970], p.69), como *luz* (forma livre indivisível), *imprevisível* (formada por mais de uma forma presa) e *infeliz* (formada por uma forma livre e uma presa). Para o autor existe também a forma dependente, que é a que “não é livre, porque não pode funcionar isoladamente como comunicação suficiente; mas também não é presa” (CÂMARA, JR., 2004[1970], p.70) porque pode ocorrer antes, depois ou intercalada em uma ou mais formas livres. É o caso das partículas proclíticas e enclíticas (pronomes átonos, preposições, partícula *que* e outras), que, como não podem ser divididas, são consideradas vocábulos formais. Câmara Jr. chama a atenção para o fato de que, em português, esse é um caso de falta de coincidência entre vocábulo formal e vocábulo fonológico, afinal essas partículas constituem apenas parte de um vocábulo fonológico a que se acham ligadas pelo acento, que domina várias sílabas átonas.

Basílio (2001, p.10) lembra que uma dificuldade que aparece quando se lida com o conceito de palavra é saber se estamos falando de formas diferentes da mesma palavra ou de palavras diferentes. Do ponto de vista do léxico, Laroca (2003) considera a existência do lexema ou palavra léxica, que seria “uma entidade abstrata, uma unidade básica do léxico”, enquanto que “as palavras propriamente ditas seriam representações concretas dos lexemas (quer flexionadas ou não)” (LAROCA, 2003, p.23). Por exemplo, considera-se lexema “escrever”, que se manifesta concretamente nas formas “escrevo”, “escrevia”, etc., e “livro”, que se manifesta como “livros” e “livro”. Essas manifestações linguísticas dos lexemas são também chamadas de lexias, vocábulos formais (com um sentido diferente do usado por Câmara Jr., 2004 [1970]), itens lexicais ou, simplesmente, palavras. Basílio (2001, p.10) lembra que esses critérios para reconhecer palavras distintas ou duas formas da mesma palavra são colocados a partir da diferença entre flexão e derivação. O problema, segundo Basílio (2001), é que esses conceitos não têm uma distinção definitiva (como veremos no item 2.1.2 desta seção) e que, por sua vez, também são definidos como “formas da mesma palavra” e “palavras distintas”, respectivamente, o que forma um círculo vicioso.

As manifestações dos lexemas são identificadas através de critérios morfossintáticos, como os princípios da coesão interna e da permutação. O princípio da coesão interna se aplica às palavras compostas e lexias complexas. Como mostra Laroca (2003, p.22), o princípio da coesão interna determina que dois elementos se combinam para formar uma palavra sem que se possa inserir uma outra forma entre eles ou mesmo mudar sua ordem, como na palavra *casamento*, formada pela base *casa-* e pelo sufixo *-mento*. Já o princípio da permutação diz respeito à mobilidade, ou seja, se é possível trocar a posição das palavras numa frase. Laroca (2003, p.22) cita como exemplo o pronome pessoal *me*, que pode ocupar posições diferentes numa frase e por isso tem o *status* de palavra: “telefone-me” ou “me telefone”.

Esses princípios de permutação e coesão interna são bastante úteis para reconhecer os nomes deverbais que estamos observando, afinal, eles são sempre formados de base + sufixo e não podem ser separados, nem ter mudança de ordem interna. Os lexemas podem ser compostos de um ou mais morfemas de significação externa (raízes), como *sofá-cama*, ou serem simples, por possuírem apenas uma raiz, como *livraria*. Para nosso trabalho, lexema torna-se uma definição prática de palavra, já que “no estudo da formação de palavras só interessam as palavras com significação externa” (ROCHA, 2003, p.74).

Pudemos observar, portanto, que o conceito de palavra vem sendo um problema para gramáticos e lingüistas; no entanto, “a palavra é uma unidade lingüística básica, facilmente reconhecida por falantes em sua língua nativa” (BASÍLIO, 2001, p.12).

2.1.2 Flexão X Derivação

Antes de falarmos especificamente da derivação, que é o que mais nos interessa neste trabalho, vamos relembrar algumas diferenças entre flexão e derivação e algumas discussões a esse respeito. Em geral, nos compêndios gramaticais e lingüísticos, vemos que os estudos morfológicos se dividem entre a morfologia flexional – que estuda as relações entre as diferentes formas de uma mesma palavra – e a lexical – que trata da estrutura das palavras e seus processos de formação –, embora, como veremos adiante, alguns lingüistas, como Bybee (1985), discordem dessa diferença.

Se observarmos as gramáticas normativas da língua portuguesa, veremos que todas elas dedicam uma parte aos estudos morfológicos, tanto derivacionais quanto flexionais, mas

é comum encontrar nessas gramáticas uma confusão entre o que é flexão e derivação. Câmara Jr. (2004[1970], p. 82) acredita que “os morfemas flexionais estão concatenados em paradigmas coesos e com pequena margem de variação” e estão sujeitos à obrigatoriedade da concordância, ao passo que “o resultado da derivação é um novo vocábulo”. Câmara Jr. (2004[1970]) mostra que “as palavras derivadas, com efeito, não obedecem a uma pauta sistemática e obrigatória para toda uma classe homogênea do léxico. Uma derivação pode aparecer para um dado vocábulo e faltar num vocábulo congênere”. Rocha (2003, p. 194) sistematizou os critérios de Câmara Jr. (2004[1970]) da seguinte forma:

(2.2)

FLEXÃO	DERIVAÇÃO
<p>A – Regularidade Os morfemas flexionais apresentam-se de maneira regular e sistemática.</p> <p>B – Concordância Os morfemas flexionais são exigidos pela natureza da frase.</p> <p>C – Não-opcionalidade Os morfemas flexionais não dependem da vontade do falante para serem usados.</p>	<p>A – Irregularidade Os morfemas derivacionais apresentam-se de maneira irregular e assistemática.</p> <p>B – Não-concordância Os morfemas derivacionais não são exigidos pela natureza da frase.</p> <p>C – Opcionalidade Os morfemas derivacionais podem ser usados ou não, de acordo com a vontade do falante</p>

Já Bybee (1985, p.81) acredita que critérios como esses não são satisfatórios para distinguir flexão de derivação. A autora cita vários trabalhos que têm tentado definir critérios para separar derivação de flexão; um dos mais bem sucedidos é o caráter obrigatório da flexão, que, como vimos, é usado também por Câmara Jr.(2004[1970]). Para Bybee (1985, p.81):

An inflectional morpheme [...] is a bound nonroot morpheme whose appearance in a particular position is compulsory. Thus English progressive -ing appears obligatorily in a sentence such as The duckling was swimming. There is no monomorphemic word that can be substituted for swimming without changing the construction entirely.

Outra proposta de Bybee, que, como lembramos, Câmara Jr. (2004[1970]) já levava em consideração, é a de que processos derivacionais criam novos itens lexicais, enquanto processos flexionais não, ou seja, a flexão é o desdobramento de um mesmo vocábulo, como

ocorre no plural das palavras: *copo/copos*. Outros critérios lembrados pela autora são que morfemas derivacionais ocorrem mais próximos à base do que os flexionais e que a derivação pode mudar a categoria da palavra (como passar de verbo a nome), enquanto a flexão não muda.

De acordo com Bybee (1985, p.87), “*the examination of derivational and inflectional categories shows, then, that the formal differences between these two expression types are closely related to properties of the meanings of these categories*”. A autora também conclui, como Câmara Jr. (2004[1970]), que a flexão é necessária na sintaxe por conta dos mecanismos de concordância, enquanto que a derivação acontece no nível do léxico. No entanto, para ela, “*none of these criteria, except perhaps the obligatoriness criterion, actually provides a discrete division between derivational and inflectional processes*” (BYBEE, 1985, p. 82).

Para Bybee (1985), os elementos semânticos se fundem de forma gradual para formar expressões lingüísticas. O maior grau de fusão é a expressão lexical, em que dois ou mais elementos semânticos se fundem num único morfema lexical, e o menor grau de fusão é a expressão sintática, em que os elementos semânticos são expressos por unidades totalmente separadas e independentes. Entre essas expressões totalmente opostas encontram-se a expressão flexional e a derivacional, como podemos observar no esquema abaixo (BYBEE, 1985, p.12):

(2.3)

lexical ----- derivational ----- inflectional ----- free grammatical¹² ----- syntactic
 ←
 greater degree of fusion

A expressão flexional ocorre quando cada elemento semântico é expresso por um morfema, porém eles se unem numa única palavra. A expressão derivacional encontra-se num grau de fusão entre a expressão flexional e a lexical, pois é, muitas vezes, restrita e idiossincrática, como a expressão lexical, mas é formada de dois ou mais morfemas distintos, como a expressão flexional. Para a autora (BYBEE, 1985, p.82),

¹²O que a autora chama de *free grammatical* são os clíticos, partículas, etc., que não são livres como a expressão sintática, mas que não formam uma palavra como o morfema lexical. São as formas dependentes, na terminologia de Câmara Jr. (2004[1970]).

derivational morphology is transitional between lexical and inflectional expression, and [...] the differences that can be observed between inflectional and derivational expression are just more prominent instances of the differences identifiable among inflectional categories.

O que determina em qual expressão uma palavra se encaixa é a relevância semântica e a generalidade lexical. A relevância semântica é o critério usado para medir quanto um elemento modifica ou afeta o significado do outro. Quanto maior a relevância, maior o grau de fusão dos elementos e, conseqüentemente, mais próximo da expressão lexical ele estará. Como observa a autora (BYBEE, 1985, p.13):

if two meanings elements are, by their content, highly relevant to one another, then it is predicted that they may have lexical or inflectional expression, but if they are irrelevant to one another, then their combination will be restricted to syntactic expression.

A generalidade lexical considera o grau de aplicação de cada elemento. Quanto mais um elemento pode ser aplicado, mais geral ele é, porque “*if a semantic element has high content, i. e. is very especific, it simply will not be aplicable to a large number of stems*” (BYBEE, 1985, p.17). Assim, quanto menos conteúdo semântico tem um elemento, mais próximo da expressão flexional ele está.

Um ponto interessante das idéias de Bybee (1985) é que ela não pretendia, em seu trabalho propor modelo descritivo, mas explicar propriedades dos sistemas morfológicos, incluindo fusões e alomorfias vistas tradicionalmente como problemas. A autora diz que “*the relation between meaning and form is not entirely arbitrary*” (BYBEE, 1985, p.4). Observando os verbos, ela formulou a hipótese de que o grau de fusão morfofonológica de um afixo à base é diretamente proporcional à relevância semântica que tem o afixo com relação à base, ou seja, a quanto o significado do afixo afeta o significado da base. Esta hipótese (BYBEE, 1985, p.4-5):

can be used to arrange inflectional categories on a scale from which various predictions can be made. For instance, the categories of valence, voice, aspect, tense, mood and agreement are ranked for relevance to verbs in that order. From this ranking we can predict the frequency with which categories have lexical, derivational or inflectional expression in the languages of the world, the ordering of affixes, as well as the extent to which the stem and affix have a morpho-phonemic effect upon one another.

Essas observações da autora para os verbos são muito interessantes para o nosso estudo dos nomes, já que estamos justamente analisando as alterações provocadas pelos sufixos selecionados na base a que se juntam. Voltaremos a falar sobre isso nas análises dos nomes selecionados.

Pontuamos aqui apenas algumas das discussões sobre os principais problemas ao tentar diferenciar flexão e derivação, pois uma discussão mais aprofundada sobre esse assunto ultrapassaria o escopo do nosso trabalho. Embora não seja simples determinar as fronteiras entre flexão e derivação, tanto Câmara Jr. (2004[1970]) quanto Bybee (1985) observam que os dois processos têm algumas diferenças.

Rocha (2003), ao revisitar o texto clássico de Câmara Jr. (2004[1970]), notou que alguns critérios do autor realmente não são satisfatórios para opor definitivamente flexão e derivação, porém os critérios de irregularidade, não-concordância e opcionalidade aplicam-se de fato aos derivados sufixais do português. Essa observação de Rocha (2003) é bastante relevante para nosso estudo, pois os nomes deverbais que vamos observar não são formados de modo obrigatório, ou seja, existem verbos que não apresentam um nome derivado dele. Da mesma forma, nomes deverbais também não geram concordância obrigatória na sintaxe e são formados de modo opcional, de acordo com a vontade do falante. Deste modo, podemos considerar que os itens derivados estudados neste trabalho seguem os critérios de irregularidade, não-concordância e opcionalidade apontados por Câmara Jr. (2004[1970]).

2.1.3 Mecanismos de formação de palavras

As palavras de uma língua formam um conjunto ilimitado que está sempre se renovando. Algumas palavras podem cair em desuso e surgem outras, sempre de acordo com a necessidade do falante. Para que este processo aconteça, as línguas possuem mecanismos que permitem a renovação permanente do léxico através da criação de novas palavras. Segundo Basílio (1980, p.7):

Na gramática tradicional, assim como no estruturalismo, a morfologia derivacional é definida como a parte da gramática de uma língua que descreve a formação e estrutura das palavras. Numa abordagem gerativa, podemos dizer que a morfologia derivacional é a parte da gramática que dá conta da competência do falante nativo no léxico de sua língua.

Outro ponto importante desta abordagem é que, segundo a autora (BASÍLIO, 1980, p.7), nos estudos anteriores não se estabelecia uma interação direta entre os níveis gramaticais como, por exemplo, a morfologia e a sintaxe, ou mesmo uma interface entre morfologia e fonologia, como ocorre no estudo que está se propondo neste trabalho. Além disso, na gramática tradicional é comum que o estudo da morfologia se limite apenas a uma lista com sufixos e suas possibilidades de combinação. Embora o aspecto criativo da linguagem seja reconhecido tanto na gramática tradicional quanto no estruturalismo, é com a teoria gerativa que “a noção de competência, isto é, o conhecimento que o falante tem de sua língua enquanto falante nativo” (BASÍLIO, 1980, p.8), torna-se um conceito primordial.

Segundo Sandmann (1992), novas palavras são criadas na língua para suprir as necessidades do falante. Basílio (2001) observa que um dos usos principais da formação de palavras é a mudança de classe, como formar um nome a partir de um verbo. Além disso, a autora nota também que o falante, muitas vezes, tem a necessidade de acrescentar algum significado extra a uma palavra e, dessa forma, cria um novo vocábulo. Por exemplo, ao observar as palavras *sapato/sapatinho*, notamos um acréscimo da noção de afetividade ao item *sapatinho*, se o compararmos com a palavra-base *sapato*. No entanto, na opinião de Basílio (2001, p.10), esses critérios mencionados são de natureza secundária, pois, para a autora, o importante é tornar mais fácil o armazenamento de itens lexicais na memória do falante, deixando a língua mais eficiente como sistema.

Sandmann (1991) estabeleceu que cada tipo de formação de palavra tem uma ou mais funções específicas. Assim, o autor esquematizou essas funções da seguinte maneira:

- **Função semântica**¹³: formam-se novas palavras para denominar seres e objetos, fatos culturais novos, fenômenos que nos cercam ou que estão ligados à nossa realidade interior, etc. Por exemplo: *carreata* (de *carro*), *desregulamentação* (de *regulamentação*), *caixa-dois* (de *caixa* + *dois*) (SANDMANN, 1992, p.25).

¹³ Rocha (2003, p. 81) chama esta função de *Função de Rotulação*.

- **Função sintática**¹⁴: ocorre quando um processo de formação de palavras opera uma mudança de classe em relação à palavra-base, o que reflete numa adequação sintática da frase. Por exemplo: considere as palavras *apressada* e *apressadamente*. A primeira é um adjetivo que aparece na frase como adjunto de substantivo (*ele saiu de maneira/ de modo apressado*), e, ao se transformar na segunda, que é em advérbio, aparece na frase modificando o significado de um verbo (*ele saiu apressadamente*). Um processo muito frequente de adequação sintática é a nominalização de verbos, como no exemplo *indexar/ indexação* (SANDMANN, 1992, p.25-27).
- **Função discursiva**¹⁵: essa função de formação de palavras tem importante papel estilístico, de modo que expressa uma opinião, o apreço ou o despreço sobre determinado assunto. Neste caso, a principal função da formação de palavras é expressar aspectos subjetivos do emissor em relação ao conteúdo do que é comunicado, além disso, essa função também é responsável pela adequação à estrutura do texto como todo. Para essa função, ganham destaques os sufixos pejorativos como *-ento* (*falcatruento, borrachento*) e, até mesmo, *-ção* (*perguntação*)¹⁶ (SANDMANN, 1992, p.27-29).

Segundo Sandmann (1992), o português faz uso de três recursos para ampliar seu léxico: empréstimos de palavras de outras línguas, “criação do nada” e processos de formação de palavras a partir de bases e afixos preexistentes. O que o autor chama de “criação do nada” é, na realidade, a criação de palavras a partir de sílabas e sons já existentes na língua, como a palavra *tititi*, “sucessão de intrigas e boataria”, de acordo com o *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* versão 1.0.7 de setembro de 2004 (doravante Houaiss); é o que Cunha e Cintra (1985) definem como onomatopéia. Com relação aos empréstimos, é comum, ao adotar um costume novo, um tipo de esporte ou produtos estrangeiros, adotar também a palavra que nomeia este item. Por exemplo, juntamente com as lutas corporais japonesas, adotamos também os nomes *judô* e *caratê* e, a partir da culinária africana, adotamos os nomes das comidas *tutu* e *vatapá*. Nos séculos XVIII e XIX, a língua francesa era considerada a “língua internacional da diplomacia, das belas artes e alta cultura, e da sociedade polida em geral” (TRASK, 2004, p.168) e foi uma grande fonte de empréstimos,

¹⁴ Rocha (2003, p. 80) chama esta função de *Função de Mudança Categorical*.

¹⁵ Rocha (2003, p. 82) chama esta função de *Função Expressiva de Avaliação*.

¹⁶ No item 2.1.4, serão detalhados outros tipos de uso do sufixo *-ção*.

para o português e outros idiomas. Atualmente, o inglês exerce grande influência no português, que importa palavras daquela para a nossa língua, em virtude do deslocamento do centro do poder político para os EUA, “país que tomamos como paradigma de desenvolvimento, ou como o Eldorado de emigração” (CARVALHO, 2009, p.68), mas outras línguas também servem de fonte para os empréstimos lexicais.

Existem vários processos para a formação de novos vocábulos em português, ou seja, a formação de palavras pode ser caracterizada por um conjunto de processos que permitem a criação de novas palavras de várias formas. De acordo com Sandmann (1992, p. 32), os processos mais produtivos – e que também são normalmente tratados nas gramáticas tradicionais – são os processos de composição e derivação e seus respectivos subtipos, que serão explorados na seção 2.1.3.1. Além desses, existem outros processos bastante produtivos no PB. Um processo que é notadamente importante na formação de palavras em PB é a abreviação, fenômeno apontado por Sandmann (1992, p.51) como “parte da vida moderna, com sua complexidade burocrática, administrativa, técnica e econômica, colaborando para a brevidade e densidade da comunicação lingüística”. De acordo com o autor (SANDMANN, 1992), as abreviações são de vários tipos e podem ocorrer com palavras simples (*cerveja – cerva*), complexas (*maxidesvalorização – maxi*) e sintagmas (*guarda de segurança – segurança*).

O autor (SANDMANN, 1992) inclui nesse processo de abreviação a formação de novas palavras a partir das iniciais dos elementos principais de um sintagma, que é, na verdade, a formação de siglas (ou acronímia, na terminologia de Laroca, 2003). As siglas podem ser formadas de várias maneiras: a partir das primeiras sílabas das palavras que formam o sintagma (*Delin – Departamento de Lingüística*); a partir das primeiras letras das palavras que formam o sintagma (*UTI – Unidade de Terapia Intensiva*) ou, ainda, misturando sílabas, letras iniciais e palavras do sintagma (*DELEM – Departamento de Letras Modernas; CAFIL – Centro Acadêmico de Filosofia; EMBRAFILME – Empresa Brasileira de Filmes*). A maneira de se ler cada sigla também pode variar: pode-se ler a sigla a partir da soletração dos fonemas iniciais (como em *UTI*) ou como palavras normais (como em *EMBRASILME*), o que acontece na maioria das vezes em que a sigla formada obedece a uma sequência de acordo com a estrutura silábica da língua.

Outro tipo de formação de palavras que se mostra produtivo em PB é o cruzamento vocabular que, para Sandmann (1992, p. 58) e Laroca (2003, p.76), é, no fundo, um tipo de composição, “diferenciando-se desta porque no cruzamento vocabular as bases que entram na formação da nova unidade lexical, ou ao menos uma, sofrem diminuição, não sistemática ou

regular de seu corpo fônico” (SANDMANN, 1992, p.58), como em *showmício* (*show* + *comício*), *bestarel* (*besteira* + *bacharel*) e *portunhol* (*português* + *espanhol*).

Podemos concluir que os processos de formação de palavras produtivos em PB – além dos processos de derivação e composição – são as onomatopéias, os empréstimos de palavras de línguas estrangeiras, a abreviação, a formação de siglas/acrônimos e, por fim, o cruzamento vocabular. Como este trabalho se interessa particularmente pela derivação, vamos apresentar, na próxima seção, as principais diferenças entre os processos de afixação e composição.

2.1.3.1 Composição X Afixação

Dos processos de formação de palavras, os mais gerais, segundo Basílio (2001, p. 27), são a derivação e a composição. O processo de composição acontece quando há a junção de duas bases para a formação de uma nova unidade lexical (BASÍLIO, 2001, p. 28) como nas formas consagradas *guarda-chuva*, *luso-brasileiro* e *sociolingüística*. No caso da composição, Sandmann (1992, p. 40) observa que “nos compostos formados de palavras ou radicais pertencentes a classes de palavras diferentes, de estrutura sempre binária, tem-se sempre um elemento que é o principal, o núcleo, e um elemento que é o especificador, o adjunto”, como no caso de *mesa-redonda*, formada de dois nomes, sendo que o primeiro é um substantivo e o outro, especificador, é um adjetivo. Esses tipos de compostos são chamados por Sandmann (1992, p.40) de compostos determinativos ou subordinativos. Com relação aos compostos formados a partir de elementos pertencentes à mesma classe gramatical (normalmente dois adjetivos ou dois substantivos), o autor aponta que podem ter uma relação de coordenação, como em *cantor-compositor*, além de poderem ser também determinativos ou subordinativos. Há ainda os compostos “atípicos”, na terminologia de Sandmann (1992, p.42), “aos quais, na falta de outro nome, vamos chamar de exóticos”: são compostos de vários tipos, como os de inspiração onomatopéica (*bem-te-vi*), combinação verbo+e+verbo (*sobe-e-desce*), com preposições de diferentes naturezas (*zero-à-esquerda*; *ponta-a-ponta*) e “numerosos compostos com João e Maria, o que é um reflexo cultural na língua” (SANDMANN, 1992, p.42), como *maria-mole* e *joão-ninguém*. No entanto, se observarmos esses compostos “exóticos”, na terminologia do autor, veremos que também é possível classificá-los como compostos subordinativos ou determinativos, como nos casos de *maria-mole* e *joão-ninguém*, e coordenativos, como em *sobe-e-desce* e *ponta-a-ponta*, mesmo que tenham formações

diferentes das combinações apontadas como tradicionais pelo autor. Os compostos podem ser ainda metafóricos e metonímicos, como em *copo-de-leite* e *bóia-fria*, respectivamente, e endocêntricos e exocêntricos, como os tipos de peixe *perna-de-moça* e *peixe-agulha*:

no caso de *peixe-espada*, em que o núcleo *peixe* se refere literal ou diretamente ao objeto que designa e apenas o adjunto *espada* é usado figurada ou metaforicamente, dizemos que o composto é *endocêntrico*. Já em *perna-de-moça*, em que a seqüência toda é empregada figurada ou metaforicamente, dizemos que o composto é *exocêntrico*. (SANDMANN, 1992, p. 43)

Já a derivação se caracteriza, como mostra Basílo (2001, p.27), “pela junção de um afixo (sufixo ou prefixo) a uma base para a formação de uma palavra. Assim, dizemos que uma palavra é derivada quando ela se constitui de uma base e um afixo”. Como exemplo, a palavra *livreiro* é formada a partir da base *livro* e do sufixo *-eiro*. As bases podem ser formas livres, isto é, uma forma que possa, por si só, constituir um enunciado como, por exemplo, um nome ou um verbo, ou presas. Schwindt (2000, p.60) lembra que

ainda no que se refere ao termo **derivação**, é preciso clarear que, do ponto de vista da fonologia gerativa, sua compreensão é mais ampla. Está ligado à idéia de que o *output* de um processo é o *input* do processo seguinte e assim sucessivamente. Nessa concepção, a composição também pode ser entendida como fruto de uma derivação.

O autor (SCHWINDT, 2000, p.71) lembra ainda que a distinção entre afixação e composição não é clara, uma vez que certos vocábulos derivados parecem se comportar como compostos. Geralmente, considera-se que a palavra derivada distingue-se da composta por a primeira possuir apenas um acento, enquanto a segunda possui dois acentos. Além disso, a palavra derivada submete-se a processos flexionais (gênero e número) apenas uma vez, ao passo que a composta pode receber afixos flexionais duas vezes, como ilustra o exemplo (2.4) retirado de Schwindt (2000, p.71).

(2.4)

- a. releitura
- b. cachorro-quente
- c. releituras
- d. cachorros-quentes

Em (2.4a) vemos uma palavra derivada, a qual recebeu apenas um acento; (2.4b) mostra-nos uma palavra composta, recebendo dois acentos, um em cada parte do composto; (2.4c) apresenta a mesma palavra derivada recebendo agora flexão de número apenas uma vez, diferentemente de (2.4d), em que o composto recebe flexão em cada uma de suas partes.

No entanto, para Lee (1995, p. 52), o composto também pode ter flexões entre constituintes (ou palavras). O autor segue a proposta de Kiparsky (1985), que acredita que a formação dos compostos acontece no nível lexical, diferentemente de Villalva (1986) e Di Sciullo e Williams (1987), que acreditam que os compostos do português são palavras sintáticas reanalisadas, de tal maneira que a formação de composto acontece na sintaxe. Lee (1995, p. 53) acredita que existem dois tipos de compostos no PB: os compostos lexicais e os pós-lexicais. Dessa forma, apenas os compostos lexicais são “compostos verdadeiros”, pois permitem operações morfológicas entre seus constituintes.

Prefixos e sufixos são elementos semelhantes, no sentido de que ambos são morfemas derivacionais presos à base com que se relacionam. Diferenciam-se pelo fato de se anexarem, respectivamente, antes e depois dessa base. Schwindt (2000, p.71) lembra que uma característica geral dos prefixos nas mais variadas línguas é o fato de que prefixos não mudam classe gramatical das bases a que se ligam, “afora alguns poucos contra-exemplos, como *disforme* (adjetivo) que liga *dis-* com *forma* (substantivo) ou *prefixo* (substantivo) que liga *pré-* com *fixo* (adjetivo)”.

Outro tipo de derivação é a derivação parassintética. Nesse processo ocorre a adição simultânea de prefixo e sufixo a uma determinada base, como nos exemplos abaixo (SCHWINDT, 2000, p.74):

(2.5)

a. [es[clar]_A ecer]_V

b. [[des[[leal]_A]_A dade]_N]_N

O exemplo (2.5a) é um caso típico de parassíntese: os vocábulos **esclaro* ou **clarecer* não existem em português, o que demonstra que não se podem conceber separadamente, neste caso, os processos de prefixação e sufixação. Já em (2.5b), cada processo acontece a seu tempo: a prefixação forma *desleal*; a sufixação, *lealdade*; ambas, *deslealdade*. Schwindt (2000, p.74) observa que “a base da derivação parassintética é sempre nominal: em geral

trata-se de um substantivo, mas também pode ser um adjetivo. O primeiro tipo de base produz verbos ou adjetivos, o segundo, apenas verbos”. A grande maioria dos derivados parassintéticos do PB é de verbos formados a partir de substantivos.

O autor avalia que

para a fonologia lexical, a distinção entre derivação parassintética e derivação prefixal e sufixal tem especial importância, porque implica diferente alocação no processo derivacional: no primeiro caso, prefixo e sufixo têm de ser anexados obrigatoriamente no mesmo nível, o que não é condição para o segundo. (SCHWINDT, 2000, p.71)

Neste trabalho, a derivação sufixal formadora de nomes deverbais será particularmente mais explorada, já que a intenção é estudar como ocorrem processos morfofonológicos a partir da formação de nomes através da afixação dos sufixos *-ção* e *-mento* para o PB e *-çon* e *-mento* para o PA.

2.1.3.2 A formação de nomes deverbais

Tradicionalmente, o processo formador de nomes através de verbos tem sido chamado genericamente de nominalização. Entretanto, Basílio (1980) acredita que a nominalização é, na realidade, uma “relação paradigmática geral entre nomes e verbos de uma língua” (BASÍLIO, 1980, p.73). Dessa forma, a autora estende o significado da palavra para englobar “não apenas nomes deverbais, mas também nomes morfológicamente básicos associados a verbos. Mais especificamente, a nominalização consiste num processo de associação lexical sistemática entre nomes e verbos” (BASÍLIO, 1980, p.74). Assim, Basílio (1980) separa os nomes que são morfológicamente básicos, mas se associam paradigmaticamente a um verbo, e nomes deverbais, que foram formados a partir do verbo ao qual são ligados paradigmaticamente. A partir disso, a autora propõe o seguinte padrão geral para a relação paradigmática entre verbos e nomes (BASÍLIO, 1980, p.83):

(2.6)

$$[X]_V \longrightarrow [X]_V \longleftrightarrow [X']_N$$

A autora explica que:

o uso da seta unidirecional é necessário porque a relação é unilateral: não se espera que todos os nomes tenham no léxico verbos associados a eles. O uso da seta bidirecional expressa o fato de que o nome associado ao verbo não é necessariamente um nome deverbal. Em outras palavras, (19)¹⁷ expressa a relação N/V, distinta do processo morfológico de formação de nomes deverbais. (BASÍLIO, 1980, p.83)

A formulação de padrões como (2.6), para Basílio (1980, p.107), “nos permite considerar o fenômeno da nominalização de uma maneira unificada e, ao mesmo tempo, mostrar que a nominalização é um fenômeno diferente dos processos usuais de formação de palavras”. Admitindo-se esse esquema, podemos entender porque existem muito mais nomes deverbais do que nomes morfológicamente básicos associados a verbos: “nomes podem constituir a base para a formação de verbos, mas verbos devem ter uma contraparte nominal no léxico” (BASÍLIO, 1980, p.83). Para Basílio (1980, p.83), a formação de nomes deverbais é previsível, ou seja, podemos estabelecer uma regra produtiva para observar essas formações, enquanto que a formação de verbos denominais é totalmente imprevisível. A autora ainda observa que nomes deverbais formados na base de verbos denominais são mais raros porque a forma nominal já existente no léxico pode bloquear esse processo.

Outro padrão do tipo (2.6) pode ser encontrado no PB relacionando adjetivos a nomes abstratos:

(2.7)

$$[X]_{\text{adj}} \longrightarrow [X]_{\text{adj}} \longleftrightarrow [X']_{\text{N}}$$

Assim como pares N/V, os significados dos nomes associados a adjetivos não dependem de sufixos específicos ou da direção de processos morfológicos. Consideremos a forma genérica (2.8):

(2.8)

$$[X]_{\text{A}} \longrightarrow [X]_{\text{A}} \longleftrightarrow [X']_{\text{B}}$$

¹⁷ (19) é a numeração original do exemplo em Basílio (1980).

Através deste esquema, é possível lidar com adjetivos que são formas de particípio passado de verbos e que apresentam uma contraparte nominal em *-ção*, *-mento* ou outro sufixo nominalizador de verbos. Basílio (1980, p.109) observa que “em alguns momentos essas formas são ambíguas, no sentido de que podem ser interpretadas como a nominalização do adjetivo ou como a nominalização do verbo”. Para a autora, deve-se observar o contexto de ocorrência dos nomes para saber se os nomes vieram dos adjetivos ou dos verbos. Basílio (1980) cita como exemplo o emprego da palavra *organização*. Numa frase como *eu admirei a organização deste grupo*, a palavra *organização* pode ser interpretada como “o fato de que este grupo foi organizado; a maneira como este grupo foi organizado” ou “o grau de organização deste grupo”, assim, olhando o contexto fica difícil dizer se o nome é derivado do verbo ou do adjetivo. No entanto, levando-se em consideração que o adjetivo também é uma forma verbal (particípio passado), poderíamos dizer que o nome é sempre formado por uma base verbal, porém restariam dúvidas se a base do nome veio a partir do tema do verbo ou do adjetivo. Dessa forma, considera-se que o nome pode ser formado através de uma Regra de Formação de Palavras (doravante RFP) formadora de nomes deverbais ou de uma RFP formadora de nomes a partir da forma do particípio passado¹⁸, como nos exemplos abaixo:

(2.9)

Organizar + *-ção* = organização

ou

(2.10)

organizado + *-ção* = organização

Diante dessas possibilidades, pode-se considerar, a princípio, que nomes como *organização* são formações deverbais formadas a partir do tema do verbo.¹⁹ Mesmo os nomes que não têm mais o significado de “ação de X” podem ser acomodados nesta regra, uma vez que toda palavra pode ter mudanças de sentido para atender as necessidades do falante. Como

¹⁸Segundo o *Dicionário Eletrônico Houaiss* (2004), o particípio é uma das formas nominais do verbo, com características de nome (gênero e caso) e de verbo (tempo, aspecto, voz). Em português, geralmente é formado com os sufixos *-ado* (para a primeira conjugação) e *-ido* (para a segunda e terceira conjugações), colocados, nos verbos regulares, após o radical do infinitivo (*amado*, *parado*, *vendido*, *sentido*). No entanto, alguns verbos possuem particípio irregular, como *pôr* - *posto*, *fazer* - *feito*, e há ainda os que possuem dois particípios, um regular e outro irregular, como *pagar* - *pagado* e *pago*. Algumas dessas formas de particípio passado são, muitas vezes, apenas reconhecidas pelos falantes como adjetivos.

¹⁹Encontramos, durante nossa coleta de dados, alguns nomes para os quais não se pode considerar essa possibilidade porque as diferenças entre a base do nome e do verbo não podem ser explicadas, senão pelo fato de o nome ter sido derivado do adjetivo.

lembra Rocha (1999), uma palavra pode sofrer extensões de sentido. A palavra *declaração*, por exemplo, pode significar “ato de declarar” ou “documento”. No entanto, para o autor, existem também casos de lexicalização semântica, como o caso da palavra *acabamento*, que não tem o significado de “ação de acabar” ativo em PB.²⁰ Rocha (1999) lembra ainda que existem casos de falsa nominalização, como acontece com a palavra *procuração*. Segundo o autor (ROCHA, 1999, p.20), a palavra *procuração* é uma falsa nominalização já que “não é, evidentemente, o ‘ato de procurar’, mas um instrumento jurídico, que não tem nada a ver com a ação de procurar”. O autor nos mostra isso através do exemplo:

(2.11)

Precisamos ajudar a Luísa a procurar o brinco que ela perdeu durante a aula. Mas essa *procuração* só poderá ser feita no final da aula.

O autor considera essa frase como não sendo possível na língua portuguesa, pois em PB, *procuração* não tem o significado de “ação de procurar”, sendo inerente nesta palavra o significado de “ação de administrar”²¹ que, segundo o Houaiss, outrora tinha em latim. Dessa forma, em PB essa palavra já está lexicalizada e opaca. Segundo Rocha (1999, p.21),

é preciso deixar claro, no entanto, que tais observações, de natureza diacrônica, escapam à competência lexical do falante comum, como já dissemos anteriormente. Para o linguista comprometido com a explicitação da gramática subjacente do usuário da língua, tais explicações são dispensáveis, porque não são fornecidas pela competência linguística do falante.

No entanto, ao ser observada com cuidado, a frase (2.11), sugerida por Rocha (1999) e analisada como não sendo possível em PB, pode dar origem a uma outra interpretação. Ao se imaginar que esta frase foi proferida por uma criança, é possível que ela não seja considerada impossível. Como lembra Basílio (1980), um dos conceitos mais básicos do gerativismo diz respeito à noção de competência que o falante nativo de uma língua tem ao operar com os conceitos mais básicos de sua gramática. A criança, neste caso, pode ter dito *procuração*, pois

²⁰No entanto, o *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* versão 1.0.7 de setembro de 2004, no verbete *acabamento*, considera a acepção “ato ou efeito de acabar”.

²¹ Segundo Bueno (1966, p. 3203), *procurar* tinha, além do significado conhecido de “investigar, pesquisar”, um sentido de “administrar bens de outrem”. Assim, *procuração* pode ter surgido da RFP [verbo + -ção] com um sentido de “ação de administrar”, adquirindo, posteriormente, o atual sentido de “documento”.

reconheceu que é possível formar um nome com o significado de “ação de procurar” a partir do verbo *procurar* e do sufixo *-ção*. De forma análoga, a criança também é capaz de dizer “eu *fazi* a lição” tentando conjugar um verbo irregular no padrão regular da segunda conjugação, que ela, como falante nativa de PB, é capaz de reconhecer. Portanto, teoricamente, *procuração* é uma forma que pode ser vista como um nome deverbal com o significado de “ação de procurar” no PB atual. Dessa forma, mesmo palavras que não têm o sentido de “ação de X” podem se encaixar numa RFP formadora de nome deverbal com essa acepção. Além disso, pode-se considerar também que *procuração* poderia aparecer com o sentido mais jocoso típico do *-ção* iterativo, como na frase “vamos parar com essa *procuração* do brinco, que vocês não vão conseguir encontrar nada”. Neste caso, a palavra *procuração* vem, indubitavelmente, de *procurar*.

Rocha (1999, p.9) separou a nominalização de nomes deverbais em dois tipos: a nominalização *stricto sensu* e a nominalização *lato sensu*. A primeira se caracteriza por englobar a formação de nomes deverbais com o sentido de “ato, efeito, processo, fato, resultado, estado, evento ou modo de X”, enquanto a última inclui a formação de nomes a partir de verbos, mas que não tem o sentido de “ato, processo, fato, resultado, estado, evento ou modo de X”, como por exemplo, as palavras *jogador*, *fabricante* e *lavatório*.

Neste trabalho, priorizou-se a observação da nominalização deverbal *stricto sensu*. Dessa forma, considera-se que dado um verbo de base X qualquer é possível intuir “a existência de um nome abstrato, derivado, sufixado, correspondente” (ROCHA, 1999, p.9). Segundo Rocha (1999, p. 9), os exemplos abaixo são nomes formados através da nominalização *stricto sensu*:

(2.12)

preparar	preparação	retornar	retorno
fingir	fingimento	malhar	malhação
aprender	aprendizagem	agitar	agito
exigir	exigência	atingir	(?)atingimento
abrir	abertura	acoplar	(?)acoplação
subir	subida	fujimorizar	(?)fujimorização

Ao analisar essa lista seguindo a visão de Basílio (1980), podem-se considerar as palavras *retorno* e *agito* como sendo nomes básicos associados ao verbo *retornar* e *agitar*, respectivamente. A autora (BASÍLIO, 1980, p. 115) aponta que as formas análogas *abandono*

e *acerto* são nomes básicos associados de modo paradigmático aos verbos *abandonar* e *acertar*, respectivamente. Assim, algumas formas consideradas sufixadas na visão de Rocha (1999) são consideradas básicas, na opinião de Basílio (1980).

Portanto, podemos concluir que não é tão simples dizer se uma forma nominalizada foi formada a partir do verbo ligado a ela de forma paradigmática; no entanto, observa-se que as regras de formação de nomes através de verbos são bastante produtivas em português e podem ser consideradas como a principal maneira de se formar nomes derivados em *-ção* e *-mento*, como comprovam as formas virtuais *atingimento* e *fujimorização*. Observa-se, a partir dos exemplos, que uma forma nominalizada pode apresentar sufixos variados (*-mento*, *-ção*, *-agem*, *-ncia*, *-da*, *-ura*, *zero*, etc.) e ainda pode ser forma institucionalizada na língua ou uma formação nova. Discorreremos agora sobre algumas características dos sufixos *-ção* e *-mento* do PB, formadores dos nomes deverbais analisados nesta pesquisa.

2.1.4 Os sufixos *-ção* (*-são*) e *-mento* no Português Brasileiro

Para Rocha (1999, p.23), o sufixo nominalizador *-ção* é um dos mais produtivos do sistema lingüístico português. Podemos apontar inúmeros exemplos de nominais, recentemente criados na língua, formados através da RFP [Xb + *-ção*], em que Xb representa a base e – o limite do constituinte, seguindo as abreviações de Rio-Torto (1998): “desfavelização, fujimorização, mexicanização, argentinização, sarneyzação, terceirização, magicização, absolutização, encucação, robotização, badalação, etc.” (ROCHA, 1999, p.23). Rocha (1999, p.24) também aponta o sufixo *-mento* como bastante produtivo no sistema lingüístico português. Observe-se a relação paradigmática abaixo (ROCHA, 1999, p.24):

(2.13)

acompanhar	acompanhamento
afastar	afastamento
aprofundar	aprofundamento
acolher	acolhimento
atender	atendimento
sofrer	sofrimento
descobrir	descobrimento
entupir	entupimento
prosseguir	prosseguimento

Rocha (2003, p.112-113) classifica os sufixos *-ção* e *-mento* como sendo sufixos concorrentes já que, embora sejam distintos do ponto de vista fonético, apresentam o mesmo sentido e/ou função e formam nomes abstratos a partir de verbos. O autor classifica ainda esses sufixos como categoriais, pois “mudam a categoria lexical do produto, com relação à base” (Rocha, 2003, p. 114). Através da descrição de Rio-Torto (1998, p.26), que nos mostra que essas palavras adquirem o significado acessório de “o fato de V” ou “ação, processo, estado (decorrente) de V”, podemos também classificar esses sufixos como significativos, seguindo a terminologia de Rocha (2003). Assim temos nesses nomes estruturas do tipo:

(2.14)

$Xb + -ção = \text{Ação de } Xb$

$Xb + -mento = \text{Ação de } Xb$

Segundo Basílio (2006, p. 42), as formações com *-ção* são as mais produtivas, correspondendo a quase 60% das formações regulares, enquanto as formações em *-mento* correspondem a cerca de 20%. A afirmação da autora pode ser confirmada pelos registros do dicionário Houaiss, que possui mais verbetes de palavras derivadas em *-ção* do que em *-mento*. Uma das explicações para a dupla *-ção* e *-mento* ser preferida para a formação de nomes deverbais é, segundo Basílio (2006, p.42), o fato de que ambos são semanticamente vazios em oposição aos demais. No entanto, essa explicação vem caindo, pois observações de formações neológicas em *-ção*, isto é, formas ainda não registradas em dicionários, mostram que este sufixo está adquirindo um traço semântico mais jocoso, brincalhão: o chamado *-ção* iterativo apontado por Rocha (1999) e retomado por Maroneze (2005). Sandmann (1992) considera esse tipo de uso do sufixo *-ção* como pejorativo. Para o autor (SANDMANN, 1992, p.28), a palavra *lavação* não é bloqueada por *lavagem* por ter um uso pejorativo, como em “todo dia essa *lavação* de roupa”. No entanto, preferimos a classificação de Rocha (1999), que denomina o sufixo *-ção*, nesse caso especial de extensão ou especialização de sentido, como *-ção* iterativo, “caracterizado por sua ocorrência exclusiva no linguajar informal, apresentando como propriedade semântica a idéia de iteratividade, além da idéia consagrada de ‘ato de X’” (ROCHA, 1999, p.40).

Sandmann (1991, p. 41) aponta que o sufixo *-ção* é preferido por bases terminadas em *-izar* e *-(i)ficar* (*desdolarização, estratificação*), enquanto que o sufixo *-mento* ocorre mais com verbos em *-ecer*. Para esse autor (SANDMANN, 1991, p. 42):

constitui desafio mais complexo, em geral, determinar o porquê do estabelecimento da preferência entre determinada base e um sufixo, ou o como se estabeleceu essa ‘afinidade’, como o caminho foi se alargando e tornando mais ‘fácil’.

Segundo Sandmann (1991), esta preferência é de ordem morfológica, pois existem formações com o sufixo *-mento* em verbos-bases terminados em *-izar* como *enraizamento* (*raiz – enraizar*). No entanto, Rocha (1999) tem uma opinião diferente. Este autor lembra que, para o estudo das condições de produtividade dos sufixos, é preciso levar em consideração as características da base a que se unem para formar o produto. Dessa forma, Rocha (1999) observa uma grande variedade de nomes deverbiais, retirados da lista de Basílio (1980, p. 115-126), como os exemplos abaixo:

(2.15)

-i [C] ar / -ção

abominar/abominação	complicar/complicação	implicar/implicação
animar/animação	destinar/destinação	indicar/indicação
antecipar/antecipação	dominar/dominação	humilhar/humilhação
aspirar/aspiração,	excitar/excitação	motivar/motivação
ativar/ativação	explicar/explicação	participar/participação
citar/citação	fascinar/fascinação	publicar/publicação

(2.16)

-ecer / -mento

acontecer/acontecimento	conhecer/conhecimento	oferecer/oferecimento
agradecer/agradecimento	crescer/crescimento	vencer/vencimento
comparecer/ comparecimento	esquecer/esquecimento	
	falecer/falecimento	

Através desses exemplos, o autor (ROCHA, 1999, p.37) também chega à conclusão de que “as bases derivadas com os sufixos *-izar* e *-(i)ficar* apresentam formações nominalizadas em *-ção*. As bases derivadas com o sufixo *-ecer* apresentam o nominal correspondente com o sufixo *-mento*”: *realizar/realização*; *normificar/normificação*; *entristecer/entristecimento*. Assim, Rocha (1999, p.37-38) chega à conclusão de que:

a categorização da base não leva em conta apenas características ou traços morfológicos, mas também, traços fonológicos. Tanto é verdade que bases com a terminação *-i [C]ar* (C = consoante) e *-ecer*, mesmo que sejam bases primitivas, combinam com os sufixos *-ção* e *-mento*, respectivamente [...]. Quando a base não termina em *-i [C] ar* ou *-ecer*, é difícil prever se ela combina com *-ção*, *zero* ou *-mento*.

Portanto, pode-se concluir que as características fonológicas da base podem ser importantes, na medida em que estabelecem afinidades fonológicas com determinados sufixos.

2.1.5 Os sufixos *-ção* (*-são*) e *-mento* na história do português

Diferentemente do que ocorre no PB atual, é mais raro encontrar estudos sobre os processos de formação de palavras em línguas antigas. Encontramos, muitas vezes, apenas uma lista com os principais sufixos, prefixos, etc., que são usados na formação de novos itens lexicais em outras épocas e alguns apontamentos históricos.

Sobre os sufixos focalizados nesta pesquisa, Coutinho (1974, p. 170) observa que são provenientes do latim. O sufixo *-ção* vem do latim *-tione* e denota ação ou resultado dela e junta-se a radicais verbais para formar substantivos como *rendição* e *gesticulação*. O sufixo *-mento* é, segundo Coutinho (1974, p. 171), proveniente do latim *-mentul-mental-mentum* e forma substantivos exprimindo ação ou resultado dela, coleção, instrumento, objeto, como as palavras *casamento*, *ferramenta* e *vestimenta*. Em latim, havia três gêneros para os vocábulos não verbais – masculino, feminino e neutro –, sendo que o gênero neutro ficava reservado, na maioria das vezes, às palavras que designavam seres inanimados, que é o caso de instrumentos e objetos em geral. As desinências apontadas por Coutinho (1974, p.171) são típicas do nominativo de gênero neutro: no singular, desinência \emptyset para nomes terminados em *-u* e *-m* para os terminados em *-o* (que passava a *-u* no momento da adjunção da desinência como, por exemplo, *templo/templum*); no plural, *-a* para qualquer nome neutro. Embora Coutinho considere *-mento* e *-menta* como sendo o mesmo sufixo, nota-se que *-menta* possui o significado de coleção ou instrumento – que pode ter se originado no significado de plural inerente à terminação *-menta* em latim –, como nas palavras *ferramenta* e *vestimenta*, enquanto apenas *-mento* possui significado de ação ou resultado dela. Diante dessas observações, podemos formular uma hipótese de que é possível considerar que *-mento* e *-menta* são dois sufixos diferentes no PB, sendo que *-menta* foi, provavelmente, anexado aos verbos *ferrar* e *vestir* pela RFP [verbo + *-menta*]. No entanto, embora *-menta* possa ser reconhecido como sufixo nesses casos, já não é mais produtivo no PB atual, pois não se encontram novas palavras sendo criadas a partir dele. Atualmente, existem vários sufixos que se ligam a inúmeros tipos de palavras para formar vocábulos com sentido de instrumento ou

coleção (BECHARA, 2009, p. 359), como, por exemplo, *-aria*, *-eria*, *-al*, *-ada*, que se ligam a substantivos (*livraria* – de *livro*; *sorveteria* de *sorvete*; *laranjal* – de *laranja*; *boiada* – de *boi*; etc.) e *-or*, que se liga a verbos (*corredor* – de *correr*; *andador* – de *andar*; etc).

Para Ali (1964, p.240) o sufixo *-ção* é proveniente do latim *-tion/-sion* em que as consoantes *t* e *s* pertencem a temas do particípio pretérito. Esse sufixo serve para formar nomes abstratos dos verbos. Para o autor, muitos dos vocábulos com esse sufixo são formações da fase mais antiga da língua portuguesa. O sufixo *-mento* é denominado como sendo formador de substantivos que denotam ação. Ali (1964, p.240) observa que

notável facilidade tinha o português antigo para criar substantivos abstratos terminados em *-mento*. A prodigalidade de seu emprego é, até, um dos traços característicos da linguagem escrita daquela época; mas quando começa a prevalecer o gosto quinhentista, desde logo se nota o desuso dos ditos vocábulos, dando-se preferência, sempre que era possível, a palavras com outras terminações.

Assim, da opinião deste autor, pode-se inferir que, com o passar do tempo, o sufixo *-mento* foi caindo de produtividade, enquanto aumentou o uso do sufixo *-ção*, o que pode ser comprovado pelos dados que iremos analisar no decorrer deste trabalho.

2.2 Fonologia

2.2.1 Fonologia Lexical

Para Kiparsky (1985, p.2) na visão da gramática tradicional, o léxico é uma espécie de apêndice cuja função é apenas listar o que é irregular e impraticável sobre as palavras de uma língua. Na fonologia lexical (de agora em diante, FL) (KIPARSKY, 1985; MOHANAN, 1986; PULLEYBLANCK, 1986), o léxico passa a ser visto “não só como o depositário de idiossincrasias, mas como um domínio de regras fonológicas que interagem com regras morfológicas” (BISOL, 2005a, p. 83).

A FL e a Fonologia Gerativa Padrão (CHOMSKY; HALLE, 1968), assemelham-se, em alguns pontos importantes, embora se contraponham em muitos aspectos. Ambas as teorias reconhecem a necessidade de uma representação fonética e assumem a importância de se ter uma representação ainda mais abstrata, chamada forma subjacente ou forma fonêmica.

Entretanto, a FL e a Fonologia Gerativa Padrão diferem na maneira de estruturar o léxico. Assim, como a Fonologia Gerativa Padrão enxergava o fonema como uma matriz de traços sem hierarquias (ver item 2.2.2 desta seção), ela também não considerava o léxico de forma estruturada. Para Mohanan (1986), um trabalho precursor das idéias desenvolvidas na FL é *Remarks on Nominalization*, de Chomsky (1970). Nesse trabalho, Chomsky já trazia a idéia de que havia uma regularidade nas relações entre palavras que diferia das relações sintáticas determinadas pela estrutura da sentença. Chomsky (1970) chamava essa relação de “*lexical rules*”. Mohanan (1986, p. 04) explica que, na visão de Chomsky (1970):

A lexical rule was a “redundancy” rule which captured the regularities in the lexical entries, such as the relation between destroy and destruction. This was the beginning of the recognition that word structure and sentence structure were not governed by the same set of principles, and that they belonged to different modules of grammar. In Chomsky (1965), the output of lexicon was a set of morphemes; after Chomsky (1970), the output of lexicon was a set of words.

A partir de então, iniciou-se um movimento a favor da idéia de que o léxico poderia ser utilizado para expressar a natureza de certos processos fonológicos. Kiparsky (1985, p.2) observa que o léxico tem “*rich internal organization of its own and is becoming recognized as the site of pervasive grammatical regularities*”. Dessa maneira, um dos pressupostos da FL considera que o léxico de uma língua é composto de níveis (ou “estratos”, segundo Mohanan, 1986).

A FL é uma teoria que procura observar atentamente a interação das regras fonológicas com as regras morfológicas. Assim, a FL oferece um novo método de trabalho “transferindo parte das regras fonológicas para o léxico, de tal modo que uma parte do componente fonológico se integrou ao componente morfológico” (LEE, 1995, p.4).

De acordo com Lee (1995, p.5-6), na FL clássica, os componentes da fonologia e da morfologia intermisturam-se, de modo que as regras fonológicas relevantes se aplicam à saída de toda regra morfológica, criando uma forma que é entrada para outra regra morfológica. Surge, assim, o conceito da aplicação cíclica de regras no nível do léxico. Segundo Massini-Cagliari (1999, p. 100), a ciclicidade proposta pela FL amplia a idéia de ciclo abordada pela Fonologia Gerativa Padrão. Na FL, como cada forma precisa passar necessariamente por todos os níveis do léxico, pode-se dizer que, durante os processos de formação das palavras, sua conseqüente passagem pelos componentes do léxico é cíclica. Dessa forma, de acordo

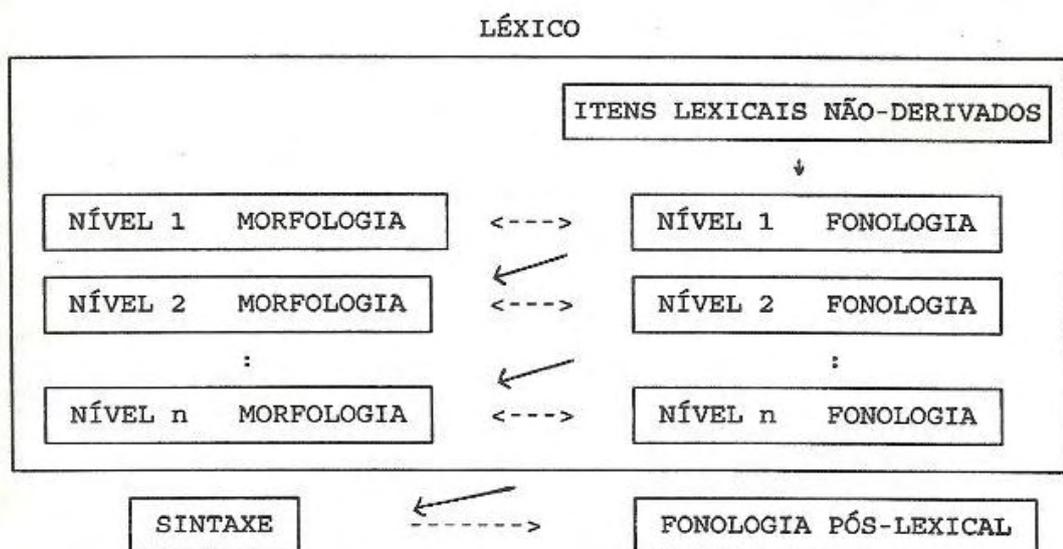
com a autora, a ciclicidade é “uma consequência da interação entre os estratos lexicais e o sistema de regras fonológicas” (MASSINI-CAGLIARI, 1999, p. 100).

A interação entre essas regras nos dá as representações lexicais que são distintas da representação subjacente. Eis um ponto importante em que a FL difere da fonologia gerativa padrão, pois observamos aqui três representações – representação subjacente, representação lexical e representação fonética –, enquanto na fonologia gerativa padrão há apenas a representação subjacente e a representação fonética.

Como mencionado, esta abordagem teórica considera que o léxico é composto por níveis (MOHANAN, 1986; KIPARSKY, 1985), de modo que os processos de derivação e de flexão de uma língua podem ser organizados em uma série desses estratos. Assim, a ordem dos processos morfológicos na formação da palavra é definida pela ordem desses níveis. Há, portanto, dois tipos diferentes de aplicação das regras fonológicas. O primeiro plano é representado pelas regras que se aplicam dentro do léxico e é chamado de nível lexical. O segundo representa as regras que operam fora do domínio do léxico, isto é, no componente sintático, e é chamado, assim, de nível pós-lexical.

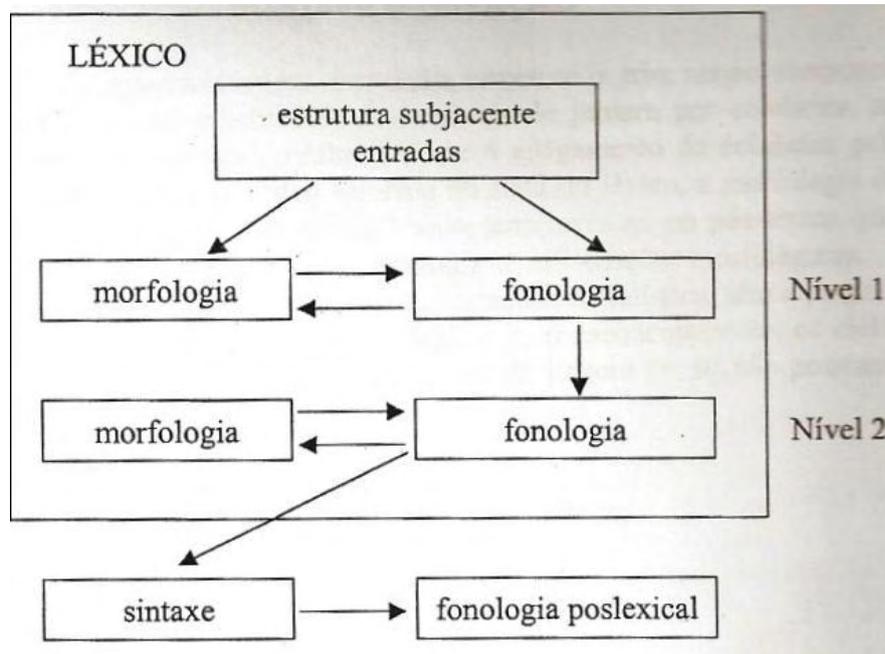
Abaixo temos dois modelos de como funciona a interação léxico/fonologia na FL:

(2.17)



Esquema de Kiparsky (1985) para a FL, segundo Lee (1995, p.5)

(2.18)



Modelo da FL segundo Bisol (2005a, p. 94)

Essas duas representações não diferem muito, exceto pelo fato de que, para Bisol (2005a), a entrada dos itens lexicais em forma subjacente pode ocorrer tanto pela fonologia quanto pela morfologia (se não estiver sob a regra de identidade da qual falaremos na seção 2.2.2), enquanto Lee (1995) segue a proposta de Kiparsky (1985) de que as palavras não-derivadas fazem sua entrada pela fonologia.

2.2.2 Princípios e Condições

Segundo Bisol (2005a, p. 85), “três são os mecanismos reguladores do modelo: o ciclo, herança do modelo gerativo *standard*, a condição de Ciclo Estrito e o Princípio de Preservação de Estrutura”. Eis alguns dos princípios básicos da FL (KIPARSKY, 1985):

- **Regras lexicais são cíclicas**, isto é, o *output* de todo processo de formação de palavras se realiza antes da regra fonológica do nível em que ocorre. Assim, as regras fonológicas inter-relacionadas com a morfologia se repetem na formação de palavras quando surgem morfemas que venham a formar ambientes que satisfaçam suas descrições. No entanto, Kiparsky (1982, p. 5) lembra que “*postlexical rules cannot be cyclic because syntax does not operate by pairwise concatenation as word-formation*”

does”. Mohanan (1986, p. 49) estabelece dois estratos para a aplicação de regras cíclicas e não cíclicas:

a. Noncyclic stratum

The phonological rule system is scanned for applicability of rules only after all the morphological rules have applied at a given stratum.

b. Cyclic stratum

The phonological rule system is scanned for applicability of rules every time there is a new form at a given stratum (i.e. phonological rules are scanned for applicability to the forms entering the stratum, as well as to the forms created by a morphological operation at the stratum).

Os estratos citados ainda estão sujeitos a algumas regras, como as que estão detalhadas na seqüência.

- **Condição do Ciclo Estrito:** regras cíclicas se aplicam somente em ambientes derivados e se o contexto for favorável a sua aplicação.
- **Princípio de Preservação de Estrutura:** regras envolvidas na formação de palavras devem ser fiéis ao sistema da língua, por isso dizemos que são preservadoras. A esse respeito, Kiparsky (1985, p.5) afirma que uma palavra derivada “*must satisfy the same conditions as basic lexical items. Namely, all are subject to the phonotactic and other constraints that govern the lexicon as a whole*”.
- **Elsewhere Condition:** Regras A e B do mesmo componente aplicam-se disjuntivamente a uma forma se:
 - a) A descrição estrutural de A (a regra específica) inclui a descrição estrutural de B (regra geral).
 - b) O resultado da aplicação de A é distinto do resultado da aplicação de B.

Por isso, existem plurais regulares no inglês, por exemplo, como *table – tables* e *book – books*, o que não ocorre no caso de *people – *peoples*, já que essa palavra tem o conceito de plural inerente em seu significado, bloqueando, assim, a formação do plural regular.

- **Regra de identidade:** segundo Kiparsky (1985, p.5) cada item que inicia um ciclo é produto de uma regra de identidade, a qual faz uma cópia da própria entrada.

(2.19)

Ex.: *people pl* *people pl*]_N

Esse tipo de regra de identidade está numa relação de disjunção com a regra de formação de plural, que atua em outro nível, acrescentando o morfema correspondente ao plural. Por isso, podemos dizer que a *Elsewhere Condition* está agindo.

- **Bracketing Erasure Convention (BEC)**²²: essa regra estipula que “*internal brackets are erased at the end of every level*”.

As Regras aplicadas lexicalmente estão sujeitas ao princípio de preservação de estrutura e podem ter exceção; já as aplicadas no pós-léxico não se submetem necessariamente ao princípio e não têm exceções.

Em PB, observa-se a ocorrência do fenômeno da epêntese em palavras como *Unesp* (*Unespì*) e *arroz* (*arroiz*). De acordo com a afirmação de Kiparsky, podemos afirmar que o primeiro caso trata-se de uma regra lexical, pois visa preservar a estrutura da sílaba (visto que em PB não é permitido [p] na coda) e, desse modo, não apresenta exceção. Já o segundo caso apresenta uma regra pós-lexical, pois, apesar de a sílaba /xoS/ ser considerada ‘boa’ no Português, há, ainda assim, a inserção do segmento [i]. (MIGLIORINI, 2008, p.70-71)

As características que distinguem as regras lexicais das pós-lexicais podem ser observadas no quadro abaixo (LEE, 1992, p. 110, baseado em PULLEYBLANCK, 1986):

REGRAS LEXICAIS	REGRAS PÓS-LEXICAIS
a. pode referir-se à estrutura interna das palavras	a. não pode se referir à estrutura interna das palavras
b. não pode se aplicar fora de palavra	b. pode aplicar-se fora de palavras
c. pode ser cíclica	c. não pode ser cíclica
d. se cíclica, está sujeita ao ciclo estrito	d. é não cíclica; portanto, “ <i>across-the board</i> ”
e. submete-se à “structure preserving”	e. não precisa de “structure preserving”
f. pode ter exceções lexicais	f. não pode ter exceções lexicais
g. deve preceder todas as aplicações das regras pós lexicais	g. deve ser precedida de todas as aplicações das regras lexicais.

Quadro 2.2.3 - Regras Lexicais e Pós-Lexicais

²² Essa regra é sintetizada por Massini-Cagliari (1999, p.101) da seguinte forma: “Convenção de Apagamento de Parênteses: Apague os parênteses internos ao final de cada nível”.

Neste trabalho, vamos considerar que a entrada da estrutura subjacente das palavras pode ocorrer tanto pela fonologia como pela morfologia – de acordo, portanto, com Bisol (2005a), no entanto vamos seguir, também alguns pressupostos teóricos de Lee (1995). No exemplo (2.20), a seguir, vemos a derivação das palavras *tempo*, *temporal* e *temporalidade*, seguindo este modelo (BISOL, 2005a, p.96-97).

Em primeiro lugar, substituem-se os sinais de junção típicos (+ e #) pelos colchetes que “carregam informações morfológicas, têm a propriedade de indicar os níveis morfológicos e, conseqüentemente, os ciclos envolvidos” (BISOL, 2005a, p.96-97). Como mostra a autora, há o apagamento de colchetes pelo princípio da BEC somente ao final do nível lexical; assim, a morfologia da palavra fica visível em todo o léxico, mas invisível no pós-léxico que, em consonância com a teoria, desconhece informações morfológicas. Segundo Bisol (2005a, p. 97), o ciclo começa com o radical que inclui a vogal temática, e toda a derivação está atenta aos princípios e condições da teoria.

(2.20)²³

	[teNp+o] _N	[[teNp+o]al] _N	[[[teNp+o]al]idade] _N
Léxico			
Nível 1			
Ciclo 1			
Morfologia			
Adjunção			
de VT	[teNpo]	[teNpo]	[teNpo]
Fonologia			
Silabificação	[teN.po.]	[teN.po.]	[teN.po.]
Acento	- [têN.po.]	[têN.po.]	[têN.po.]
Ciclo 2			
Morfologia			
Afixação		[[têN.po.] al]	[[têN.po.]al]
Fonologia			
CCA		[[teN.po.]al]	[[teN.po.]al]
Silabificação			
c/epêntese		[[teN.po.]ral.]	[[teN.po.]ral.]
Acento		[[teN. po. rál.]	[[teN. po. rál.]
Ciclo 3			
Morfologia			
Afixação			[[[teNpo.rál.]idade]
Fonologia			
CAA			[[[teNpo.ral.] idade]
Silabificação			[[[teN.po.ral.]i.dade]
Acento			[[[tem.po.ra.li]j.dá.de]
Convenção de			
Bracketing		[teN. po. rál]	[teN.po.ra.li.dá.de]
Pós-léxico			
Neutralização	[têN.pu]	—	[teN.po.ra.li.dá.di]
Palatalização	—	—	[teN.po.ra.li.dá.dʒi]
Nasalização			
da vogal	[têN.pu]	[têN.po.rál]	[têN.po.ra.li.da. dʒi.]
Implementação			
de N	[têm.pu.]	[têm.po.rál]	[têm.po.ra.li.dá dʒi.]
Saída	têm.pu.	têm.po.rál	têm.po.ra.li.dá. dʒi.

²³ Exemplo original de Bisol (2005a). Em alguns estudos, a vogal *i* do sufixo *-idade* é considerada vogal de ligação.

As regras observadas neste exemplo são:

(2.21)

- **Neutralização**

$$V \rightarrow [+alt] / _]_w$$

$$\left[\begin{array}{l} -alt \\ -bx \end{array} \right]$$

- **Palatalização**

$$[t,d] \rightarrow [ʃ,dʒ] / _[i]$$

- **Acento**

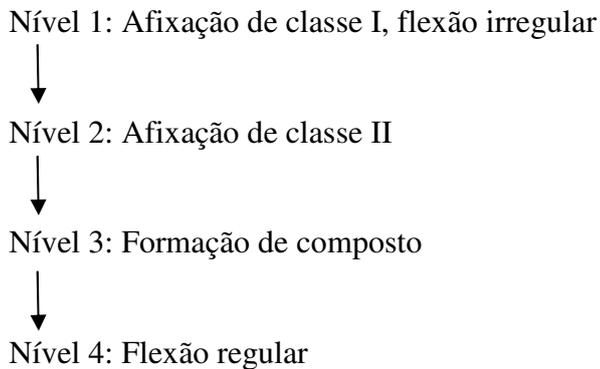
Acentue a última sílaba se for pesada. Nos demais casos, forme um troqueu silábico a partir da direita.

Este exemplo de Bisol (2005, p. 97) mostra de forma bastante clara como a FL funciona. Assim, mostramos aqui alguns dos princípios da FL e como podemos analisar o léxico através de seus pressupostos.

2.2.3 Fonologia Lexical do Português Brasileiro

Lee (1992, 1995), a partir da FL, faz uma análise dos fenômenos fonológicos do PB que, segundo a Fonologia Gerativa padrão (CHOMSKY; HALLE, 1968), são condicionados morfológicamente. Primeiramente, o autor (LEE, 1992, p.11) postula que há quatro níveis no léxico do Português Brasileiro (PB):

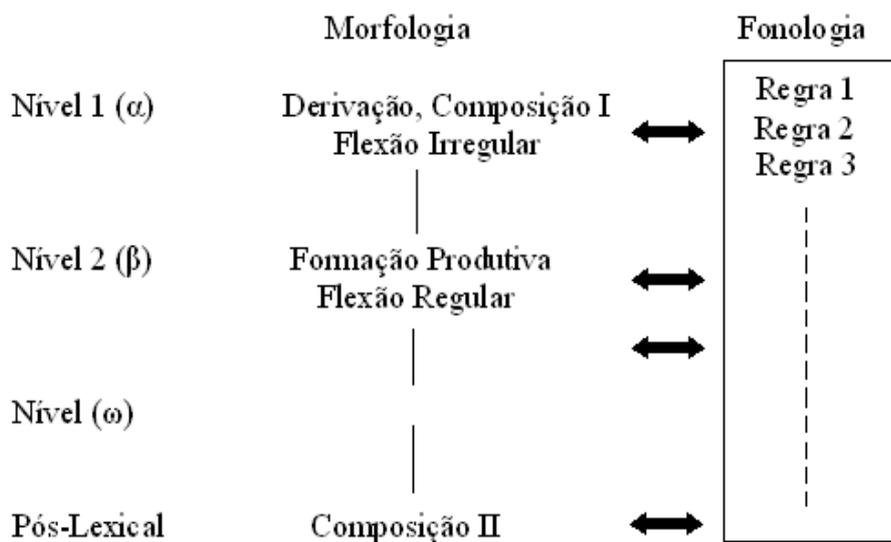
(2.22)



Segundo Lee (1992, p. 111), de acordo com os pressupostos da FL, o léxico do Português precisa ser estruturado em quatro níveis, para dar conta de todos os processos morfofonológicos que ocorrem nesta língua. Porém, em sua tese de doutorado, o autor assume a posição de que “todos os processos derivacionais ocorrem num mesmo nível, ou seja, no nível 1” (LEE, 1995, p.11). Assim, revendo sua proposta anterior (LEE, 1992), o autor propõe que o léxico do PB tem dois níveis ordenados (LEE, 1995, p.11):

(2.23)

Modelo da FL do PB



O nível 1 (α) inclui todos os processos derivacionais, a flexão irregular e alguns processos de composição aos quais se pode acrescentar os sufixos derivacionais, como podemos observar nos exemplos abaixo:

(2.24)

- a) [feliz], [[felic]idade]
- b) [descobrir], [descoberta]
- c) [[rádio-tax]ista], [[puxa-saqu]ismo]

O nível 2 (β) inclui a flexão regular do verbo e do não-verbo (número) e a formação produtiva do português, como vemos nos exemplos abaixo, as formações de diminutivo (-inho, -zinho), advérbio (-mente) e grau (-íssimo) encontram-se nesse estrato:

(2.25)

- a) falo, falava
- b) flor, flores
- c) cafezinho

O nível da palavra fonológica (ω), de acordo com a FL, é a saída do léxico e a entrada para a sintaxe.²⁴ Nesse nível, a aplicação das regras é não-cíclica e não afeta as operações morfológicas. Para Lee (1995), este nível pertence ao componente pós-lexical. Há processos de formação de palavras que ocorrem neste nível. O autor chama esses tipos de compostos de “pseudo-compostos”, ou seja, palavras sintáticas reanalisadas e que permitem processos fonológicos entre seus constituintes. Abaixo, vemos alguns exemplos desses compostos, como *garota propaganda*, que permite a formação do plural entre os constituintes (*garotas propaganda*):

²⁴Este pressuposto da FL entra em conflito com a definição de palavra fonológica de Nespore e Vogel (1986), pois, conforme a teoria formulada por essas autoras, a palavra fonológica seria mapeada somente na sintaxe, porque, de acordo com a fonologia prosódica, são necessárias informações da sintaxe para o estabelecimento deste domínio. Assim, seguindo este aparato teórico, a palavra fonológica não poderia vir formada a partir do léxico, como afirma a FL.

(2.26)

- a) funcionário fantasma, homem-rã
- b) garota propaganda
- c) fim de semana, pé de moleque

No modelo da FL, há dois tipos de aplicação de regras fonológicas. Elas podem ser aplicadas no léxico, fora do domínio do léxico ou em ambos os níveis. Segundo Massini-Cagliari (1999, p. 94-95), as regras pós-lexicais

- a) operam na fronteira de palavras ou fazem uso de estruturas sintáticas ou prosódicas.
- b) Incluem, especificam ou se referem a traços não distintivos (regras sub-fonêmicas ou fonéticas).

enquanto as Regras Lexicais:

- c) Envolvem ajustes que são desencadeados pela combinação de morfemas
- d) Operam modificações na estrutura segmental requeridas quando a forma subjacente não satisfaz as condições fonotáticas que consideram uma palavra bem formada.

Um exemplo da aplicação dessas regras é, segundo Mohanan (1986, p.5), a alternância de [t]/[s], em palavras como *president/presidency*, que difere da alternância em [t]/[th²⁵], como em *photograph/photographer*. A FL diferencia esses casos, pois considera que a regra que transforma [t] em [s] é aplicada dentro do léxico (já que é motivada morfológicamente), enquanto a regra que transforma [t] em [th] aplica-se no componente pós-lexical (pois não possui motivação morfológica).

Existem processos fonológicos que podem ser aplicados tanto no nível lexical quanto no pós-lexical como, por exemplo, a haplologia (que será detalhada na próxima seção), que é considerada por vários autores como um processo fonológico em que há a queda total de uma sílaba no encontro de duas sílabas semelhantes (TENANI, 2002 e PAVEZZI 2005, 2006). Exemplos dessa ocorrência no pós-léxico acontecem em sintagmas como (ALKMIM E GOMES, 1982):

²⁵ Símbolo equivalente a [t^h] no IPA.

(2.27)

- a) Cal(do) de cana
- b) Lei(te) de côco

Nesses casos as sílabas entre parênteses sofrem a queda por conta de fatores relacionados ao ritmo e a prosódia. Já nos casos que estamos estudando, e que descreveremos na próxima seção, podemos observar que a queda das sílabas está relacionada à derivação, portanto, um fator de ordem morfológica. Sendo assim, o processo só pode acontecer no nível do léxico.

2.2.4 Teoria de Geometria de Traços

Na visão das fonologias não-lineares, acredita-se que as unidades fonológicas básicas, os fonemas, não são segmentos, mas, sim, um conjunto de traços que se combinam hierarquicamente de várias maneiras para formar os sons da linguagem humana. Para Clements e Hume (1995, p. 245):

feature theory has emerged as one of the major results of linguistic science in this century, and has provided strong confirmation for the view that languages do not vary without limit, but reflect a single general pattern which is rooted in the physical and cognitive capacities of the human species.

Segundo os autores (CLEMENTS; HUME, 1995), muitos teóricos que seguiam a linha de Jakobson e a tradição gerativista organizavam o fonema em uma simples matriz de traços, pois acreditavam que os fonemas eram apenas um conjunto de traços sem estrutura interna. Segundo Cagliari (1997, p.10), Chomsky e Halle (1968), na obra conhecida como *SPE - The Sound of Pattern of English*, optaram pelas matrizes de traços distintivos devido aos compromissos com a engenharia de telecomunicações.

Como, nessa visão, um fonema seguia o outro de maneira retilínea, esses modelos ficaram conhecidos como lineares. No entanto, observando as línguas, encontram-se alguns fenômenos que não podiam ser explicados numa visão linear. Por exemplo, em algumas línguas, o traço nasal pode “sair” de um segmento espalhando-se para fonemas que estão

antes e depois do fonema nasal, ou, ainda, espalhar-se para mais de um segmento ou sílaba, estabelecendo, dessa forma, um fenômeno de harmonia do traço nasal.²⁶

Goldsmith (1976, 1991) observou que a falta de organização interna das matrizes de traços mostrou-se insatisfatória para estudar as línguas que diferenciam sons através do tom. Como mostra Cagliari (1997, p.11), “numa matriz, os tons HL (high-low) e LH (low-high) representam a mesma coisa, causando uma ambigüidade indesejada (tom alto-baixo ou baixo-alto?)”. A partir daí, Goldsmith passou a criar níveis, de modo que os tons ficassem auto-segmentados num mesmo plano; assim, seus processos fonológicos atuam nesse nível de forma específica.

Problemas como esses ofereceram “*a direct challenge to linear theories of phonological representation, and led to the development of alternative, non-linear frameworks*” (CLEMENTS; HUME, 1995, p.247). Assim, surgiu a fonologia de geometria de traços, que está teoricamente ligada ao modelo auto-segmental, porém foi além dessa idéia, organizando os traços hierarquicamente e ampliando a abrangência de sua ação para além dos segmentos. Desde o começo esse modelo²⁷ está baseado na fonética articulatória, privilegiando o aspecto da configuração do aparelho fonador, como explicam Clements e Hume (1995, p. 251):

Central to the current development of feature theory is the idea that speech is produced using several independently functioning articulators. These articulators – comprising the lips, the tongue front, the tongue body, the tongue root, the soft palate, and the larynx – may define a single, primary constriction in the vocal tract, or may combine to produce several constrictions at the same time.

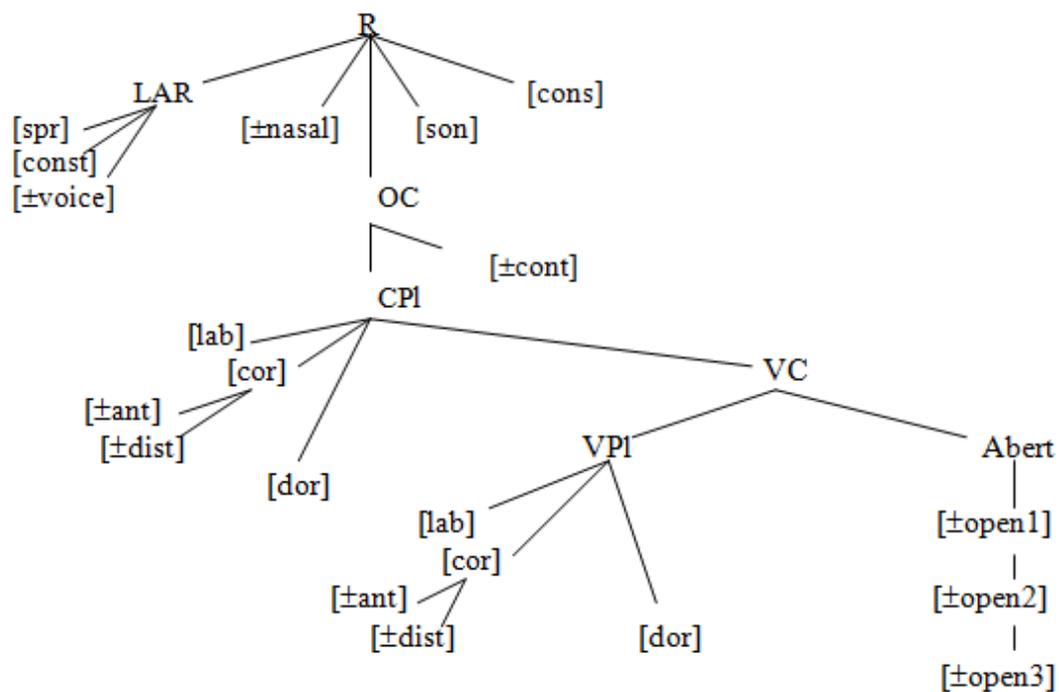
Como as articulações são parte fundamental na organização da estrutura de um segmento, foi proposto que tais segmentos seriam representados através de nós formando fileiras (*tiers*). A estrutura é em forma de árvore, que passa a ter também nós intermediários e nós terminais, de tal modo que, além das propriedades distintivas, incorpora também outros aspectos fonéticos como, por exemplo, o nó do lugar de articulação e nó de abertura. Quanto mais alto o nó, mais abrangente será a unidade de traço que o especifica. Observe, no exemplo (2.28) a seguir, o modelo de geometria de traços proposto por Clements (1993 – CAGLIARI, 1997, p.30)

²⁶ Para uma análise do fenômeno da nasalização no PB através da geometria de traços, consultar Cagliari (1997).

²⁷ Lembramos que existem outras propostas para a Teoria de Geometria de Traços, como Halle (1995) e Halle, Vaux e Wolfe (2000).

A linha do tempo, na qual se sucedem os segmentos sonoros na fala, passou a se chamar esqueleto e os segmentos são marcados com um X ou com as letras C e V (consoante e vogal, respectivamente). No modelo antigo, as regras agiam sobre as matrizes; neste modelo, agem sobre os traços. Segundo Cagliari (2002), “através de linhas de associação, os traços de um segmento podem se ligar a traços de outros, revelando os processos fonológicos que ocorrem”, como a assimilação, a queda, a harmonia vocálica, nasalização, ditongos, segmentos geminados, longos, africados, etc., podendo mesmo ir além da sílaba atingindo o domínio morfológico.

(2.28)



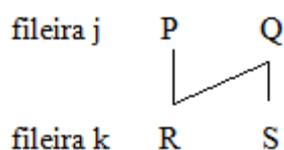
Nós:	R	Raiz	Propriedades:	[spr]	aberta
	LAR	Laríngeo		[const]	apertada
	OC	Cavidade Oral (CO)		[voice]	vozeada
	CPI	Lugar da Consoante (Cpl)		[nas]	nasal
	VC	Vocálico		[cons]	consonantal
	VPI	Lugar da Vogal (Vpl)		[son]	sonorante
	Abert	Abertura		[cont]	contínua
	[-open]			[lab]	labial
	[+open1]			[cor]	coronal
	[+open2]			[ant]	anterior
	[+open3]			[dist]	distribuída
				[dor]	dorsal
				[open]	abertura

Clements e Hume (1995, p.250-251) afirmam que a organização dos traços é determinada universalmente. Partindo deste princípio, acredita-se que a maneira como os valores dos traços são alocados em fileiras e agrupados nos constituintes não varia de língua para língua. Os traços são, ao mesmo tempo, organizados de maneira hierárquica e cada um de seus constituintes funciona como uma única unidade em regras fonológicas.

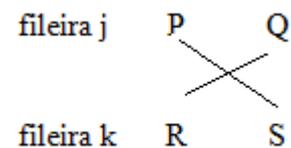
O modelo de Geometria de Traços trabalha com a idéia de subespecificação dos traços, na qual só são auto-segmentados aqueles que são estritamente relevantes para definição dos elementos fonológicos que se quer definir. Basta dizer que um traço distintivo está atuante no sistema de forma positiva para que os valores negativos fiquem subespecificados, isto é, não aparecem por serem, de certa forma, previsíveis (redundantes).²⁸ Assim, por convenção, sempre que um traço vier sem as marcas, assume-se que ele traz implicitamente a marca positiva.

O modelo fonológico de Geometria de Traços apresenta algumas restrições ou princípios específicos. Um dos princípios mais importantes desse modelo de análise fonológica é a Condição de não-cruzamento de linhas (CCL ou NCC em inglês). Este princípio diz que “*association lines linking two elements on tier j to two elements on tier k may not cross*” (CLEMENTS; HUME; 1995, p. 266). Assim; podem existir representações como (2.29), mas não como (2.30):

(2.29)



(2.30)



Outro princípio importante desta teoria é o Princípio do Contorno Obrigatório (PCO ou OCP em inglês), que proíbe elementos adjacentes idênticos num mesmo plano. Esse princípio foi formulado originalmente em Leben (1973) e, desde então, vem sendo aplicado em inúmeros estudos (ODDEN, 1995; BROSELOW, 1995; CLEMENTS; HUME, 1995; SCHANE, 1995). Para Cagliari (1999, p.17) o PCO é um ponto que ainda não teve uma discussão mais profunda na fonologia atual. Segundo o autor, “a ação deste princípio é a de

²⁸ A respeito da subespecificação dos traços, Cagliari (1997, p.24) adverte que, em determinados contextos, “pode ser importante trazer à tona traços antes considerados redundantes, quando eles são decisivos para definir o funcionamento de alguma regra”.

barrar auto-segmentos iguais na mesma fileira (*tier*) na forma subjacente lexical. É uma forma de restrição” (CAGLIARI, 1999, p.17). Silva (2005, p. 208) observa que, se uma seqüência idêntica ocorre, ela será reduzida a uma unidade no processo derivacional, assim “(aa) torna-se (a)”. A autora também aponta que a extensão da aplicação do PCO para outras categorias como segmentos e sílabas tem sido tópico de discussão na literatura.

Segundo Yip (1988, p.65), se o PCO age numa regra, esta regra é bloqueada ocasionando dois efeitos: “*first, the OCP might not only block but also trigger rules. Second, it might condition the mode of application of an otherwise ambiguous rule*”. Yip considera que o PCO age como uma restrição universal em regras fonológicas.

McCarthy (1986) acredita que esse tipo de restrição pode acontecer em todos os níveis. Por exemplo, para o autor (McCARTHY, 1986, p. 208), “*at the melodic level, adjacent identical elements are prohibited*”.

Cagliari (1999, p. 17), seguindo Yip (1988), sintetiza a ação do bloqueio nos seguintes casos:

- eliminar raízes idênticas e também traços de lugares idênticos;
- é uma restrição da gramática universal (GU), que evita seqüências tautológicas;
- fonemas que pertencem a morfemas diferentes ocorrem em fileiras diferentes; (portanto, nem toda seqüência de traços idênticos é atingida pelo PCO);
- combinação de fileiras (*tier conflation*) pode colocar dois elementos idênticos juntos;
- se nenhuma regra agir sobre dois traços idênticos contíguos, eles se fundirão em um, no final do ciclo derivativo, completando sua passagem por um estrato lexical.

2.3 Considerações finais

Discorreremos rapidamente sobre alguns dos pressupostos teóricos que serviram de embasamento para nossas análises, que serão apresentadas na seção 3 desta Dissertação. Sintetizamos algumas discussões importantes para a morfologia, como o conceito de palavra, diferenças entre derivação e flexão, e definimos nosso objeto como o estudo da nominalização *stricto sensu*. Vimos também alguns pressupostos da fonologia não-linear que são essenciais para nossas análises. Na próxima seção, iremos aplicar alguns desses conceitos à análise dos dados encontrados no PA e no PB.

3 Descrição e Análise dos Dados

Nesta seção, iremos apresentar e analisar os dados encontrados no PA e no PB sob o viés das teorias apresentadas na seção anterior. Pretendemos mostrar aqui como a FL e a teoria de geometria de traços nos permitem uma análise dos processos morfofonológicos que ocorrem com os sufixos selecionados, e veremos também como o PCO age, desencadeando alguns processos. Por fim, apresentamos um balanço dos dados e dos processos encontrados no PA e no PB.

3.1 Metodologia e coleta dos dados

Preocupamo-nos nesta pesquisa, primeiramente, com a coleta e a organização dos dados que virão a ser descritos e estudados. Como lembra Basílio (1999, p.60), “a ocorrência de uma construção lexical pode provir tanto de uma RFP (Regra de Formação de Palavras) quanto do acesso a um item já armazenado no léxico, e, portanto, não evidencia a operação do processo correspondente”. Assim, em virtude dessa dupla natureza do léxico (componente de regras e lista de entradas lexicais), separamos apenas as palavras que vieram de uma RFP em que temos uma base verbal dando origem aos nomes que serão analisados.

Primeiramente organizaram-se os dados do PA: foram mapeadas todas as ocorrências de palavras que apresentam os sufixos em análise, a partir do *Lessico in rima*, de Betti (1997) – que fez um levantamento de todas as rimas possíveis nas 420 *Cantigas de Santa Maria* de Afonso X, e de todas as entradas lexicais que aparecem nessa posição –, e do *Glossário* de Mettmann (1972) – no qual estão registradas todas as palavras das cantigas religiosas e suas variantes mais significativas –, além de consultarmos as próprias CSM. Dessa forma organizamos o Apêndice A (ver anexo).²⁹

Com relação ao PB, coletamos os dados a partir de um recorte do banco de dados do Laboratório de Estudos Lexicográficos da UNESP (LabLEX). Ao utilizar o software de pesquisa *Folio Views* (banco de dados de português), observou-se que este programa não faz uma listagem das palavras-alvo, apenas apresenta o contexto de ocorrência todas as vezes que um determinado vocábulo aparece. Dessa forma, uma mesma palavra aparece repetida muitas

²⁹ Em trabalho anterior (PRADO, 2009), consultamos também o *Vocabulário* de Lapa (1995), que registra a ocorrência de palavras nas cantigas de escárnio e maldizer. Encontramos nesta obra muitas palavras já presentes nas CSM e nenhuma variante significativa, isto é, nenhum processo morfofonológico diferente dos encontrados nas cantigas religiosas. Assim, por serem as CSM a fonte mais rica da lírica galego-portuguesa em termos lexicais, optamos por desenvolver esta dissertação apenas com os dados provenientes delas.

vezes no *corpus*. Assim, esta pesquisa resultou em 4 arquivos de imagem no formato TIFF, que, por não permitirem maiores buscas e uma organização melhor dos dados, foram convertidos em quatro documentos do Microsoft Word com 4.490 páginas (arquivo com 46,1 MB) para o sufixo *-ção*, 1.786 páginas para *-são* (arquivo com 15,6 MB), 366 páginas para *-ssão* (arquivo com 3,5 MB) e 1841 páginas (arquivo com 18 MB) para o sufixo *-mento*. No entanto, quando os arquivos TIFF são convertidos para o formato .doc, as formatações do texto original ficam prejudicadas. Como os arquivos do *corpus* são constituídos de muitas páginas, fica bastante difícil de recuperar as formatações originais; por isso, para a apresentação do *corpus* do PB como apêndice B desta dissertação (ver CD em anexo) convertemos os arquivos originais de imagem TIFF para o formato PDF. A partir dos arquivos em Word, foram iniciadas as tentativas de contagem e separação das palavras, porém, a ferramenta de busca disponível no próprio Word também é bastante limitada; por isso, optamos por usar softwares de busca de palavras que estão gratuitamente disponíveis na internet.

A partir do site do Grupo de Morfologia Histórica do Português da USP³⁰, fomos direcionados ao site http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/antconc_index.html, através do qual é possível fazer o download do programa ANTCONC 3.2.1. Esse programa, desenvolvido por Laurence Anthony, da Faculty of Science and Engineering - Waseda University, é um conjunto de ferramentas que permite buscas e faz o cálculo estatístico das ocorrências das palavras em um *corpus* escrito. O site do Grupo de Morfologia Histórica do Português da USP disponibiliza também uma apresentação feita por Nilsa Areán-García, com instruções para o uso do programa. Além disso, trata-se de uma ferramenta leve e de fácil execução; por isso, não houve dificuldades de uso. Ainda assim, a lista de palavras gerada pelo ANTCONC 3.2.1 (525 palavras de final *-ção*, *-ssão* e *-são* e 153 palavras de final *-mento*) não é uma lista limpa, isto é, encontramos todas as palavras terminadas nos finais *-ção* (*-ssão*, *-são*) e *-mento*, mas nem todas são casos de derivação de nomes de verbais. Por isso, as listas geradas pelo programa têm que passar por um processo de “limpeza”, a fim de serem retiradas as palavras que não servirão para nossa análise.

Dessa forma, excluímos as palavras que não apresentam relação paradigmática com nenhum verbo, como *coração*, ou os casos em que o verbo é derivado da palavra selecionada, como *cimento* (*acimentar* ou *cimentar* apresentam o nome correspondente *cimentação*, segundo o dicionário eletrônico Houaiss (2004)). Além dessas, foram excluídas também

³⁰ O site do Grupo de Morfologia Histórica do Português sediado na USP é <http://www.usp.br/gmhp/>.

palavras que apresentam a mesma base do adjetivo a que são ligadas de maneira paradigmática (forma do particípio passado) como *devolução*, *revolução*, *dissolução* derivados de *devoluto*, *revoluto* e *dissoluto*, respectivamente.

A partir desses dados, começamos nossos estudos e as primeiras análises. Posteriormente, essas análises foram revistas, de modo que retiramos do *corpus* final mais algumas palavras que parecem ter relação paradigmática com adjetivos ou serem formadas a partir de radicais irregulares.

Do *corpus* do PB, após as primeiras análises, excluimos as palavras *recepção*, *concepção* e *percepção*. Tradicionalmente, encontramos a explicação de que essas palavras vêm diretamente do latim. Para Viaro (2003, p. 65-66), esses nomes vêm de substantivos femininos latinos (*conceptio-concepção*; *perceptio-percepção*; *receptio-recepção*). Seguindo esse raciocínio, essas seriam formas opacas e o falante atual do PB não teria condições de segmentar as partes dessas palavras.

De fato, muitos falantes não têm mais condições de relacionar os derivantes e os derivados em alguns casos, principalmente quando voltamos ao passado da língua, afinal, muitas palavras vieram por via latina, como lembra Câmara Jr. (1975, p. 20): “No léxico, a partir do séc. XVI, o português se destaca por um grande acervo de palavras e derivações tomadas de empréstimo ao latim literário da Antigüidade, às vezes, por via do italiano”.

No entanto, partindo de uma perspectiva gerativista, os falantes atuais do PB, além de serem capazes de ter uma intuição sobre a estrutura interna dessas palavras, podendo operar com as bases e afixos que estão disponíveis em PB, também têm competência de relacionar palavras entre si, podendo reconhecer a relação paradigmática que existe entre determinados verbos e alguns nomes, mesmo que um não seja um derivado direto do outro. Por isso, é possível reconhecer o sufixo *-ção* e determinada base verbal e, a partir daí, relacionar um nome e um verbo paradigmaticamente, mesmo que a base tenha algumas pequenas diferenças fonológicas com relação a uma seqüência sonora também relacionada semanticamente à mesma idéia (ou seja, ao mesmo significado, na terminologia saussuriana). Como lembra Rocha (2003, p. 30):

Na morfologia tradicional, a preocupação residia em descrever as línguas, o que consistia em separar os morfemas da língua e classificá-los. Era uma operação “de fora para dentro”, em que o objeto língua era dissecado numa mesa de operação. Já na perspectiva gerativista, há uma preocupação dos lingüistas em explicitar a capacidade ou a competência que um falante nativo tem com relação ao léxico de sua língua, ou seja, a sua capacidade de formar novas palavras, de rejeitar outras, de estabelecer relações entre os itens lexicais, de reconhecer a estrutura de um vocábulo etc.

Portanto, partindo da possibilidade do falante nativo de reconhecer a estrutura das palavras e de fazer relações entre os itens lexicais de sua língua – mesmo entre palavras que são consideradas tradicionalmente originadas de uma palavra “já pronta” (isto é, já derivada) do latim – percebemos que as palavras *recepção*, *concepção* e *percepção* se relacionam paradigmaticamente com os verbos, *receber*, *conceber* e *perceber*, respectivamente. No entanto, parecem ter sido formadas a partir dos adjetivos (formas verbais do particípio passado) *recepto*, *concepto* e *percepto*. Desta forma, podemos concluir que esses nomes não são nomes deverbais criados a partir do infinitivo dos verbos aos quais se relacionam paradigmaticamente.

Efetuada uma revisão das palavras já separadas e uma comparação com os adjetivos formados a partir do particípio passado dos verbos, encontramos mais algumas palavras que têm relação paradigmática com verbos, mas que foram formadas a partir do adjetivo (particípio passado) tais como: *depressão*, de *depresso* (particípio passado de *deprimir*); *promoção* e *remoção*, formadas a partir do particípio *moto*, de *mover*, e de prefixos; *absorção*, de *absorto* (particípio passado de *absorver*); *distinção*, de *distinto* (particípio passado de *distinguir*); *exceção*, de *exceto* (particípio passado de *excetuar*); *opressão*, *compressão*, *descompressão*, *impressão*, *repressão* e *supressão* formadas a partir de particípios em *-presso* mais prefixos (como *opresso*, de *oprimir*, e *compresso*, de *comprimir*); *correção*, de *correto* (particípio passado de *corrigir*); *direção*, de *direto* (particípio passado de *dirigir*); *descrição* e *inscrição*, formados a partir dos particípios *descrito* (do verbo *descrever*) e *inscrito* (do verbo *inscrever*), respectivamente; e, por fim, *previsão* e *visão*, por terem sido formadas a partir de *previsto* e *visto*, formas do particípio dos verbos *prever* e *ver*, respectivamente.

Do *corpus* do PA, retiramos a palavra *petiçon*, pois, de acordo com o dicionário eletrônico Houaiss (2004), essa palavra seria formada pelo antepositivo *pet-*, alomorfe de *ped-*, que em português formou a palavra *pedir*, por exemplo. No PB atual, ainda encontram-se palavras formadas com esse alomorfe como *peticionar* e *peticionário*. De acordo com Mettmann (1972, p.233), em PA o nome tem o mesmo sentido que *pedido*, sendo relacionado

paradigmaticamente com o verbo *pedir*. Em PB, esse nome também pode ser associado paradigmaticamente ao verbo *pedir* como “ato de pedir”, mas tudo indica que não se trata de um derivado direto de *pedir*, mas sim de um nome formado com seu radical irregular. Olhando sincronicamente para o PB, podemos perceber que a palavra *peticionar*, mencionada acima, é um verbo derivado de *petição*. A última palavra retirada foi *vison*, que possui as variantes *vision* e *vijon*, pois é associada paradigmaticamente ao verbo *ver*, que possui o particípio passado *visto*, que provavelmente deu origem ao nome.

Por fim, com as palavras já separadas nos *corpora* do PA e do PB, organizamos nossos dados de acordo com o tipo de processo a que se submetem. Vemos, abaixo, de maneira esquemática, o total dos dados considerados para o PA e para o PB:

Tabela 3.1 - Total dos dados considerados para o PA

Sufixos	Ocorrências	
	quantidade (números absolutos)	%
- <i>çon</i>	31	49%
- <i>mento</i>	35	51%
Total	66	100%

Tabela 3.2 - Total dos dados considerados para o PB

Sufixos	Ocorrências	
	quantidade (números absolutos)	%
- <i>ção</i>	425	77%
- <i>mento</i>	126	23%
Total	551	100%

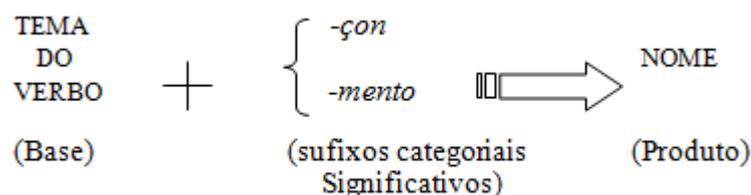
Assim, para o PB, fizemos a catalogação de 126 palavras terminadas em *-mento* e 425 palavras em *-ção*. Já para o PA, foram listadas 31 palavras terminadas em *-çon* e 35 em *-mento*. A partir desses dados, iniciamos nossos estudos de acordo com os modelos fonológicos não-lineares expostos na seção 2 desta Dissertação. Portanto, resolvemos, desta forma, as dificuldades iniciais encontradas no mapeamento dos *corpora* de pesquisa.

3.2 Análise dos dados do PA

Trabalhamos com uma quantidade de dados do PA que é bastante inferior à quantidade de dados do PB, já que nosso *corpus* do PA é mais restrito, visto que, quando se trata de um estudo histórico como este, se faz necessária a escolha de um ou mais textos entre os poucos sobreviventes da época. Entretanto, apesar de termos escolhido para esta pesquisa um conjunto de cantigas apontado como uma das fontes mais ricas da época em termos lexicais, as limitações quantitativas, naturais dos textos antigos, fazem-se sentir. Desta forma, não atingimos um equilíbrio quantitativo entre os *corpora* do PA e do PB, o que, apesar disso, não nos impede de observarmos e compararmos os processos morfofonológicos ocorridos na adjunção dos sufixos enfocados nos dois estágios do nosso idioma, uma vez que a perspectiva adotada privilegia a intuição do falante nativo quanto às RFPs, nas duas épocas.

Como neste trabalho estamos realizando um estudo de processos morfofonológicos que são condicionados pela derivação sufixal, isto é, a anexação de um sufixo a uma base (ROCHA, 2003), o sufixo em questão deve estar inserido em uma regra, ou seja, uma relação de regularidade que se estabelece entre uma base e um produto. Por isso, separamos as palavras que se encaixam na seguinte regra:

(3.1)



Consideramos para o estudo do PA os sufixos nominalizadores concorrentes *-çon*, (*-ção*) e *-mento*, ou seja, sufixos que, apesar de serem distintos do ponto de vista fonético, apresentam a mesma função: ambos são formadores de nomes. Para que haja um processo de sufixação é necessária a adjunção desses sufixos a uma base que, nesse caso, é verbal: trata-se do tema do verbo (raiz + vogal temática). Como esses sufixos transformam uma base verbal em um nome, vemos que são sufixos significativos e categoriais, pois acrescentam ao significado da base um significado acessório e mudam a categoria gramatical do produto. Como mostramos nas seções 2.1.4 e 2.2.5, esses sufixos têm algumas diferenças importantes

não apenas fonéticas, mas também semânticas e morfológicas. Além disso, há entre eles também diferenças prosódicas: tanto *-çon* quanto *-ção* são sílabas pesadas que atraem o acento enquanto *-mento* é um sufixo que forma um troqueu moraico constituído de uma sílaba pesada e outra leve, que é o padrão de acentuação *default* no PA e no PB.

É importante notarmos as mudanças entre a base e o produto, afinal para uma análise de processos morfofonológicos relacionados à formação de palavras por derivação deve-se sempre observar a interação entre os aspectos fonológicos e a constituição do léxico, assim, podemos ver quais mecanismos a língua tem para ampliar seu léxico a partir de palavras já existentes. Como dissemos, por estarmos trabalhando com textos antigos, encontramos muita variação na grafia das palavras (já que a escrita do galego-português não era normatizada naquela época); desta maneira, adotamos uma delas e colocamos as outras como variantes da mesma palavra. Dessa forma, foram encontrados, para nossa análise, 31 nomes terminados em *-çon* e 35 terminados em *-mento*, sendo que essas palavras podem ser segmentadas de acordo com a regra já explicitada, que, por sua vez, desencadeia alguns processos morfofonológicos que alteram as formas dos morfemas. Os processos localizados encontram-se, de forma esquemática, na tabela 3.3, abaixo:

Tabela 3.3 - Resultados finais das ocorrências dos processos encontrados no PA

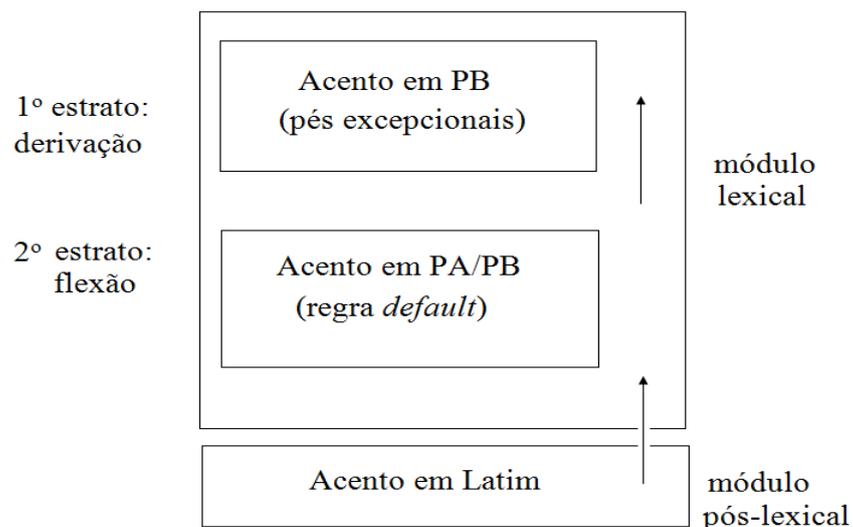
	Ocorrências			
	<i>-çon</i>		<i>-mento</i>	
Processos	quantidade	%	quantidade	%
Justaposição	15	47%	29	82%
Alomorfa da Vogal Temática (VT)	4	13%	6	18%
Haplologia	7	22%	-----	-----
Haplologia + Alomorfa do Radical	4	13%	-----	-----
Fusão de vogais semelhantes	1	5%	-----	-----
Total	31	100%	35	100%

Observando a tabela acima, notamos que a maioria das palavras faz sufixação por justaposição; portanto, a maior parte das palavras não sofre qualquer alteração morfofonológica, quando são adjungidos à base um dos dois sufixos em questão. Podemos ver também que o processo mais produtivo foi a haplologia (embora só tenha ocorrido com nomes derivados em *-çon*), que é definida, pela maioria dos estudiosos, como veremos adiante, como sendo um processo de supressão de sons semelhantes. Em alguns momentos, a haplologia é acompanhada de uma alomorfa no radical, isto é, nota-se também uma mudança

no radical do derivado, se o compararmos com o verbo de origem. O segundo processo mais produtivo foi a alomorfa da vogal temática (VT), em que se observa uma mudança da VT entre o verbo e o derivado. Por fim, observamos apenas um caso de fusão de vogais semelhantes, ou seja, um caso em que o verbo tinha uma seqüência de duas vogais similares que se fundem na formação do derivado. Além disso, pudemos observar que o sufixo *-mento* desencadeia menos mudanças fonológicas que o sufixo *-çon*.

De acordo com os pressupostos da FL, os processos que vamos estudar aplicam-se no nível lexical, pois ocorrem dentro dos limites da formação do léxico. Para fazer a representação da justaposição dos sufixos e dos processos encontrados, optamos por seguir a representação do léxico em dois níveis, de modo análogo ao trabalho de Lee (1995), que estabeleceu dois níveis para o léxico do PB. Massini-Cagliari (1999, p.190) também considera dois níveis para a aplicação das regras de atribuição do acento em PA e em PB, como se pode notar no esquema (3.2), abaixo:

(3.2)



Através da tabela 1, apresentada na seção anterior, percebemos que 49% das palavras encontradas correspondem a derivações com o sufixo *-çon* e 51% são de nomes deverbiais derivados em *-mento*. Esses números apontam, portanto, que em PA a produtividade dos sufixos nominalizadores era equilibrada. Observemos agora os tipos de processos morfofonológicos desencadeados pelos sufixos *-çon* e *-mento*, a partir dos dados do PA.

3.2.1 Casos de Justaposição

O processo de justaposição ocorre quando o sufixo é adicionado à base sem provocar mudanças de ordem morfofonológica, como podemos observar nos exemplos (3.3), (3.4) e (3.5), abaixo:

(3.3) *criaçõn*

Léxico

[kria]_{base} + -soN]_{sufixo} → Adjunção (Morfologia)
/kriasoN/ → Nome

(3.4) *casamento*

Léxico

[kaza]_{base} + -meNtu]_{sufixo} → Adjunção (Morfologia)
/kazameNtu/ → Nome

(3.5) *fondamento*³¹

Léxico

[foNda]_{base} + -meNtu]_{sufixo} → Adjunção (Morfologia)
/foNdameNtu/ → Nome

A justaposição, no caso dos dois sufixos analisados, mostrou-se produtiva, como podemos observar a partir da tabela 3.4, abaixo:

³¹ A palavra *fondamento* também apresenta a variante *fundamento*. Poderíamos pensar, a princípio, que se trata de um caso de alomorfia do radical, já que a palavra teria sido formada a partir do verbo *fondar-se*; porém, é provável que sua variação ocorra apenas na grafia e não na pronúncia da palavra, já que a escrita do galego-português não era normatizada naquela época.

Tabela 3.4 - Casos de justaposição no PA separados por conjugação verbal

	<i>-çon</i>		<i>-mento</i>	
	quantidade	%	quantidade	%
1.^a Conjugação	15	100%	22	76%
2.^a Conjugação	---	---	1	4%
3.^a Conjugação	---	---	6	20%
Total	15	100%	29	100%

Vemos aqui que o processo de justaposição dos sufixos acontece com a grande maioria dos nomes derivados em *-mento* (correspondendo a 76% do total de palavras derivadas em *-mento*), sendo que a maior parte desses nomes é da primeira conjugação e uma pequena parcela é de nomes advindos de verbos da segunda e terceira conjugações. Nos nomes derivados em *-çon*, observa-se um grau menor de regularidade, pois apenas nomes formados a partir de verbos da primeira conjugação apresentam regularidade na sua formação.

3.2.2 Casos de haplogia (haplogia + alomorfia do radical)

Um processo encontrado que se mostrou bastante produtivo foi a haplogia, correspondendo a 35% do total das palavras derivadas em *-çon*.³² O conceito de haplogia é discutido em alguns trabalhos, sendo alvo de controvérsias. Para Câmara Jr. (2004[1964], p.134) a haplogia é um processo morfofonêmico que ocorre na composição ou derivação e que consiste na supressão de uma sílaba, exclusivamente entre duas sílabas iguais e contíguas, como nos casos das palavras *semínima*, em vez de **semimínima*, e *Candinha*, em vez de **Candidinha*. Ao contrário do que afirma Câmara Jr. (2004[1964], p.134), veremos adiante que trabalhos atuais sobre o PB mostram que a haplogia pode ser também sintática; além disso, alguns autores consideram que este fenômeno pode ocorrer também entre sílabas com alguma semelhança e não necessariamente idênticas.

Segundo Crystal (2000, p.137), haplogia é um termo da fonologia que indica a “omissão de alguns dos sons que ocorrem em uma seqüência de ARTICULAÇÕES semelhantes”. Como exemplo o autor cita as palavras *library*, pronunciada /laIbrI/, segundo ele, e *tragicômico*, formada de *trágico* + *cômico*. Nesses casos, alguns dos sons suprimidos são semelhantes, como vemos nas sílabas <ra> e <ry> da palavra inglesa *library*, e/ou

³² Incluindo palavras que sofreram haplogia + alomorfia do radical.

totalmente iguais como <co> e <co> de *trágico* e *cômico*. No verbete *Sound Change* da *Britannica Online Encyclopedia* (2009, sem paginação), a haplologia é descrita como sendo um processo de dissimilação:

Dissimilation refers to the process by which one sound becomes different from a neighbouring sound. For example, the word “pilgrim” (French pèlerin) derives ultimately from the Latin peregrinus; the l sound results from dissimilation of the first r under the influence of the second r. A special case of dissimilation is haplology, in which the second of the two identical or similar syllables is dropped. Examples include the standard modern British pronunciations of “Worcester” and “Gloucester” with two syllables rather than three and the common pronunciation of “library” as if it were written “libry.” Both assimilation and dissimilation are commonly subsumed under the principle of “easy of articulation.” This is clearly applicable in typical instances of assimilation. It is less obvious how or why a succession of unlike sounds in contiguous syllables should be easier to pronounce than a succession of identical or similar sounds.

Como vemos, a pronúncia das palavras *Worcester* e *Gloucester*, no padrão do inglês britânico atual, passa por um processo de haplologia; assim, há a queda da sílaba <ces> e essas palavras passam a ser pronunciadas /'wʊstər/ e /'gləstər/, respectivamente, com duas sílabas ao invés de três. A causa desse fenômeno é explicada, no trecho acima, pelo princípio de facilidade de articulação (“*easy of articulation*”), ou seja, pelo fato de que uma estrutura com sons diferentes traz uma facilidade de articulação, embora, segundo a Enciclopédia Britânica, não seja simples de entender porque uma sucessão de sons diferentes poderia ser mais fácil de pronunciar do que uma sucessão de sons idênticos ou similares. Uma forma freqüente de sistematizar esse fenômeno é através do PCO, que proíbe elementos adjacentes idênticos num mesmo plano, conforme apresentado na seção 2.2.4 desta dissertação.

Plag (1988, p.199) lembra que, embora o tópico não seja novo, ainda não se sabe exatamente o que causa a haplologia:

morphological haplology is generally viewed as a dissimilatory process that interacts in some way with morphological structure. In spite of a long research tradition on this pervasive phenomenon, the exact nature of morphological haplology has remained obscure

Segundo Plag (1998, p.199), estudos recentes sobre haplologia morfológica descrevem o processo como sendo uma maneira de evitar materiais fonéticos ou fonológicos idênticos em palavras morfológicas complexas. O autor (PLAG, 1998, p.199-200) aponta também que

haplology, in one form or another, seems to occur in almost any language with enough morphology to create phonetically identical sequences. [...] Thus morphological haplology seems to be universal in some sense but language-specific and even affix-specific in another sense. [...] Another problem concerns the interaction of haplology with other phonological properties, e.g., prosodic structure. In particular, I will show below that haplology sometimes depends on the suprasegmental properties of the complex word in question, such as syllabic structure and stress.

Plag (1998) estudou línguas germânicas (como o inglês e o alemão), sob o viés da Teoria da Otimalidade (PRINCE, SMOLENSKY, 1993; MCCARTHY, PRINCE, 1993) – doravante TO – e propôs que a haplologia resulta de uma família de restrições universais que proíbem a repetição de elementos idênticos, isto é, restrições baseadas no PCO, que interagem com o componente morfológico e fonológico, apagando seqüências parecidas, como vemos no exemplo (3.6).

(3.6)

*OCP (feature), OCP (segment), OCP (onset), OCP (nucleus), OCP (onset, coda)*³³

Através do exemplo (3.6), podemos observar que o autor trabalha com um ranking de restrições baseadas no PCO. A seguir, Plag (1998, p.2) propõe a hipótese de que a haplologia ocorre a partir dessas restrições em interação com outras restrições prosódicas e morfológicas relevantes para a categoria morfológica em questão. Além disso, para esse estudioso, o ranking de restrições pertinentes para a ocorrência da haplologia varia de acordo com línguas específicas. Alguns exemplos de haplologia que constam no trabalho de Plag (1998) se encontram esquematizados em (3.7), abaixo:

(3.7)

Inglês: sufixo *-ize*, formador de verbos

Feminize, em vez de **femininize* (“feminizar”, “afeminar”)

Minimize, em vez de **minimunize* (“minimizar”)

Alemão: sufixo *-in*, formador de feminino

Zauberin, em vez de **zaubererin*³⁴ (“mágico”/“mágica”)

Bewunderin, em vez de **Bewundererin* (“admirador”/“admiradora”)

³³*OCP (feature)* é uma restrição que proíbe a adjacência de traços iguais; *OCP (segment)* proíbe a adjacência de segmentos iguais; *OCP (onset)* proíbe *onsets* iguais em sílabas adjacentes; *OCP (nucleus)* proíbe núcleos iguais em sílabas adjacentes e, finalmente, *OCP (onset, coda)* proíbe a adjacência de sílabas com *onsets* e *codas* iguais.

³⁴Segundo Plag (1998, p.206), essas formas, embora com terminação de gênero feminino, também são usadas para os dois gêneros.

O autor analisa esses e outros exemplos sob o viés da TO, alternando as restrições exemplificadas em (3.6) em *tableaux*; assim, chega à conclusão de que as restrições da família do PCO são responsáveis pelos efeitos de haplologia morfológica encontrados. Portanto, para Plag (1998), é a interação do PCO com outros fatores típicos de cada língua e da situação morfológica específica de cada caso que explica, ao mesmo tempo, a universalidade e a variedade da haplologia. Segundo as conclusões do autor (PLAG, 1998, p. 214), a haplologia é um fenômeno essencialmente fonológico:

if it is true that morphological haplology is triggered exclusively by OCP constraints, morphological haplology must be seen as a purely phonological phenomenon. It is only the affix-specific ranking of OCP constraints and other prosodic and morphological constraints that makes haplology appear to be a morphological or morpho-phonological phenomenon.

De Lacy (1999, p.1), que também observou o fenômeno a partir da TO, define a haplologia morfológica como sendo um processo em que “*while there are two phonologically identical morphemes underlyingly, only one phonological string appears in the surface form*”. Por exemplo, para formar o feminino singular em árabe, ocorre a adjunção do morfema *-ta* a um prefixo verbal, porém, quando esse prefixo também for terminado em *-ta*, apenas um dos morfemas se materializa na fala, como se pode observar no exemplo (3.8), abaixo, retirado de De Lacy (1999, p.1):

(3.8)

ta + ta + kassarū → *takassarū* e não **tatakassarū*

No entanto, De Lacy (1999), diferentemente do que propõe Plag (1998), acredita que esse fenômeno pode se tratar de um processo de coalescência, e não de apagamento de morfemas. Segundo Crystal (2000, p.49), coalescência é “a união de unidades lingüísticas que antes podiam ser distinguidas”, isto é, uma espécie de fusão de termos que antes estavam separados. De Lacy (1999, p.2) propõe que “*haplology is coalescence. In other words, underlying phonological material of different morphemes merges in the output – there is no deletion*” (DE LACY, 1999, p.2). Para o autor (DE LACY, 1999, p.2), o que acontece na haplologia é a união de sons semelhantes desencadeada por qualquer restrição de marcação (chamada por ele de C, de “*constraint*”, em inglês), o que provoca a fusão desses sons no *output*. No exemplo (3.8) acima, a restrição *coronal é relevante para <ta> e pode desencadear sua haplologia, mas *labial não é. A proposta do autor é formalizada pela TO em

hierarquias de restrições e tentativas de explicar qual é a mais importante através de *tableaux*. A diferença dessa abordagem é que o material fonológico de todos os morfemas está presente no *output*, enquanto na haplologia como apagamento, o material fonológico de um dos morfemas não está presente no *output*. O autor (DE LACY, 1999, p.14) denomina OCP-generalizado a restrição que diretamente proíbe seqüências idênticas de segmentos adjacentes. De acordo com ele, essa restrição e *UNIFORMITY*³⁵, posicionadas acima de *MAX*³⁶, podem produzir haplologia como apagamento; já, posicionando OCP-generalizado e *MAX* acima de *UNIFORMITY*, produz-se haplologia como coalescência. Para o autor, a haplologia é um processo de economia de estrutura que evita a violação de restrições e só ocorre se todas as especificações de traços subjacentes se mantiverem no *output*, o que, para ele, é uma exigência de identidade representada pela restrição IDENT-F, que garante que todos os traços do *input* sejam correspondentes aos do *output*. Continuando sua argumentação, De Lacy (1999) rejeita, ao longo de seu artigo, a visão clássica de que o PCO age provocando a queda da sílaba. Segundo ele, uma restrição como a OCP-generalizado, que bane seqüências idênticas de segmentos, é desnecessária, pois ele considera que a haplologia ocorre não apenas entre seqüências completamente idênticas, mas também entre unidades parcialmente idênticas. Dessa forma, para De Lacy (1999, p.14), existe uma haplologia com identidade parcial, ou seja,

informally speaking, some features simply do not matter in partial-identity haplology. For Japanese and French, the feature [voice] is irrelevant in computing the identity of adjacent strings, while for Nisgha only [coronal] and [voice] (and perhaps [consonantal]) matter – all others are irrelevant.

Um exemplo de haplologia na língua Nisgha (falada por uma tribo de aproximadamente 2000 pessoas, localizada na Columbia Britânica) acontece com a terceira pessoa do singular que é terminada em [t] e sofre queda se estiver adjacente com qualquer coronal desvozeada ([s], [t], ou [ʈ³⁷]), como a palavra /naks/ (“casar”):

(3.9)

/naks/ + /t/ → [naks], em vez de *[nakst]

³⁵ Restrição que proíbe a coalescência, determinando que nenhum segmento de *output* corresponda a mais de um segmento de *input*.

³⁶ Restrição que proíbe o apagamento, determinando que todo segmento do *input* corresponda a um segmento de *output*.

³⁷ O autor considera o símbolo [ʈ] como representativo de uma coronal desvozeada (DE LACY, 1999, p.22).

Na visão do autor, no francês, como o traço vozeado é irrelevante para o fenômeno ocorrer, um nome terminado em /is/ ou /iz/, como a palavra *analyse* /analiz/ (“análise”), sofre haplogia com o sufixo -iste /ist/:

(3.10)

/analiz/ + /ist/ → [analist], em vez de *[analizist]

Concluindo, o autor (DE LACY, 1999, p. 35) afirma que a haplogia morfológica é um processo de coalescência que pode ser explicado pela hierarquia de restrições $MAX \rightarrow C \rightarrow UNIFORMITY$, em que C é qualquer restrição importante para a haplogia acontecer em determinado contexto. Essa conclusão do autor é bastante interessante porque representa que uma grande variedade de processos pode ser atestada, incluindo a haplogia de identidade parcial. Outro dado interessante é que não é necessário postular uma restrição OCP-generalizado que impede apenas seqüências adjacentes idênticas, dando abertura para outros tipos de análises.

Com relação à haplogia no PB, existem alguns trabalhos que observam, de maneira geral, a haplogia no nível pós-lexical. Para Tenani (2002, p. 135), “os poucos estudos descritivos encontrados sobre o processo de haplogia no PB tratam das regras segmentais e da relação da aplicação do processo à velocidade de fala rápida e ao status informacional”. Para Tenani (2002, p. 137) “a haplogia é definida [...] como sendo um processo em que há a queda total de uma sílaba”. A autora (TENANI, 2002), ao longo de sua tese, tece uma discussão sobre a aplicação da haplogia nos domínios prosódicos entre as fronteiras de ϕ , I e U^{38} . Para esse estudo, produziu um *corpus* experimental em que controla as sílabas candidatas à haplogia nessas fronteiras. Após a análise dos dados, Tenani (2002, p. 116 e 119) conclui que “a haplogia se aplica entre todas as fronteiras prosódicas consideradas, inclusive entre *Us*” e que “quanto mais alta a fronteira prosódica, menor é a ocorrência de haplogia”. A autora também controlou o acento das sílabas em envolvidas no processo, entre frases fonológicas, e verificou que a haplogia é bloqueada apenas quando a primeira sílaba da seqüência é acentuada; nos demais casos, o fenômeno ocorre.

Pavezi (2005, p.751) considera a haplogia “como um processo fonológico no qual há a queda de uma sílaba quando há o encontro de duas sílabas semelhantes em fronteiras de palavras”. A autora (PAVEZI, 2005) observou dados do NURC-SP, focalizando a ocorrência

³⁸ Para maiores detalhes sobre a hierarquia prosódica, consultar a seção 2.1.1 desta Dissertação.

da haplologia em contextos que envolvem o monomorfema *de* na variedade paulista do PB, e restringiu suas considerações aos fatores morfológicos. Com esse estudo, ela concluiu que, em contextos formados por monomorfema *de* + item lexical, como “*de testes*” há o bloqueio da haplologia, que ocorre por uma motivação morfológica, enquanto que, em contextos formados por item lexical + monomorfema *de*, como “*gos(to) de*” a haplologia não é bloqueada. Em outro estudo, a autora (PAVEZI, 2006) observou o contexto prosódico relevante para a aplicação da haplologia na variedade paulista do PB e, recuperando as conclusões de Tenani (2002), descreveu também a aplicação da haplologia entre as fronteiras dos domínios prosódicos definidos por Tenani (2002), porém em *corpora* de fala espontânea. Os resultados de Pavezi (2006) mostram que nenhuma das fronteiras prosódicas bloqueia a haplologia e quanto mais alta é a fronteira prosódica, menor a tendência de ocorrer o processo.

Para Alkmin e Gomes (1982, p.51), a haplologia acontece apenas “com as dentais, exceto a nasal, quando as sílabas envolvidas no processo forem ambas átonas e a primeira vogal tiver o traço [+alto]”, como se observa nos exemplos (3.11) abaixo (retirados de ALKIMIN; GOMES, 1982, p. 48):

(3.11)

Faculda(de) de letras

Cal(do) de cana

Leal (2006a, p.44) também considera o fenômeno como a queda total de uma sílaba: “a haplologia é um tipo de redução em que há apagamento total de uma sílaba, se estiver adjacente a outra e se seus segmentos forem iguais ou semelhantes”.

Em artigo, a autora (LEAL, 2006b, p.9), ao estudar o falar de Capivari, observou que

ao que concerne à haplologia, as consoantes plosivas dentais não são os únicos segmentos que estão compreendidos nesse processo fonológico, bem como as vogais não têm necessariamente o traço [+alto]. Os dados do falar de Capivari corroboram as características apontadas por Alkmim & Gomes (1982) de que as sílabas sujeitas à queda devem ser átonas, mas mostram que a proposta das autoras pode ser muito restrita para dar conta dos dados do falar capivariano.

Alguns exemplos de haplologia “atípica”, na terminologia de Leal (2006b), encontram-se no exemplo (3.12), abaixo:

(3.12)

na(da) de roubar
 morei um po(*uco*) com a minha mãe
 um mole(*que*) com outra

Para Leal (2006b, p.8) esses exemplos são atípicos, se comparados ao que Alkmim e Gomes encontraram em seu estudo: “houve haplologia cujos contextos consonantais possuem os traços [+coronal, -contínuo, -nasal], mas com sílaba CCV (para Alkmim & Gomes (1982), as sílabas sujeitas à queda devem ser CV)”. Isso indica que a haplologia pode acontecer com diferentes moldes silábicos. Leal (2006b) separa os casos em que ocorre a queda de uma sílaba cuja consoante do *onset* é diferente da consoante do *onset* da sílaba à sua direita e os chama de “redução silábica”. Contudo, a autora observa que, tanto na haplologia quanto na redução, a sílaba apagada é fraca, isto é, não possui o acento principal da palavra, permanecendo a sílaba forte. Observe os exemplos apontados por Leal (2006b, p.7) como sendo redução silábica:

(3.13)

moran(*DO*) na rua
 rouba(*VA*) boião de gás
 eu qua(*SE*) morri
 por ca(*USA*) da cabeça

Observando os dados acima e considerando as conclusões de De Lacy (1999) e Plag (1998), poderíamos nomear esses casos como haplologia de identidade parcial, já que as consoantes dos *onsets* das sílabas de cada caso partilham de traços semelhantes. Do mesmo modo, poderíamos considerar que alguns traços não são importantes para a ocorrência do fenômeno. Por exemplo, no caso de *rouba(va) boião* vemos que /b/ e /v/ só diferem nos traços [contínuo] e [estridente].

Leal (2006a, p.98) considera que “pode haver ocorrência de haplologia com quaisquer segmentos, sem importar o traço sonoridade”, porém, apenas entre consoantes com alguns traços semelhantes (labial+labial; coronal+coronal e dorsal+dorsal), pois a autora mostra que o “contexto segmental formado por coronais /d/ e /t/ com variação em [sonoridade] foi produzido pelos informantes”. Vemos, abaixo, alguns exemplos de haplologia elencados por Leal (2006a):

(3.14)

- labial + labial

Fica(VA) VIajando nos olhos dela

Sem(PRE) PAgo para ele

- coronal + coronal

Perdi a guar(DA) DO moleque

Sinceramen(TE), TÔ de saco cheio

Na fren(TE) DA

Disfar(CE), SOLte o cara

Quan(DO) TOcava com Giovane

Amarraram um mon(TE) DE pano

- dorsal + dorsal

Morei um pou(CO) COM a minha mãe

E um mole(QUE) COM outra mulher

Battisti (2004) estuda a haplologia sintática no PB falado no sul do país, através de entrevistas sociolinguísticas do *corpus* VARSUL, pelo aparato teórico da TO, e recupera a discussão de De Lacy (1999), observando mais uma vez se esse processo poderia ser encarado como um fenômeno de coalescência e não necessariamente de apagamento da sílaba. A autora lembra que, embora De Lacy (1999) considere que a haplologia morfológica é um processo de coalescência e sem PCO, ele afirma que uma análise que considera a restrição OCP-generalizado pode levar tanto a apagamento, como a coalescência. A partir de seus dados, a autora conclui que uma abordagem da haplologia sintática como coalescência só seria possível com fusão de sílabas iguais, mas, admitindo haplologia também entre seqüências semelhantes, o fenômeno poderia ser concebido como apagamento ou coalescência. Battisti (2004, p.37) resolve esta questão concluindo que, para o PB, o PCO é uma restrição importante para a ocorrência da haplologia e, por isso, ocupa posição privilegiada no ranking de restrições. Assim, a autora elimina a proposta de De Lacy (1999), que coloca o PCO abaixo de *MAX*, o que produziria a haplologia como coalescência. Essa conclusão da autora mostra que, independentemente do aparato teórico utilizado para a análise do fenômeno da haplologia, o PCO é importante para a análise desse processo no PB.

Como mostramos, a questão da haplologia é bastante complexa e vem sendo discutida por diferentes autores e de vários pontos de vista. Câmara Jr. (2004[1964], p.134) considera que a haplologia acontece apenas com sílabas iguais e adjacentes; já os trabalhos aqui

apresentados consideram, na maioria das vezes, sílabas parecidas e que têm as mesmas consoantes ou ainda consoantes com alguns traços em comum. Além disso, observa-se que esse fenômeno pode ocorrer tanto na formação de palavras quanto no nível pós-lexical, em fronteiras de palavras e em demais momentos da hierarquia prosódica. É importante notar ainda, diante da diversidade do fenômeno, isto é, dos tipos de sílabas que são suprimidas e dos fatores que levam a essa ocorrência, que esse é ao mesmo tempo um fenômeno com características universais – por ocorrer em diferentes línguas e contextos – e particulares – por variar nos motivos que levam a essa ocorrência. Por fim, observa-se que a maioria dos autores considera que o PCO age condicionando a haplologia - sobretudo Battisti (2004) para o PB, que considera o PCO uma restrição importantíssima para a ocorrência desse processo, e Leal (2006a, p.70): “pode-se dizer que o OCP é o princípio que rege a haplologia, pois proíbe segmentos consecutivos ou adjacentes que sejam idênticos”. Diante das análises da haplologia sintática no PB, observamos também que a atonicidade da sílaba suprimida parece ser um fator relevante no processo.

Nos dados do PA observados nesta dissertação, os casos de haplologia foram encontrados apenas em palavras que sofreram derivação em *-çon*, e ocorreram nos verbos da primeira, segunda e terceira conjugações, como pode ser observado de maneira esquemática na tabela 3.5, abaixo:

Tabela 3.5 - Casos de haplologia no PA separados por conjugação verbal

	<i>-çon</i>		<i>-mento</i>	
	quantidade	%	quantidade	%
1.^a Conjugação	2	28,5%	---	---
2.^a Conjugação	3	43%	---	---
3.^a Conjugação	2	28,5%	---	---
Total	7	100%	---	---

A partir do exemplo (3.15), pode-se observar a interação entre regras morfológicas e fonológicas, no processo de adjunção dos sufixos considerados.

(3.15)

<i>devoçon</i>	<i>Acenson</i>	<i>suggeçon</i>	
[devota] _{base} [-soN] _{sufixo}	[aseNde] _{base} [-soN] _{sufixo}	[suzeři] _{base} [-soN] _{sufixo}	forma de base
			léxico
			1º estrato:
devotasoN	aseNdesoN	suzeřisoN	justaposição
de.vo.ta.soN	a.seN.de.soN	su.ze.ři.soN	silabação
			2º estrato:
de.vo.ta.sóN ∪ ∪ ∪ —	a.seN.de.sóN ∪ — ∪ —	su.ze.ři.sóN ∪ ∪ ∪ —	acento principal (regra <i>default</i>)
de.vo.sóN	a.seN.sóN	su.ze.sóN	haplologia
			pós-léxico
[devo ¹ sõ] ³⁹	[asê ¹ sõ]	[suze ¹ sõ]	<i>output</i>

É importante, aqui, ressaltar o momento da silabação da palavra que está sendo criada, pois, através do quadro acima, notamos que a sílaba que sofre a queda no momento da derivação é uma sílaba leve e átona do tipo CV, enquanto que o sufixo é uma sílaba complexa (CVC) e pesada (pois tem a coda travada por consoante nasal) e, por isso, recebe o acento principal. Ao mesmo tempo, o sufixo carrega as informações morfológicas necessárias para criar um novo vocábulo, o que o torna primordial na estrutura da palavra que está sendo criada. Além disso, como a sílaba apagada na estrutura da palavra é átona, existe a possibilidade de que a haplologia aconteça depois da atribuição do acento. Como vimos nos trabalhos sobre haplologia sintática no PB, a atonicidade da sílaba é um fator recorrente nesse processo, desta forma, pode ser importante também na ocorrência da haplologia morfológica. Segundo Massini-Cagliari (1999, p.190), a atribuição do acento no PA acontece no segundo nível do léxico (ver exemplo 3.2); neste caso, a haplologia aconteceria nesse mesmo nível.

Primeiramente, ocorre o estabelecimento do acento primário na sílaba do sufixo, que é pesada, e fica adjacente à sílaba leve do tema verbal. Assim, sílabas com consoantes que possuem segmentos parecidos ficam adjacentes. Por exemplo, na junção do sufixo *-çon* ao tema do verbo *devotar* ocorre a queda da sílaba <ta> por conta das consoantes /t/ oclusiva dental surda da sílaba e /s/ fricativa alveolar surda do sufixo possuírem traços semelhantes, ou seja, ambas têm o mesmo ponto de articulação, sendo anteriores, alveolares, e o mesmo valor

³⁹ Provavelmente, na época medieval, ainda não havia processos de alongamento (ditongação) das vogais nasais como há atualmente em PB (por exemplo: /boN/ → [bõ̃]), por isso, optou-se por transcrever a realização fonética da seqüência vogal oral seguida de arquifonema nasal como uma vogal simples nasalizada.

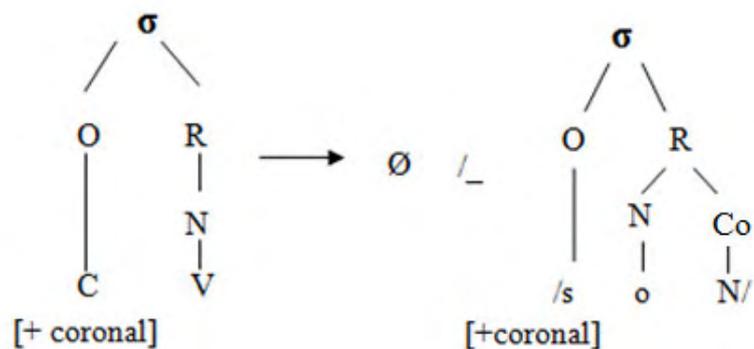
quanto ao vozeamento, sendo ambas desvozeadas, porém têm modo de articulação diferentes, já que /t/ é oclusiva e /s/, fricativa. São, portanto, consoantes foneticamente semelhantes.

No caso da palavra *acensson*, observa-se a queda da sílaba <de> cuja consoante inicial /d/ possui vários traços comuns à consoante /s/ do sufixo -çon: ambas são alveolares e anteriores, portanto têm o mesmo ponto de articulação; no entanto, a consoante /s/ é desvozeada e fricativa, enquanto /d/ é vozeada e oclusiva. As semelhanças entre as consoantes favoreceram a queda do <de>.

Por fim, em *suggeçon*, temos mais uma vez a queda de uma sílaba (<ri>), cuja consoante /r/, vibrante alveolar sonora, possui traços semelhantes aos da consoante /s/, que também é alveolar, porém fricativa e surda.

Nota-se, observando os casos de haplologia encontrados (*entençar* – *entençon*; *prometer* – *promisson*, por exemplo), que o traço [+coronal] está sempre presente nas sílabas que são suprimidas na formação do derivado, assim como também está presente na consoante /s/ do sufixo. Portanto, concluímos que, também em PA, o PCO age proibindo a adjacência de sílabas com consoantes de configurações de traço parecidas – no entanto, apenas quando há um condicionamento morfológico: quando a consoante inicial da segunda sílaba faz parte de um sufixo específico. Assim, temos a seguinte regra geral para os processos de haplologia encontrados:

(3.16)



Os dados corroboram os dizeres de De Lacy (1999), de que alguns traços simplesmente não importam para a ocorrência da haplologia morfológica, e de Plag (1998), de que algumas propriedades como a estrutura silábica e o acento podem ser fatores envolvidos na haplologia. Observamos aqui que todas as sílabas que “caem” são do tipo CV e

átonas, o que nos leva a concluir que esses fatores são importantes para os casos de haplologia encontrados. Além disso, pode-se dizer que o PCO também é uma restrição que age nesses casos, colaborando para que sílabas com o traço [+coronal], na consoante do *onset*, não fiquem adjacentes na formação dos derivados em *-çon*.

Além dos casos abordados, há palavras em que encontramos também a alomorfia da vogal do radical juntamente com a haplologia, como podemos ver no exemplo (3.17):

(3.17)

<i>Confisson</i>	<i>promisson</i>	
[koNfesa] _{base} [-soN] _{sufixo}	[promete] _{base} [-soN] _{sufixo}	forma de base
léxico		
1º estrato:		
koNfesasoN	prometesóN	justaposição
koN.fe.sa.soN	pro.me.te.soN	silabação
2º estrato:		
koN.fe.sa.sóN — ∪ ∪ —	pro.me.te.sóN ∪ ∪ ∪ —	acento principal (regra <i>default</i>)
koN.fe.sóN	pro.me.sóN	haplologia
koN.fi.sóN	pro.mi.sóN	Alomorfia do radical: alçamento da vogal
pós-léxico		
[kõfi'sõ]	[promi'sõ]	<i>output</i>

Na formação das palavras *confisson* e *promisson*, vemos a queda das sílabas <ssa> e <te>, respectivamente, que também são sílabas simples (CV), átonas, e que possuem traços em comum com a consoante /s/ do sufixo (no caso da sílaba <ssa>, trata-se, inclusive, da mesma consoante que há no sufixo). Além disso, também vemos o alçamento da vogal /e/ do radical que passa a /i/. Essa variação pode ser explicada porque a vogal /e/ se encontra em posição pretônica na palavra e alguns estudos apontam que poderia haver variação entre /e/ e /i/ nessa posição. Granucci (2001, p.159), num estudo sobre o sistema vocálico do PA a partir das cantigas de amigo, afirma que

com relação às vogais pré-tônicas do período medieval, identificam-se cinco grafemas vocálicos orais: <a, e, i, o, u>. No entanto, diferentemente do que acontece com o sistema vocálico tônico em que as vogais se realizam plenamente, não existe nessa posição uma distinção fonética entre as vogais médias, uma vez que ocorre a neutralização das oposições entre as médias anteriores (/e/, /ɛ/) e posteriores (/o/, /ɔ/) que acaba por produzir um sistema vocálico em posição pré-tônica composto de cinco fonemas orais: /i/, /e/, /a/, /o/, /u/.

Fonte (2010, p. 124) comprova, a partir das *CSM*, a ocorrência dos cinco fonemas vocálicos em posição pretônica no PA, porém ressalta que

embora a grande maioria dos termos não apresente variação, no que diz respeito à representação escrita de suas vogais pretônicas, foram identificadas algumas variantes gráficas, principalmente entre <e> e <i>, e entre <o> e <u>, em posição pretônica, nas *Cantigas de Santa Maria*. Tomando como exemplo algumas variedades do PB atual, em que há freqüentes variações entre [e] e [i], assim como entre [o] e [u], em posição pretônica – pelo menos em determinados contextos – tomamos esses casos de variação gráfica, identificados no *corpus* analisado, como indícios de possíveis variações fonéticas entre essas vogais, no PA.

Segundo Maia (1997[1986], p.355), é possível acreditar numa variação entre /e/ e /i/ em vogais em posição pretônica, pois “o timbre das vogais átonas, sobretudo de *e* e *o* pretônicos, esteve, na fase antiga das diferentes línguas peninsulares, sujeito a grandes vacilações fonéticas, umas vezes do tipo espontâneo, outras, devido a fenômenos de tipo assimilatório”.

Como observamos no *corpus* casos em que há ocorrência de haplogogia sem o processo de levantamento da vogal do radical, concluímos que se trata de um processo lexical, pois é nesse nível que ocorrem as exceções, muitas vezes condicionadas a processos morfológicos, como é o caso dos exemplos discutidos. Os casos de haplogogia seguidos de alomorfa da vogal temática ocorreram apenas com verbos da primeira e segunda conjugações, como está detalhado na tabela 3.6, abaixo:

Tabela 3.6 – Casos de haploglia + alomorfa da vogal do radical no PA separados por conjugação verbal

	-çon		-mento	
	quantidade	%	quantidade	%
1.^a Conjugação	2	50%	---	---
2.^a Conjugação	2	50%	---	---
3.^a Conjugação	---	---	---	---
Total	4	100%	---	---

Como pode ser observado nessa tabela, das quatro ocorrências de haploglia + alomorfa da vogal temática, duas envolveram verbos de primeira conjugação e duas envolveram verbos de segunda conjugação.

3.2.3 Casos de alomorfa da Vogal Temática

Outro processo encontrado é a alomorfa da VT, que aconteceu com nomes derivados de verbos da segunda conjugação em sua maioria, havendo, entretanto, um caso de verbo da terceira conjugação, envolvendo o sufixo *-çon*, como se pode observar de maneira esquemática na tabela 3.7, abaixo:

Tabela 3.7 – Casos de alomorfa da vogal temática no PA separados por conjugação verbal

	-çon		-mento	
	quantidade	%	quantidade	%
1.^a Conjugação	---	---	---	---
2.^a Conjugação	3	90%	6	100%
3.^a Conjugação	1	10%	---	---
Total	4	100%	6	100%

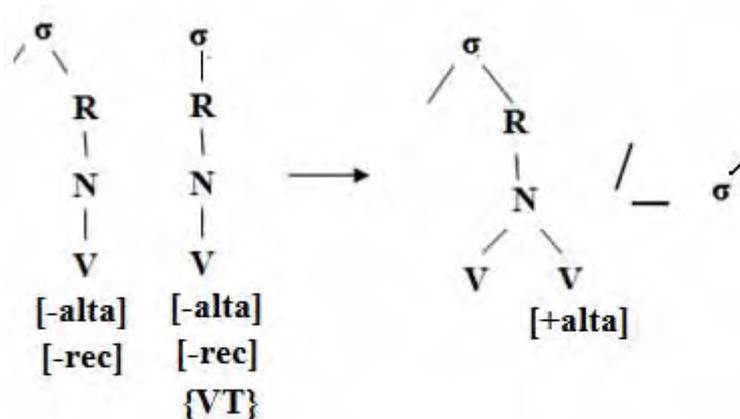
Segundo Câmara Jr. (2004[1970], p.105), no PB atual, as conjugações em que se distribuem os verbos são uma aproximação da realidade. Temos na verdade a primeira conjugação (*-ar*) e a outra classe que, em certas formas, divide-se na segunda (*-er*) e terceira conjugação (*-ir*); como a situação das conjugações verbais praticamente se manteve inalterada do PA para o PB, isso poderia explicar a alternância de /e/ para /i/ nesses derivados. Com o sufixo *-mento*, apenas um nome derivado de verbo da segunda conjugação não passou por nenhum processo morfofonológico. No quadro (3.18) trazemos dois exemplos de casos de alomorfa da VT:

(3.18)

<i>Atrevimento</i>	<i>esleyçon</i>	
[atreve] _{base} [-meNtu] _{sufixo}	[eslee] _{base} [-soN]	forma de base
		léxico
		1º estrato:
atrevemeNtu	esleesoN	justaposição
a.tre.ve.meN.tu	es.le.e.soN	silabação
		2º estrato:
a.tre.ve.méN.tu U U U — U	es.le.e.sóN U U U —	acento principal (regra <i>default</i>)
a.tré.vi.méN.tu	es.lé.i.sóN	Alomorfia da VT
-----	es.lei.soN	ditongação
		pós-léxico
[atrevi'mêto]	[esleɪ'sõ]	<i>output</i>

Mais uma vez observamos o levantamento da vogal influenciada pela derivação. A sílaba <men> do sufixo *-mento* atrai o acento já que o padrão troqueu moraicó é *default* no PA; assim, a sílaba em que se encontra a VT torna-se pretônica, o que abre a possibilidade do levantamento da vogal dessas sílabas. Da mesma forma que ocorre variação entre as vogais temáticas /e/ e /i/ nas conjugações verbais, essa é uma variação condicionada por fatores morfológicos e rítmicos.

No caso da palavra *esleyçon*, derivada do verbo *esleer*, podemos dizer que o PCO também foi um fator motivador da alomorfia, já que o verbo é formado por duas vogais /e/ em seqüência (*es-le-er*) e sofreu um processo de dissimilação. A dissimilação foi seguida por um processo de ressilabação, de modo que a vogal /i/ passou para a sílaba anterior, formando um ditongo decrescente, pois a vogal /i/ é alta:



Mattos e Silva (2006, p.63), baseando-se em Teyssier (1982), afirma que a maioria dos ditongos com semivogal *y* em galego-português, *ay*, *ey*, *oy* e *uy*, não vieram do latim (como *primariu*, que deu origem a *primeiro* em PA, *magis*, que deu origem a *mais*, *cocta*, que deu origem a *coita* e *fructu*, que deu origem a *fruito*) e são, portanto, resultado de “mudanças fônicas ocorridas no período de constituição do hispanorromance do noroeste ibérico” (MATTOS E SILVA, 2006, p.64). O processo de ditongação da palavra *esleyçon* pode ser comprovado contando as sílabas poéticas da CSM 87, versos 50-53 (METTMANN, 1986, p.274):

(3.20)

A/cor/da/dos/ dun/ co/ra/çon
Fe/ze/ram/ del/ sa/ es/ley/çon,
e /foi/ bis/p'al pou/ca/ sa/zon

A CSM em questão se constrói a partir de versos de sete sílabas poéticas, o que comprova que *esleyçon* tem na sílaba <ley>, portanto, um ditongo.

3.2.4 Casos de fusão de vogais

A palavra *remisson* foi a única encontrada em que há uma fusão das vogais *ĩ+i*, que possuem traços semelhantes e se fundem de acordo com o PCO.

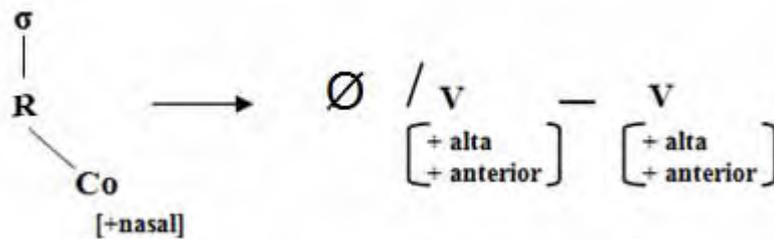
(3.21)

<i>remisson</i>	
[Remĩi] _{base} [-soN]	forma de base
	léxico
	1º estrato:
RemĩisoN	justaposição
Re.mĩ.i.soN	silabação
Re.mi.soN	fusão de vogais
	pós-léxico
[Remi'sõ] ⁴⁰	output

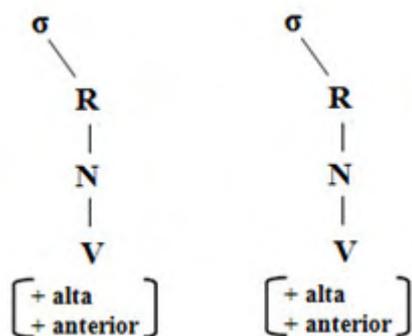
⁴⁰Como não se sabe com certeza absoluta como era a realização fonética da rótica (“r” forte) no PA, optou-se por manter o símbolo [R] para representar este som, na transcrição fonética. Entretanto, é bem provável que este som ainda fosse realizado, naquela época, como uma vibrante múltipla [r], realização que se mantém até os dias de hoje em algumas variedades do Português Europeu.

Primeiramente, ocorre a adunção do sufixo à base e um processo de silabação que segmenta a palavra em quatro sílabas. Duas das sílabas formadas são do tipo CVC, uma delas com a vogal nasal /ĩ/ no núcleo e, adjacente a essa, uma sílaba do tipo V com uma vogal /i/ no núcleo. Internamente à palavra, podemos dizer que o PCO age fundindo as vogais /ĩ/ e /i/, que são diferenciadas apenas pelo traço [+nasal]. O processo de fusão das vogais⁴¹, que está representado no exemplo (3.24), era, provavelmente, precedido pela desnasalação da vogal /ĩ/, representada no exemplo (3.22), que corresponde, no nível fonológico, ao apagamento da consoante nasal da coda. A partir da desnasalação da vogal /ĩ/, duas vogais de configurações idênticas se encontram no mesmo plano segmental, como mostra o exemplo (3.23), o que permite a fusão dessas vogais:

(3.22)

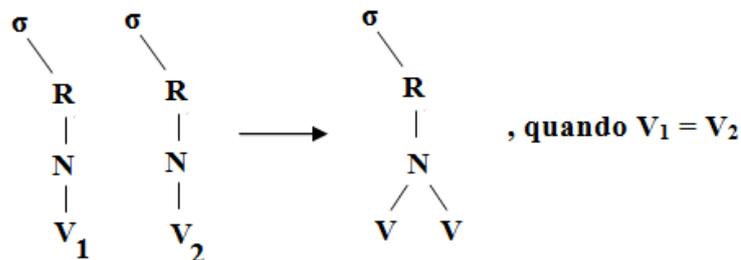


(3.23)



⁴¹Com relação a esse processo, não é relevante discutir se se trata de geminação (ou crase, MASSINI-CAGLIARI, 2005) em que as duas moras originais são mantidas, ou degeminação (BISOL, 1992), em que ocorre uma simplificação, que resulta na existência de apenas uma mora na estrutura final. De acordo com o estudo de Massini-Cagliari (2005), não existiam processos de degeminação, internamente e externamente à palavra em PA; assim, ao contrário do PB, em PA, nesses casos, as duas moras se mantêm.

(3.24)



Como podemos observar através da tabela 3.8, não houve nenhum caso de fusão de vogais entre os derivados com o sufixo *-mento*.

Tabela 3.8 – Casos de fusão de vogais no PA separados por conjugação verbal

	<i>-çon</i>		<i>-mento</i>	
	quantidade	%	quantidade	%
1.^a Conjugação	---	---	---	---
2.^a Conjugação	---	---	---	---
3.^a Conjugação	1	100%	---	---
Total	1	100%	---	---

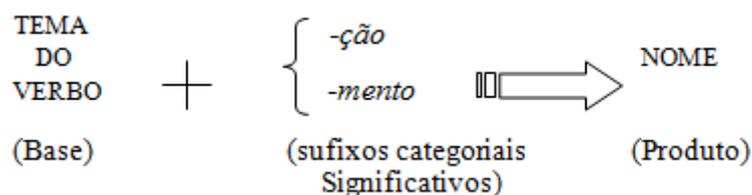
Assim, como observado na tabela 3.3, a maior parte das palavras não sofre nenhum processo morfofonológico, quando são adjungidos à base os dois sufixos em questão. Tentamos explicar a natureza dos processos morfofonológicos ocorridos em maior ou menor quantidade no *corpus* e concluímos que o PCO é um dos princípios que rege a ocorrência de determinados processos, como a haplologia. Passaremos, agora, a discorrer sobre os processos morfofonológicos encontrados no PB.

3.3 – Análise dos dados do PB

Como foi dito, encontramos uma quantidade de dados no PB maior do que no PA, o que não nos impede de fazer a observação comparativa dos processos morfofonológicos que ocorrem nas duas sincronias da língua; afinal estamos analisando os dados primordialmente de maneira qualitativa, isto é, não estamos realizando uma análise quantitativa de cunho

sociolingüístico, por exemplo. Como foi feito para as palavras do PA, separamos palavras que se encaixam nas seguintes regras de derivação:

(3.25)



Na seção 3.1 mostramos, esquematicamente, os dados encontrados para o PB na tabela 3.2. Notamos, através do mapeamento dos dados do PB, que o sufixo *-ção* é mais produtivo que o sufixo *-mento*, enquanto que, no PA, *-mento* era ligeiramente mais produtivo que o sufixo *-çon*. Passamos agora à observação dos dados considerados no PB (tabela 3.9).

Tabela 3.9 – Resultados finais das ocorrências dos processos encontrados no PB

Processos	Ocorrências			
	<i>-ção</i>		<i>-mento</i>	
	quantidade	%	quantidade	%
Justaposição	315	71%	84	67%
Alomorfia da Vogal Temática (VT)	11	2%	42	33%
Haplologia	87	20%	-----	-----
Haplologia + Alomorfia do Radical	18	4%	-----	-----
Supressão da Vogal Temática (VT)	13	3%	-----	-----
Total	446	100%	126	100%

A exemplo do que acontece no PA, a quantidade de palavras no PB em que ocorre apenas a justaposição dos sufixos é bastante grande e a haplologia continua sendo o processo mais produtivo. Encontramos apenas um processo que não ocorre em PA: a supressão da vogal temática, ou seja, observa-se, na formação do derivado, que a vogal temática do verbo é suprimida na adjunção do sufixo. Com o sufixo *-mento* encontramos apenas a alomorfia da VT, enquanto o sufixo *-ção* vem desencadeando mais processos morfofonológicos.

3.3.1 Casos de Justaposição

Para fazer a representação da justaposição dos sufixos e dos processos encontrados, optamos por seguir Lee (1995), que estabeleceu dois níveis para o léxico do PB; sendo assim, os processos que iremos estudar acontecem no nível α , que inclui todos os processos derivacionais. Como dissemos, a justaposição ocorre quando adicionamos o sufixo à base sem que ocorram mudanças fonológicas. Isso aconteceu com a maioria das palavras encontradas em PB:

Tabela 3.10 - Casos de Justaposição no PB separados por conjugação verbal

	-ção		-mento	
	quantidade	%	quantidade	%
1.ª Conjugação	281	89%	140	83%
2.ª Conjugação	7	3%	---	---
3.ª Conjugação	27	8%	28	17%
Total	315	100%	168	100%

Abaixo mostramos alguns exemplos de casos de justaposição de sufixos.

(3.26) *afirmação*

Léxico

Nível α

[afirma]_{base} + -sawN]_{sufixo} → Adjunção (Morfologia)
/afirmasawN/ → Nome

(3.27) *contenção*

Léxico

Nível α

[koNteN]_{base} + -sawN]_{sufixo} → Adjunção (Morfologia)
/koNteNsawN/ → Nome

Como observamos, nesse caso a derivação se dá com o radical [koNteN], presente em algumas flexões do verbo *conter*. Esse radical é um alomorfe do radical do verbo *conter*, encontrado no presente do indicativo (*contenho*, *conténs*) e do subjuntivo (*contenha*, *contenhas*) e no pretérito imperfeito do indicativo (*continha*, *continhas*). Por isso, podemos

dizer que *contenção* não sofre nenhum processo fonológico de ajuste condicionado pelo processo morfológico de sufixação, apenas faz justaposição do radical verbal e do sufixo.

Notamos que isso acontece também com a sufixação em outros verbos derivados de *ter*, como *deter* (*detenção*) e *reter* (*retenção*), e também em *intervenção*, nome formado a partir de um verbo derivado do verbo *vir* (*intervir*). Para Câmara Jr. (2004[1970], p. 111), a irregularidade verbal pode se referir ao sufixo flexional, mas mais relevante é a mudança no radical, que nunca é inteiramente arbitrária e passa a contribuir para as noções gramaticais de pessoa, número, modo e tempo: “a mudança no radical é que é verdadeiramente importante e cria uma série de padrões morfológicos verbais” (CÂMARA JR., 2004[1970], p. 111). Segundo o autor, o padrão especial mais relevante é o que estabelece uma oposição entre o radical do pretérito perfeito, pretérito mais que perfeito, pretérito imperfeito do subjuntivo e futuro do subjuntivo ao das outras formas verbais (CÂMARA JR., 2004[1970], p. 111):

Podemos dizer que do radical R destas formas se distingue um radical R' daqueles tempos. São ao todo 15 verbos em que isso acontece. A diferença entre R e R' vai de uma simples mudança de tema [...] a profundas mudanças na estrutura fonológica do radical.

Monteiro (2002, p.121) lembra também que “o problema maior é com relação ao tema, sujeito a alomorfas ou alternâncias”; por isso, o autor considera que para os verbos irregulares há um tema do infinitivo (T) e um do pretérito perfeito (T’), sendo que este último, às vezes, pode ser da segunda conjugação (com vogal temática /ɛ/ em vez de /e/, correspondendo a um infinitivo da primeira conjugação). Já em alguns momentos, T é da segunda conjugação e T’ é da terceira, por isso, nestes casos, T’ deve ser interpretado como alomorfe de T.

3.3.2 Casos de haplologia (haplologia + alomorfia do radical)

No PB também há uma grande quantidade de palavras em que encontramos o fenômeno da haplologia, envolvendo sempre nomes derivados com o sufixo *-ção*. A haplologia aconteceu com nomes derivados de verbos de primeira, segunda e terceira conjugações. Na tabela 3.11, abaixo, encontram-se os dados totais dos casos de haplologia:

Tabela 3.11 - Casos de haplogogia no PB separados por conjugação verbal

	-ção		-mento	
	quantidade	%	quantidade	%
1.^a Conjugação	22	27%	---	---
2.^a Conjugação	20	26%	---	---
3.^a Conjugação	36	47%	---	---
Total	78	100%	---	---

Percebemos, diante dos dados, que a haplogogia teve um maior número de ocorrências nos nomes derivados de verbos de terceira conjugação (49%), enquanto que derivados de verbos da primeira e da segunda desencadearam menos esse processo. Abaixo, no exemplo (3.28), apresentam-se alguns dos casos de haplogogia:

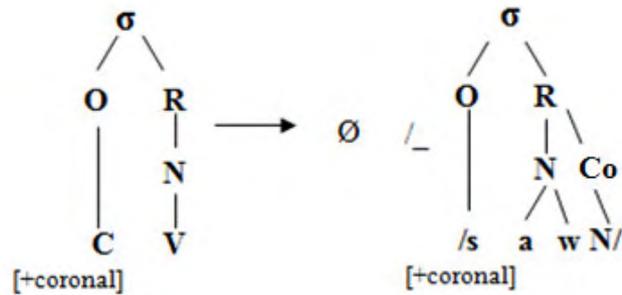
(3.28)

<i>Adoção</i>	<i>remoção</i>	<i>condução</i>	
[adota] _{base} [-sawN] _{sufixo}	[xemove] _{base} [sawN] _{sufixo}	[koNduzi] _{base} [-sawN] _{sufixo}	forma de base
			léxico
			1º estrato:
adotasawN	xemovesawN	koNduzisawN	justaposição
a.do.ta.sawN	xe.mo.ve.sawN	koN.du.zi.sawN	silabação
			2º estrato:
a.do.ta.sáwN ∪ ∪ ∪ —	xe.mo.ve.sáwN ∪ ∪ ∪ —	koN.du.zi.sáwN — ∪ ∪ —	acento principal (regra default)
a.do.sáwN	xe.mo.sáwN	koN.du.sáwN	haplogogia
			pós-léxico
[ado'sẽũ]	[xemo'sẽũ]	[kõdu'sẽũ]	<i>output</i>

Nos exemplos, vemos a queda de várias sílabas diferentes (<ta>; <vê>; <zi>) que possuem em comum o traço [+coronal] na consoante do *onset*, também presente na consoante inicial do sufixo *-ção*. Além disso, as sílabas que caem também são leves como as sílabas do PA. Os dados do PB também corroboram os dizeres de De Lacy (1999) e de Plag (1998); além disso, assim como os casos encontrados para o PA, pode-se dizer que o PCO é uma restrição que age colaborando para que sílabas com o traço [+coronal], na consoante do *onset*, não fiquem adjacentes na formação dos derivados com o sufixo *-ção*.

Para os casos de haplogogia em PB, também observamos a mesma regra que encontramos para esse fenômeno em PA:

(3.29)



Também encontramos em PB casos de haplogogia seguida de alomorfia na vogal do radical envolvendo derivados de verbos de todas as conjugações. Na tabela 3.12, abaixo, mostramos de maneira esquemática a distribuição dos processos separados por conjugação verbal:

Tabela 3.12 - Casos de haplogogia + alomorfia da vogal do radical no PB separados por conjugação verbal

	<i>-ção</i>		<i>-mento</i>	
	quantidade	%	quantidade	%
1.^a Conjugação	1	15%	---	---
2.^a Conjugação	6	85%	---	---
3.^a Conjugação	---	---	---	---
Total	7	100%	---	---

Os casos de haplogogia seguidos de alomorfia da vogal do radical aconteceram, em sua maioria, com derivados de verbos da segunda conjugação, sendo que houve apenas uma ocorrência com verbo de primeira conjugação, totalizando somente 15% dos nomes que sofreram o processo. Eis alguns exemplos da ocorrência desse processo:

(3.30)

<i>confissão</i>	<i>comissão</i>	
[koNfesa] _{base} [sawN] _{sufixo}	[komete] _{base} [-sawN] _{sufixo}	forma de base
léxico		
1º estrato:		
koNfesasawN	kometesawN	justaposição
koN.fe.sa.sawN	ko.me.te.sawN	silabação
2º estrato:		
koN.fe.sa.sáwN — ∪ ∪ —	ko.me.te.sáwN ∪ ∪ ∪ —	acento principal (regra <i>default</i>)
koN.fe.sáwN	ko.me.sáwN	haplologia
KoN.fi.sáwN	ko.mi.sáwN	Alomorfa do radical: levantamento da vogal
pós-léxico		
[kõfi'sẽũ]	[komi'sẽũ]	<i>output</i>

A partir dos dados, observa-se que, depois da haplologia, ocorre novamente o levantamento da vogal /e/ do radical, fenômeno que ocorre em outros contextos no PB atual, pois alguns estudos variacionistas (como Viegas, 1987, 2003; Oliveira, 1992; Lee, 2009 e Carmo, 2009) revelam que, em determinadas variedades do PB atual, ocorre variação entre as vogais [e] e [i]. Esses pesquisadores indagam-se sobre os motivos e os contextos em que aparecem essas variações, a fim de identificar fenômenos fonéticos e fonológicos que favoreceriam este tipo de mudança, como, por exemplo, o fenômeno da harmonia vocálica. Diante dos nossos dados, pode-se levantar a hipótese de que a haplologia poderia condicionar essa variação em alguns momentos, considerando que tanto a consoante /s/ como a vogal /i/ são agudas.

3.3.3 Casos de alomorfa da Vogal Temática

Encontramos a alomorfa da VT ocorrendo, principalmente, com nomes derivados de verbos da segunda conjugação, envolvendo o sufixo *-mento*. Em nomes derivados com o sufixo *-ção*, esse processo ocorreu apenas com nomes derivados do verbo *pôr*, como podemos observar na tabela 3.13, abaixo.

Tabela 3.13 - Casos de alomorfia da vogal temática separados por conjugação verbal

	-ção		-mento	
	quantidade	%	quantidade	%
1.^a Conjugação	---	---	---	---
2.^a Conjugação	11	100%	42	100%
3.^a Conjugação	---	---	---	---
Total	---	---	---	---

Eis alguns exemplos de nomes que sofreram alomorfia da VT em PB:

(3.31)

<i>Procedimento</i>	<i>depoimento</i>	<i>oposição</i>	
[prosede] _{base} [-meNtu] _{sufixo}	[depoe] _{base} [-meNtu] _{sufixo}	[opuze] _{base} [-sawN] _{sufixo}	forma de base
			léxico
			1º estrato:
prosedemeNtu	depoemeNtu	opuzesawN	justaposição
pro.se.de.meN.tu	de.po.e.meN.tu	o.pu. ze.sawN	silabação
			2º estrato:
pro.se.de.méN.tu — ∪ ∪ — ∪	de.po.e.méN.tu ∪ ∪ ∪ — ∪	o.pu. ze.sáwN ∪ ∪ ∪ —	acentos principais (regra default)
pro.se.di.meN.tu	de.po.i.meN.tu	o.pu. zi.sawN	Alomorfia da VT
-----	-----	o.po.zi.sawN	Variação da pretônica
			pós-léxico
[prosedimẽtu]	[depoimẽtu]	[opozisẽũ]	output

Como dissemos, Câmara Jr. (2004[1970], p.105) considera que a segunda e a terceira conjugações pertencem a uma única classe de verbos em oposição à primeira conjugação, o que explica a alternância de /e/ para /i/ nesses nomes. A palavra *depoimento*, derivada do verbo *depor*, também sofre alomorfia da VT, pois o verbo *pôr* e seus derivados são, segundo Said Ali (1964, p.69), verbos irregulares da segunda conjugação, porém, sua vogal temática desapareceu no infinitivo. Os casos de derivados em *-ção* a partir do verbo *pôr* também sofreram apenas alomorfia da VT, pois foram formados a partir do que Câmara Jr. (2004 [1970], p.112) chama de tema teórico de R', isto é, o tema do verbo dado por um radical

diferente do radical de infinitivo. Encontramos esse tema na segunda pessoa do pretérito perfeito do indicativo abstraindo o sufixo número-pessoal *-ste*. Portanto, seguindo Câmara Jr., como a forma base do pretérito perfeito é “puseste”, (2004[1970]), o tema teórico do verbo *por* é *puse-*. Assim, a vogal *-e* do tema teórico passa a */i/* além disso, no caso dos nomes formados a partir de verbos derivados do verbo *pôr*, vemos também a variação na vogal do radical [o] que passa a [u] por estar em posição pretônica. Não se trata, dessa forma, de um caso de epêntese, pois a vogal já está no tema e não é inserida na derivação.

3.3.4 Casos de supressão da Vogal Temática

O último processo encontrado foi a supressão da VT, que aconteceu apenas com nomes derivados com o sufixo *-ção* a partir de verbos de terceira conjugação, como vemos nos exemplos em (3.32):

(3.32)

<i>Abstração</i>	<i>prevenção</i>	
[abstrai] _{base} [-sawN] _{sufixo}	[preveni] _{base} [-sawN] _{sufixo}	forma de base
		léxico
		1º estrato:
abstraisawN	prevenisawN	justaposição
a.bis.tra.i.sawN ⁴²	pre.ve.ni.sawN	silabação
		2º estrato:
a.bis.tra.i.sáwN ∪ — ∪ ∪ —	pre.ve.ni.sáwN — ∪ ∪ —	acento principal (regra <i>default</i>)
a.bis.tra.sawN	pre.ve.n.sawN	queda da VT
a.bis.tra.sawN	pre.ven.sawN	ressilabação
		léxico
[abistra'sẽũ]	[prevẽ'sẽũ]	output

⁴²A vogal */i/*, da sílaba <bis>, não está na representação da forma de base, pois trata-se de um caso de epêntese, em que a vogal é inserida no nível lexical no momento da silabação para evitar a seqüência **/bs/*, que formaria uma sílaba não permitida em PB. Segundo Collichonn (2005), a epêntese é um dos processos que ocorrem para que a estrutura silábica não viole o Princípio de Licenciamento Prosódico. Para Lee (1993), a vogal epentética do PB é sempre, fonologicamente, */e/*, já que este é o único segmento não-especificado na representação de base, que pode assumir as formas fonéticas de [e], [i]. Cagliari (2007, p. 117), afirma que “no português brasileiro, algumas palavras variam foneticamente, podendo ter uma sílaba a mais ou a menos, dependendo de uma vogal breve e átona, em geral [ɪ], entre uma oclusiva, uma nasal bilabial ou uma fricativa alveolar surda, por um lado, e uma outra consoante por outro lado” – a vogal representada por [ɪ], em Cagliari (2007), corresponde a [i], no padrão do IPA. Massini-Cagliari (2005, p.314) afirma que “apenas realizações fonéticas relativas ao fonema */e/* podem aparecer como vogais epentéticas e paragógicas no PA”.

Nesses exemplos, observa-se a queda da vogal /i/. No caso da palavra *prevenção*, a consoante nasal que restou passa para a coda da sílaba anterior, formando uma sílaba CVC possível em PB, já que o PB permite uma sílaba travada por consoante nasal. Na formação da palavra *abstração*, a VT cai, pois é desnecessária para a estrutura silábica, isto é, sua queda não prejudica a estrutura silábica da palavra que está sendo formada. Em ambos os casos, o apagamento da vogal é motivado pela presença de duas vogais seguidas no mesmo nível autossegmental. No caso de **a.b(i)s.tra.i.sawN*, a adjacência da VT à vogal do radical é clara; já no caso de **pre.ven.i.sawN*, esta explicação só faz sentido se for considerada a possibilidade de realização do /e/ do radical como nasalizada – desta forma, ambas as vogais estariam em um mesmo plano autossegmental.

3.4 Considerações finais

Esta seção centrou-se nos procedimentos de metodologia, coleta de dados e análise desses dados; desta forma, notamos a ocorrência de alguns processos fonológicos na adjunção dos sufixos específicos, focalizados neste trabalho. A partir dos dados, percebemos que a produção de nomes deverbais em *-çon* e *-mento* para o PA é equilibrada, enquanto que, para o PB, há mais nomes terminados em *-ção* do que em *-mento*. Observamos, também, que os sufixos *-çon* e *-ção* desencadeiam mais mudanças fonológicas no tema verbal do que o sufixo *-mento*, em ambas as sincronias focalizadas. A partir desses dados, procedemos à análise com o aparato teórico da geometria de traços e da FL. A seguir, apresentaremos as conclusões a que chegamos através das análises dos processos morfofonológicos encontrados.

4 Conclusão

Esta Dissertação teve como objetivos principais mapear e analisar comparativamente os processos morfofonológicos que ocorrem em duas sincronias da língua portuguesa: o Português Arcaico (PA) dos séculos XII-XIII e o Português Brasileiro (PB) dos séculos XX-XXI. Para este trabalho, escolhemos analisar os fenômenos morfofonológicos ocorridos na derivação de nomes deverbais formados a partir dos sufixos *-çon* e *-mento*, para o PA, e *-ção* e *-mento*, para o PB. Esses sufixos são, de acordo com Rocha (2003), sufixos concorrentes, por terem a mesma função nas duas sincronias da língua portuguesa: criar nomes deverbais com significado de “ato ou ação de X”.

Sobre a questão da produtividade dos sufixos estudados, observa-se que ambos são produtivos nos dois estágios da língua, porém em diferentes medidas. Na seção 2.15, lembramos que Ali (1964, p.240) afirma que o português antigo tinha facilidade para criar substantivos abstratos terminados em *-mento*, mas que, com o passar do tempo, palavras com outras terminações foram crescendo em produtividade em detrimento deste sufixo. A partir dos dados analisados, pudemos perceber que, no PA, o número de palavras derivadas em *-çon* e *-mento* é equilibrado, enquanto que no PB há proporcionalmente muito mais palavras derivadas em *-ção* do que em *-mento*. Desta forma, nossos dados corroboram os dizeres do autor de que o sufixo *-mento* veio caindo em produtividade com o passar do tempo, pelo menos em relação ao sufixo *-ção*, embora seja ainda bastante representativo. Além disso, em se considerando as amostras representativas do português de suas determinadas épocas, pode-se afirmar que, historicamente, o sufixo *-ção* vem crescendo em produtividade. Assim, concordamos com Basílio (2006, p. 42) sobre o fato de que, no atual momento da língua, formações com o sufixo *-ção* são mais produtivas se comparadas às formações em *-mento*. Entretanto, não podemos afirmar com precisão se a produtividade do sufixo *-mento* em PA era superior à de outros sufixos, como afirma Ali (1964), sendo para isso necessário um estudo estatístico mais aprofundado, comparando a produtividade deste e de outros sufixos em PA, o que escaparia ao escopo do presente trabalho.

A pesquisa desenvolvida nesta Dissertação mostra que os sufixos *-çon* e *-ção* condicionam mais processos morfofonológicos que o sufixo *-mento*, nos dois períodos

da língua portuguesa enfocados. A maioria dos processos morfofonológicos foi produtiva tanto em PA quanto em PB. No entanto, o processo de fusão de vogais ocorreu apenas no PA, já que em PB não foi encontrada qualquer palavra que apresentasse o contexto de aplicação desse fenômeno. Encontramos, também, no *corpus* do PB, alguns casos de supressão da VT que não tiveram correspondentes em PA – embora este seja um processo teoricamente possível de ocorrer naquela sincronia da língua, afinal, como mostramos na seção 3.3.1, a vogal suprimida na constituição do derivado não prejudica a composição silábica da palavra que está se formando e, neste caso, obedeceria às regras de silabação do PA.

O processo morfofonológico de maior representatividade nos *corpora* do PA e do PB foi a haplologia. Observando a literatura sobre o assunto, chegamos à conclusão de que é um fenômeno que ocorre em diferentes contextos e que pode ser encontrado tanto na formação de palavras quanto no nível pós-lexical. Os casos estudados neste trabalho ocorreram apenas na adjunção dos sufixos *-çon* e *-ção* e as sílabas suprimidas foram sempre átonas e do tipo CV. Portanto, as sílabas que desapareceram no processo de haplologia, em nenhum dos casos encontrados, eram idênticas às sílabas *-çon* e *-ção* dos sufixos; desta forma, poderíamos classificar esses casos como haplologia de identidade parcial, seguindo a terminologia de De Lacy (1999). Observando os casos que sofreram este processo e a literatura sobre este assunto, concluímos que apenas o traço [+coronal] é importante na ocorrência dos fenômenos de haplologia encontrados, concordando, deste modo, com De Lacy (1999, p.14), para quem “*some features simply do not matter in partial-identity haplology*”. Diante disso, notamos que o PCO age provocando a queda de algumas sílabas que tenham o mesmo traço [+coronal] que a consoante /s/ do sufixo, da mesma forma que pode agir provocando a queda de outros tipos de sílabas em outros contextos.

De acordo com Battisti (2004), o PCO é uma restrição importante para a ocorrência da haplologia e, por isso, ocupa posição privilegiada no ranking de restrições elencado pela autora para seu estudo sobre haplologia sintática no PB. Diante dos nossos dados, dos estudos de Battisti (2004) e de outros trabalhos explorados ao longo desta Dissertação, há indícios de que o PCO seja importante para a análise universal do fenômeno da haplologia; assim, levantamos a hipótese de que o PCO é um fator importante para a ocorrência da haplologia morfológica nas duas sincronias da língua portuguesa estudadas. Com relação ao PCO, percebemos ainda que essa é uma restrição

presente no único caso de fusão de vogais encontrado no *corpus* do PA. Vimos que, a partir da desnasalização da vogal /ĩ/, duas vogais idênticas ficam adjacentes no mesmo plano segmental – o que provoca uma fusão, de acordo com a atuação de PCO.

Notamos, também, que em alguns momentos, a haplologia co-ocorreu com a alomorfia da vogal do radical; assim, em alguns derivados que foram submetidos à haplologia, houve a mudança de uma vogal pretônica /e/ do radical para /i/. Na literatura sobre o assunto, vemos que é possível acreditar numa variação entre /e/ e /i/ nas vogais em posição pretônica no PA, fenômeno que também ocorre em algumas variedades do PB atual, o que explica essa alomorfia nos casos encontrados.

A alomorfia da VT é outro caso de variação envolvendo vogais encontrados nos *corpora* do PA e do PB e aconteceu tanto com derivados em *-çon e -ção* como em *-mento*. Nesses casos, a variação é originada por fatores morfológicos, já que aconteceu apenas com verbos da segunda e terceira conjugações que forma em PB, segundo Câmara Jr. (2004[1970], p.105), uma classe separada em oposição à primeira conjugação, o que explica a variação entre as vogais temáticas /e/ e /i/ em derivados dessas conjugações. Como a situação das conjugações verbais praticamente se manteve inalterada do PA para o PB, podemos estender essa explicação para os derivados nas duas sincronias.

A ocorrência de um maior número de processos condicionados pelos sufixos *-çon e -ção* se deve, possivelmente, ao fato de começarem pela consoante /s/, que, em PA, assim como em PB, desencadeia vários fenômenos fonológicos. Tanto em PA quanto em PB, não é qualquer elemento que pode ocupar a posição de coda nas sílabas (cf. Câmara Jr, 2004[1970], para o PB; Biagioni, 2002, Massini-Cagliari, 2005, para o PA). As consoantes oclusivas, por exemplo, não podem estar na coda de nenhuma sílaba em PA ou em PB, embora possam estar no *onset*, mas a consoante /s/ pode ocupar as duas posições. Em PB, o /s/ pode, inclusive, ocupar a posição de coda complexa como na palavra *transcrição*, em que há uma sílaba complexa, <trans>, com uma seqüência de consoante nasal e /s/ na coda. Além disso, a consoante /s/ é a única que ocorre em radicais do tipo “*s impura*”⁴³, ou seja, palavras como *estar* e *estrela*, que têm como radical *star* e *strel(a)*, respectivamente, e cujas vogais iniciais /e/ são

⁴³ Termo do italiano, que designa o /s/ inicial de palavras cuja primeira sílaba é constituída de /s/ + C (+ C) + V, como *stella* e *strega*.

epentéticas. Assim, observa-se que essa consoante ocupa posições na sílaba que outras consoantes da fonologia do PA e do PB não ocupam.

O /s/ é também indicador de marcas gramaticais em algumas palavras. Tanto no PA quanto no PB, é a consoante que marca o plural de nomes, como nas palavras *mãos* e *todos*, que existem nas duas sincronias da língua. Essa consoante também é a marca de número e pessoa em verbos, como se pode observar nas palavras *pedes* e *fazes*, que correspondem à segunda pessoa (no caso de uso de *tu*, em processo de desaparecimento no PB) do singular do presente do indicativo dos verbos *pedir* e *fazer*, respectivamente. Segundo Massini-Cagliari (1999, p.140, p.172), a consoante /s/, quando corresponde à desinência de número (plural) nos nomes e também quando é marca de número e pessoa em verbos, tanto em PA quanto em PB, é extramétrica e, por isso, nunca pesa para a atribuição do acento. Portanto, trata-se de uma consoante bastante peculiar na fonologia do PA e do PB, sendo responsável por vários dos processos fonológicos aqui descritos. Nos casos de haplologia, por exemplo, a consoante /s/ é portadora do traço [+ coronal], responsável por desencadear esse fenômeno.

Até agora concluímos que o PCO e variações de vogais pretônicas comuns em PA e em PB explicam a ocorrência dos processos morfofonológicos encontrados; além disso, vimos que a maioria dos processos foi igual nas duas sincronias da língua, o que confirma o que diz Mattos e Silva (2006, p.16): “variações do presente, heranças do passado”. No entanto, a maioria das palavras encontradas, tanto em PA quanto em PB, não sofreu nenhum processo morfofonológico, ou seja, são formações regulares da língua, o que indica que há uma tendência à regularidade na formação desses derivados nas duas sincronias.

Atualmente, observa-se que há uma tendência à regularidade com relação aos verbos do PB de um modo geral; por exemplo, os novos verbos formados em PB são sempre da primeira conjugação e sempre regulares. Além disso, os processos observados ocorrem no nível lexical e, por isso, podem não ocorrer em alguns casos (por serem passíveis de suportar exceções) ou ainda serem bloqueados por outros fatores. A haplologia, por exemplo, pode ser bloqueada na criação de uma nova palavra com o sufixo *-ção* com sentido iterativo, se já houver um derivado com o mesmo sufixo sem este sentido. Por exemplo, a palavra *bênção* é formada a partir do verbo *benzer* e sofre o processo de haplologia na sua formação; já palavra *benzeção*, também formada a partir do verbo *benzer*, mas com sentido iterativo, não sofre este processo.

Como dissemos na seção 2, segundo Bybee (1985, p.4), o grau de fusão morfofonológica de um afixo à base é diretamente proporcional à relevância semântica deste afixo em relação à base. Portanto, a partir dessa hipótese da autora, podemos dizer que os sufixos derivacionais aqui descritos apresentam um grau de fusão com relação à base expressivo, na medida em que os sufixos estudados foram capazes de provocar diversos tipos de mudanças no radical dos verbos a que foram adjungidos, a partir dos processos morfofonológicos descritos na seção anterior.

A partir dos nossos estudos apontamos alguns caminhos para a análise dos processos morfofonológicos encontrados, mas ainda há muito a ser estudado com relação aos processos de formação de palavras, sobretudo em períodos passados das línguas, como o PA. Além disso, dada a dimensão deste trabalho, não foi possível explorar com maiores detalhes as diferenças semânticas que ocorrem com os derivados com em *-ção* e *-mento* a partir de uma mesma base verbal e a interação e a produtividade destes e de outros sufixos do PA e do PB. No entanto, esperamos ter contribuído para o esclarecimento de alguns fenômenos morfofonológicos que ocorrem nos dois estágios da língua e para os estudos da formação do léxico da língua portuguesa.

Referências

- ALI, M. Said. *Gramática Secundária e Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1964.
- ALKMIM, M; GOMES, C. Dois fenômenos de supressão de segmentos em limite de palavra. *Ensaio de Lingüística*, 1982, v.7, p. 43-51.
- ARONOFF, M; FUDEMAN, K. *What is morphology?* Malden, MA: Blackwell Pub., 2005.
- BASÍLIO, Margarida. *Estruturas lexicais do Português: uma abordagem gerativa*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- BASÍLIO, Margarida. A Morfologia no Brasil: indicadores e questões. In: *D.E.L.T.A.*, Vol. 15, n.º ESPECIAL. São Paulo, 1999. (p. 53-70)
- BASÍLIO, Margarida. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática, 2001. (Série Princípios)
- BASÍLIO, Margarida. *Formação de Palavras no Português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.
- BATTISTI, Elisa . Haplologia sintática e efeitos da economia. *Organon* (UFRGS), Porto Alegre - RS, v. 18, n. 36, p. 31-39, 2004.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37.^a edição. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.
- BERTOLUCCI PIZZORUSSO, V. Cantigas de Santa Maria. In: LANCIANI, G.; TAVANI, G. (Org.). *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1993a. p. 142-146.
- BERTOLUCCI PIZZORUSSO, V. Alfonso X. In: LANCIANI, G.; TAVANI, G. (Org.). *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1993b. p. 36-41
- BERTOLUCCI PIZZORUSSO, V. Presentazione. In: BETTI, Maria Pia. *Lessico in Rima. Rimario e Lessico in Rima delle Cantigas de Santa Maria di Alfonso X di Castiglia*. Pisa: Pacini Editore, 1997.
- BETTI, M. P. *Lessico in rima. Rimario e lessico in rima delle Cantigas de Santa Maria di Alfonso X di Castiglia*. Pisa: Pacini Editore, 1997.
- BIAGIONI, A. B. *A Síllaba em português arcaico*. Dissertação de Mestrado. FCLAr/UNESP, Araraquara: 2002.
- BISOL, L. Sândi vocálico externo: degeminação e elisão. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n. 23, p. 83-101, jul/dez 1992.

BISOL, Leda. Fonologia Lexical. In.: BISOL, Leda (org.) *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. 4ª edição revista e ampliada. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005a. p. 83-100.

BISOL, Leda. Os constituintes prosódicos. In.: BISOL, Leda (org.) *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. 4ª edição revista e ampliada. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005b. p. 243-255.

BORBA, Francisco da Silva (coordenador). *Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil*. São Paulo: Editora da UNESP, 2002.

BROSELOW, Ellen. Skeletal Positions and Moras. In: GOLDSMITH, J. A. (Org.). *The handbook of Phonological Theory*. Cambridge MA, Oxford UK: Blackwell, 1995. p. 245-306.

BUENO, Francisco da Silveira. *Grande Dicionário Etimológico Prosódico da Língua Portuguesa*. 6.º vol. São Paulo: Saraiva, 1966.

BYBEE, J. *Morphology: A study of the relation between meaning and form*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1985.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Fonologia do Português - Análise pela Geometria de Traços (Parte I)*. Campinas: edição do autor, 1997.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Fonologia do Português - Análise pela Geometria de Traço e pela fonologia lexical (Parte II)*. Campinas: edição do autor, 1999.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Análise Fonológica. Introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Elementos de fonética do português brasileiro*. São Paulo: Paulistana, 2007.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática referente a Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: J. Ozon, 2004 (primeira edição 1964).

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 36.ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2004 (primeira edição 1970).

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

CARVALHO, Nelly. *Empréstimos lingüísticos na língua portuguesa*. São Paulo: Cortez, 2009.

CARMO, M. C. do. *As vogais médias pretônicas dos verbos na fala culta do interior paulista*. Dissertação (Mestrado em Linguística) - IBILCE/UNESP, São José do Rio Preto, 2009.

CASTRO, Bernardo Monteiro de. *As Cantigas de Santa Maria: um estilo gótico na lírica ibérica medieval*. Niterói: EdUFF, 2006.

CHOMSKY, N. Remarks on Nominalization. In: *Readings in English Transformational Grammar*. Waltham, Mass. :Ginn, 1970, 194-221.

CHOMSKY, N.; HALLE, M. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper & Row, 1968.

CLEMENTS, G. N.; HUME, E. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. A. (Org.). *The handbook of Phonological Theory*. Cambridge MA, Oxford UK: Blackwell, 1995. p. 245-306.

COLLISCHONN, Gisela. A sílaba em português. In.: BISOL, Leda (org.) *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. 4ª edição revista e ampliada. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. (p. 101-133)

COUTINHO, I. de L. *Gramática histórica*. 6.^a ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.

CUNHA, C.; CINTRA, L, F, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CRYSTAL, David. *Dicionário de Lingüística e Fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

DE LACY, Paul. Morphological haplology and correspondence. In.: DE LACY, Paul; NOWAK, Anita. (1999) *University of Massachusetts Occasional Papers: Papers from the 25th Reunion*. Amherst, MA: GLSA, 1999. Disponível em: <http://roa.rutgers.edu/files/298-0299/roa-298-lacy-1.pdf> (ROA 289). Acesso em: 26 de nov. de 2009. p. 1-39.

DI SCIULLO, A.M.; WILLIAMS, E. *On the definition of word*. Cambridge: MIT Press, 1987.

DICIONÁRIO Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. CD-ROM. [Não paginado].

EMILIANO, A.; PEDRO, S. De notícia de Torto. Aspectos paleográficos e scriptográficos e edição do mais antigo documento particular português conhecido. *Zeitschrift für romanische Philologie*. Band 120(2004) Heft 1, p. 1-81, 2004

FERREIRA, M. P. The Stemma of the Marian Cantigas: Philological and Musical Evidence. *Bulletin of the Cantigueiros de Santa Maria*, Cincinnati, n. 6, p. 58-98, 1994.

FIDALGO, Elvira. *As Cantigas de Santa Maria*. Salamanca: Edicións Xerais de Galicia, 2002.

FILGUEIRA VALVERDE, J. Introducción. In: ALFONSO X EL SABIO. *Cantigas de Santa María: Códice Rico de El Escorial*. Madrid: Castalia, 1985. p. XI-LXIII.

FONTE, J. S. *O sistema vocálico do português arcaico visto a partir das Cantigas de Santa Maria, de Afonso X*. Dissertação de Mestrado. FCL/UNESP, Araraquara: 2010.

- GOLDSMITH, J. A. *Autosegmental Phonology*. 1976. Doctoral Dissertation (Department of Linguistics)-MIT, Cambridge, MA. 1976.
- GONZÁLES JIMÉNEZ, Manoel. Alfonso X, Rey de Castilla e León (1252-1284). In.: MARTÍNEZ, Jesús Montoya; RODRÍGUEZ, Ana Domínguez (org). *El Scriptorium alfonsí: de los libros de astrologia a las "Cantigas de Santa Maria"*. Madrid: Editorial Complutense, 1999. p.1-15.
- GRANUCCI, P. M. F. *O sistema vocálico do português arcaico: um estudo a partir das rimas das cantigas de amigo*. 2001. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - FCL/UNESP, Araraquara, 2001.
- KIPARSKY, P. *Word-formation and the lexicon*. In.: F. Ingerman (ed) *Proceedings of the 1982 Mid America Linguistics Conference*. University of Kansas, 1985. p.1-27
- LAGE, Nilson. *A Linguagem Jornalística*. São Paulo: Ática, 1985.
- LAPA, M. Rodrigues. (1995) Vocabulário. In.: *Cantigas d'Escarnho e Mal Dizer dos Cancioneiros Medievais Portugueses*. 3a edição ilustrada. Lisboa: João Sá da Costa. pp. 287-392. (1a edição: 1965)
- LAROCA, Maria Nazaré de Carvalho. *Manual de Morfologia do Português*. 3.^a edição. Campinas: Pontes, 2003.
- LEAL, E. G. *Elisão silábica e Haplologia: Aspectos Fonológicos do Falar da Cidade de Capivari*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2006a.
- LEAL, E. G. Estudo sobre redução silábica e haplologia no falar da cidade paulista de Capivari. In.: Piris, Eduardo Lopes (Org.). *O papel do lingüista na sociedade: Seleção de textos proferidos durante o VII Encontro dos Alunos de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade de São Paulo*. São Paulo: Paulistana Editora, 2006b. p.1-9.
- LEÃO, Â. V. Questões de linguagem nas Cantigas de Santa Maria, de Afonso X. *Ensaio*: Associação Internacional de Lusitanistas (AIL). 2002. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/fale/pos/ail/leao01.htm>>. Acesso em: 17 jan. 2005.
- LEÃO, Â. V. *Cantigas de Santa Maria de Afonso X, o sábio: Aspectos culturais e literários*. São Paulo: Linear B; Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2007.
- LEBEN, Will. *Suprasegmental phonology*. Doctoral dissertation. Cambridge: MIT, 1973
- LEE, Seung-Hwa. Fonologia Lexical do Português. *Cadernos de estudos Lingüísticos* (23), 1992. p.103-120.
- LEE, S.-H.. *Epêntese no Português*. In.: *Estudos Lingüísticos XXII – Anais dos Seminários do GEL*. Ribeirão Preto: Instituição Moura Lacerda, 1993. Vol. II, p.847-854.

- LEE, S.-H.. *Morfologia e Fonologia Lexical do Português*. Tese de Doutorado - IEL/UNICAMP, Campinas, 1995.
- LEE, S. Variação Lingüística e Vogais no PB. In: HORA, D. (org.). *Vogais: no ponto mais Oriental das Américas*. João Pessoa: Ideia, 2009. p. 29-43.
- MAIA, C. *História do galego-português*. 2. ed. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, Junta de Investigação Científica e Tecnológica, 1997. Reimpressão da edição do INIC, 1986.
- MARONEZE, Bruno Oliveira. *Um estudo da nominalização no Português do Brasil com base em unidades lexicais neológicas*. São Paulo, 2005. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, USP, São Paulo.
- MASSINI-CAGLIARI, Gladis. Escrita do Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa: fonética ou ortográfica? *Filologia e Lingüística Portuguesa*, n.2, p. 159-178, 1998.
- MASSINI-CAGLIARI, Gladis. *Do poético ao lingüístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 1999.
- MASSINI-CAGLIARI, Gladis. *A música da fala dos trovadores: estudos de prosódia do português arcaico, a partir das cantigas profanas e religiosas*. Tese (Livre Docência em Fonologia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara. Araraquara: UNESP, 2005.
- MASSINI-CAGLIARI, G. . Legitimidade e identidade: da pertinência da consideração das Cantigas de Santa Maria de Afonso X como corpus da diacronia do Português. In: MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo; GONÇALVES, Maria Filomena.(Org.). *Novas contribuições para o estudo da história e da historiografia da língua portuguesa*. 1ª ed. São Paulo/Araraquara: Cultura Acadêmica/Laboratório Editorial da FCL/UNESP-Araraquara, 2007. p. 101-126
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O Português Arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.
- McCARTHY, J. J. OCP effects: gemination and antigemination. *Linguistic Inquiry*, n.º 17. Cambridge: The MIT Press,1986. p.207-263. Disponível em: http://people.umass.edu/jjmccart/ocp_effects_gemination_and_antigemination.pdf . Acesso em: 19 de setembro de 2009.
- McCARTHY, J. J.; PRINCE, A. S. Generalized Alignment. *Rutgers Optimality Archive* - ROA-7. 1993. Disponível em: <<http://ruccs.rutgers.edu/roa.html>>. Acesso em 1 dez. 2009.
- MESSNER, D. Conjecturas sobre a Periodização da Língua Portuguesa. In: MASSINI-CAGLIARI, G.; MURAKAWA, C. de A. A.; BERLINCK, R. de A.; GUEDES, M.(Org.). *Descrição do Português: lingüística histórica e historiografia lingüística*. Araraquara: Cultura Acadêmica Editora, 2002. p. 97-117.

METTMANN, Walter. Alfonso X, el Sabio. *Cantigas de Santa Maria: Glossário*. Vol IV. Coimbra: Universidade, 1972.

METTMANN, Walter. *Alfonso X, el Sabio. Cantigas de Santa Maria (cantigas 1 a 100)*. Madrid: Castalia, 1986.

METTMANN, Walter. *Alfonso X, el Sabio. Cantigas de Santa Maria (cantigas 101 a 260)*. Madrid: Castalia, 1988.

METTMANN, Walter. *Alfonso X, el Sabio. Cantigas de Santa Maria (cantigas 261 a 427)*. Madrid: Castalia, 1989.

MICHAËLIS DE VASCONCELOS, C. *Lições de Filologia Portuguesa (segundo as preleções feitas aos cursos de 1911/12 e de 1912/13) Seguidas das Lições Práticas de Português Arcaico*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, [19--]. Referido como 1912-1913.

MIGLIORINI, Lívia Monteiro de Queiroz. *Estudo do ritmo do Português Brasileiro a partir da análise de processos fonológicos lexicais e pós-lexicais*. Dissertação de Mestrado. FCLAr/UNESP, Araraquara: 2008.

MOHANAN, K. P. *The Theory of Lexical Phonology*. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1986.

MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia Portuguesa*. 4.^a ed. Campinas: Pontes, 2002.

NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.

O'CALLAGHAN, Joseph F. *Alfonso X and the Cantigas de Santa Maria: A Poetic Biography*. Brill: The Netherlands, 1998.

ODDEN, David. Tone: African languages. In: GOLDSMITH, J. A. (Org.). *The handbook of Phonological Theory*. Cambridge MA, Oxford UK: Blackwell, 1995. p. 245-306.

OLIVEIRA, M. A. Aspectos da difusão lexical. *Revista de Estudos da Linguagem*, ano 4, v. 1. p. 31-41, 1992.

PARKINSON, S. As *Cantigas de Santa Maria*: estado das cuestións textuais. *Anuario de estudios literarios galegos*, Vigo, p. 179-205, 1998.

PAVEZI, V.C. Monomorfemas, haplologia e elisão. In: *Estudos Lingüísticos XXXIV*. Campinas, SP, p. 750-755, 2005.

PAVEZI, V.C. Haplologia entre fronteiras acima da palavra fonológica. In: *Estudos Lingüísticos XXXV*. Araraquara, SP, p. 1945-1951, 2006.

PEÑA, M. *Alfonso el Sabio. Antología con estudios preliminares y un vocabulario*. México: Porrúa, 1973.

PINTO JUNIOR, João Moraes. *Princípios teóricos e metodológicos para a elaboração de um dicionário bilíngüe de verbos português-alemão*. Tese de doutorado. Araraquara, FCL/UNESP: 2009.

PLAG, Ingo. Morphological haplology in a constraint-based morpho-phonology. In.: KEHREIN, W; WIESE, R. (Eds.). *Phonology and morphology of the Germanic Languages*. Tübingen: Niemeyer, 1998. p.199-215.

PRINCE, A.; SMOLENSKY, P. Optimality Theory: constraint interaction in generative grammar. New Brunswick: Rutgers Optimality Archive, 1993. (Thechnical Report 2). Disponível em: <<http://roa.rutgers.edu>>. Acesso em: 15 nov. 2009.

PRADO, Natália. Processos morfofonológicos desencadeados pela adjunção dos sufixos *-çon* (*-ção*) e *-mento* em português arcaico. In.: REZENDE, L. M.; SILVA, B. C. D. da; BARBOSA, J. B (org.). *Léxico e gramática: dos sentidos a construção da significação*. Série Trilhas Lingüística 16. Araraquara: Cultura Acadêmica: 2009.

PULLEYBLANK, D. *Tone in Lexical Phonology*. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1986.

RIO-TORTO, Graça Maria. *Mecanismos de Produção Lexical no Português Europeu*. *Revista Alfa*. São Paulo: Editora UNESP, vol.42, 1998, p.15-32.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *A nominalização no português do Brasil*. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v.8, n.1, p.5-52, 1999.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas morfológicas do Português*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

SANDMANN, António José. *Competência Lexical*. Curitiba: Editora da UFPR, 1991.

SANDMANN, António José. *Morfologia Lexical*. São Paulo: Contexto, 1992.

SCHAFFER, M. E. The 'Evolution' of the *Cantigas de Santa Maria*: The Relationships between Manuscripts T, F and E. In: PARKINSON, S. (Ed.). *Cobras e Son: Papers on the Text Music and Manuscripts of the 'Cantigas de Santa Maria'*. Oxford: Legenda, University of Oxford, 2000. p. 186-213.

SCHANE, Sanford A. Diphthongization in particle phonology. In: GOLDSMITH, J. A. (Org.). *The handbook of Phonological Theory*. Cambridge MA, Oxford UK: Blackwell, 1995. p. 245-306.

SCHWINDT, Luiz Carlos da Silva. *O prefixo no português brasileiro: análise morfofonológica*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2000.

SILVA NETO, Serafim. *Introdução ao estudo da Língua Portuguesa no Brasil*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Presença, 1976.

SILVA, Thaís Cristófar. *Fonética e fonologia do português*. São Paulo: Contexto, 2005.

SNOW, J. T. Current Status of *Cantigas* Studies. In: KATZ, I. J.; KELLER, J. E. (Ed.). *Studies on the Cantigas de Santa Maria: Art, Music, and Poetry*. Madison: The Hispanic Seminary of Medieval Studies, Ltd., 1987. p. 475-486.

SNOW, Joseph T. *Alfonso X y las "Cantigas": documento personal y poesía colectiva*. In.: MONTOYA MARTÍNEZ, Jesús; DOMÍNGUEZ RODRÍGUEZ, Ana (org). *El Scriptorium alfonsí: de los libros de astrologia a las "Cantigas de Santa Maria"*. Madrid: Editorial Complutense, 1999. p.159-172.

SOUND CHANGE.. In.: *Britannica Online Encyclopedia*. 2009. Disponível em: <<http://www.britannica.com/EBchecked/topic/342418/linguistics/35110/Sound-change#ref=ref411892>>. Acesso em: 09 de Nov. de 2009.

SOUTO CABO, J. A. S. Nas origens da expressão escrita galego-portuguesa – documentos do século XII. *Diacrítica, ciências da linguagem*. n. 17/1, 2003. p. 329-385.

SPAGGIARI, B. O método lachmanniano. In: SPAGGIARI, B.; PERUGI, M. *Fundamentos da crítica textual*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. pp. 28-52.

TAVANI, G. *Ensaio português: Filologia e Lingüística*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1988.

TENANI, L.E.: *Domínios Prosódicos no Português do Brasil*. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp, 2002.

TEYSSIER, P. *História da Língua Portuguesa*. 3ª edição portuguesa. Lisboa: Sá da Costa, 1987.

TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e lingüística*. Tradução e adaptação de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.

VIARO, Mário. *Por trás da palavras: Manual de etimologia do português*. São Paulo: Globo, 2003.

VIEGAS, M. C. *Alçamento das vogais pretônicas: uma abordagem sociolingüística*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.

VIEGAS, M. C. O alçamento de vogais médias pretônicas e as conseqüências de diferentes recortes na amostragem. *Letras de Hoje*, v. 38, n. 4. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 307-18, 2003

VILLALVA, Alina. *Análise morfológica do português*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa, Lisboa, 1986.

VILLALVA, Alina. Morfologia. In MATEUS, M. H. M.; ANDRADE, A; VIANA, Maria do Céu; VILLALVA, A.: *Fonética, fonologia e morfologia do português*. Lisboa: Universidade Aberta, 1990. p. 413-518.

WULSTAN, D. The compilation of the *Cantigas* of Alfonso el Sabio. In:
PARKINSON, S. (Ed.). *Cobras e Son: Papers on the Text Music and Manuscripts of the*
'Cantigas de Santa Maria'. Oxford: Legenda, University of Oxford, 2000. p. 154-185.

YIP, Moira. The obligatory contour principle and phonological rules: a loss of identity.
Linguistic Inquiry. vol.19, n.1, p. 65-100. Cambridge: MIT Press Journals, 1988.

Apêndice A

***Corpus PA: nomes extraídos das Cantigas de Santa
Maria***

Abreviações:*Lessico in rima*, de Betti (1997) = Be*Glossário*, de Mettmann (1972) = M*Cantigas de Santa Maria* = CSM

Verso = v.

Terminados em *-çon*

1. **Acensson** (Be, p.413; M, p.4) – *polo que sobiu nos Ceos dia d' Acensson*, (CSM 146, v.70)
2. **Acusaçon / Acusação** (M, p.7) – 7 (M) *foi livre da acusaçon*; 17 (M)
3. **Bêeiçon** (Be, p.413; M, p.41) – *o Fillo da Reÿa das bêeyções*; (CSM 145, v.48); *as gentes que y estavan | deron grandes bêeições* (CSM 199, v.45); *vos envio saudar con bêeiçon* (CSM 265, v.88); *fez con ela bêeições por emendar a errança | que na Virgen fizera*. (CSM 312, v.82); *en que el pose tan gran bêeçion* (CSM 414, v.38); *molleres nen foron ante | non ouveron bêeyçion* (CSM 418, v.20)
4. **Colaçon** (Be, p.413; M, p.65) – *era mui bõo vizinho a quantos moravan y | a San Salvador, ond' era | chamada a colaçon*. (CSM 359, v.14); *Seu padre deste meninno | morava na colaçon* (CSM 381, v.10)
5. **Confisson** (Be, p.413; M, p.71) *beveu hũa meezÿa | e morreu sen confisson*. (CSM 14, v.19); *poren morreu sen confisson*, (CSM 24, v.21); *se foi enton | a un sant' abade e disse-ll' en confisson* (CSM 16, v.32); *e por aquesto non queras | que moira sen confisson*, (CSM 124, v.26); *y, [e] muito chorando; | e pois fez ssa confisson*, (CSM 157, v.32); *assi a adussera o demo a cofojon que sol nunca a leixava | que predesse confisson*; (CSM 272, v.21); *E logo ante todos | fezo ssa confisson* (CSM 284, v.48)
6. **Criaçon** (Be, p.413; M, p.83) – *porque destas tetas ouv' el criaçon*". (CSM 138, v.70); *en sa oraçon, e disse | a un seu de criaçon*: (CSM 382, v.59)
7. **Descomungaçon** (Be, p.413; M, p.99) – *Que u quis descomungaçon* (CSM 283, v.53)
8. **Devoçon** (Be, p.413; M, p.104) – *ide por el com procisson, | con choros e con devoçon*, (CSM 24, v.41); *E os gēollos ficados | ant' ela con devoçon*, (CSM 42, v.37); *pola ta firme creença | e por ta gran devoçon*". (CSM 84, v.64); *o logar*

era de mui gran devoçon (CSM 86, v.25); *en gẽollos con devoçon* (CSM 92, v.21); *y vẽo logo con gran devoçon*, (CSM 118, v.36); *e en lles avermos gran devoçon*, (CSM 162, v.6); *rogando con gran devoçon*, (CSM 168, v.39); *Quand' aquesto viu a gente, l ouveron gran devoçon*, (CSM 217, v.36); *loaron Santa Maria, l chorando con devoçon*. (CSM 227, v.58); *todos [e] con gran devoçon*, (CSM 239, v.77); *ant' o seu altar loaron, l chorando con devoçon*, (CSM 242, v.38); *ond' ajades piadad' e devoçon*. (CSM 265, v.8); *Na voontad' e por sinas l esto con gran devoçon*. (CSM 269, v.26); *que logar este de mui gran devoçon*, (CSM 275, v.21); *e tornó-o mui ben sãõ; l por que mui gran devoçon* (CSM 293, v.43); *Que a vissen com' estava l e ouvessen devoçon* (CSM 295, v.37); *semp'r ant' o altar dela l con mui gran devoçon*, (CSM 296, v.16); *e depois cantó-o con gran devoçon; todos, gẽollos ficados l con mui grandes devoções*. (CSM 305, v.68); (CSM 307, v.46); *Ali un crerig' avia, l de missa, que devoçon* (CSM 318, v.15); *e porend' el Rei e todos l avian gran devoçon* (CSM 324, v.17); *A aqueste logar con devoçon* (CSM 326, v.15); *As donas daquel convento l todas mui gran devoçon* (CSM 332, v.21); *E daquest' un gran milagre l direi onde devoçon* (CSM 337, v.5); *E aly ssé oge dia, l en que an gran devoçon* (CSM 342, v.30); *e pediron-ll' aquel fillo, l chorando com devoçon*. (CSM 359, v.39); *que quen quer que a viia l en ela gran devoçon* (CSM 361, v.31); *os ãus en romaria, l avend' i gran devoçon*, (CSM 371, v.16); *de cera, fez-llo dar logo, l chorando com devoçon*. (CSM 382, v.69)

9. **Encarnaçon** (Be, p.413, M, p.117)) – *jajúava l o dia da Encarnaçon, que é stabeliçudo* (CSM 237, v.17); *foi logo Deus e pres encarnaçon*. (CSM 415, v.8)
10. **Entençon** (Be, p.413; M, p. 122) / **Tençon** (Be, p.413; M, p.300) – *que en min e en meu Fillo vossas entenções* (CSM 85, v.39); *E pois chegou a ssa casa, l foi atal ssa entençon* (CSM 208, v.25); *E diss': "Amigos, vossa entençon* (CSM 259, v.26); *e enviou sobre atal entençon*, (CSM 265, v.68); *atanto que en Deus ajan l ben firmes sas entenções*. (CSM 265, v. 68 e CSM 305, v.68); *meus cantares e meus soes l e razões l e tenções l que por ela vou fillar* (CSM 300, v.55)
11. **Escantaçon** (Be, p.413; M, p.127) – *mas non ll' entraron; e escantaçon l cuidou que era* (CSM 22, v.21); *foi pedir a consello a hũa vella sorteira l que ll'escantaçon mostrasse* (CSM 128, v.14) *nen valian ervas nen escantações*, (CSM 319, v.30)
12. **Esleyçon** (Be, p.413; M, p.130) – *fezeron del sa esleyçon, l e foi o bispo* (CSM 87, v.51)
13. **Estremaçon** (Be, p.413; M, p.136) – *non podian nen fazer estremaçon* (CSM 265, v.43)
14. **Inchaçon** (M, p.161) – *mais a inchaçon foi fora, l E en mui pequeno tempo foi o braço tan inchado l que mais seer non podia* (CSM 346, v. 18)

15. **Oblaçon** (Be, p.413; M, p.208) – *porque da sua eigreja | perdia a oblaçon* (CSM 316, v.31)
16. **Offereçon** (**offeriçon, ofreçon**) (Be, p.413; M. p. 210) – *bestias qu’ en offereçon* (CSM 31, v.46); *por que a Santa Maria deron ofreções.* (CSM 85, v.75); *ben ata un ano e dar offreçon,* (CSM 131, v.43); *seu fillo, sigo, que en offreçon* (CSM 139, v.25); *queria saber ond’ estas offreções* (CSM 145, v.58); *e pois a Vila-Sirga | os deu en offreções* (CSM 218, v.62); *del Poi, que a queste calez | receba en offreçon* (CSM 271, v.42); *quer’ est’ anel tẽer migo, | mas da-lo em offreçon* (CSM 292, v.73); *e dan y todos mui grand’ ofreçon* (CSM 326, v.18); *ca hũa moller seu pano | foi dar em offereçon* (CSM 327, v.12); *quando lle deu Jhesu-Christo, | seu Fill’, en offereçon,* (CSM 417, v.7)
17. **Onçon** (Be, p.413; M, p.213) – *Daniel profeta era, disse que Cristus | averia onçon.* (CSM 270, v.32)
18. **Oraçon** (Be, p.413) – *que Elbo por nom’ avia | mas sempr em ssa oraçon* (CSM 13, v.7); *lle diss’:* “*Ai Sennor, oe mia oraçon,* (CSM 21, v.16); *E pois fazia oraçon,* (CSM 24, v.19); *u van fazer oraçon* (CSM 31, v.11); *por end’ orações* (CSM 49, v.39); *por eles orações* (CSM 57, v.109); *cada que sa oraçon* (CSM 59, v.29); *E pois fez esta oraçon,* (CSM 68, v.24); *ben atro ena ygreja, | por ir fazer oraçon.* (CSM 84, v.19); *e por saber mais quen era, fez sas orações* (CSM 85, v.29); *fazia atal oraçon* (CSM 92, v.20); *E pois ouve rezado esta oraçon* (CSM 93, v.32); *e fez chorando ssa oraçon* (CSM 97, v.29); *Tan toste que acababa | ouv’ o mong’ a oraçon* (CSM 103, v.22); *Ela fezo seu mandado | e usou esta oraçon:* (CSM 125, v.23) *que ambos en romaria | fossen fazer oraçon* (CSM 127, v.24); *rogar, oir-ll-á ela ssa oraçon.* (CSM 138, v.6); *que o acorresse fez sas orações.* (CSM 145, v.33); *ameud’, em ssa oraçon.* (CSM 146, v.34); *as Virgen regovan, | logo sa oraçon* (CSM 169, v.19); *e aa Virgen bẽeita | fez logo ssa oraçon;* (CSM 189, v.13); *por creenças, por jajũus, | por rogos, por orações.* (CSM 199, v.10); *E ela o rogo deles | oyu e sa oraçon;* (CSM 248, v.36); *ca a Virgen, a que fez oraçon,* (CSM 255, v.119); *per u mais poder”. E el en oraçon* (CSM 265, v.113); *que non foi dia nen noite | que non foss’ en oraçon;* *E log’ ant’ o altar todos | fezeron sas orações,* (CSM 273, v.47); (CSM 274, v.10); “*Ai, moller, por Deus, vaamos | ambos fazer oraçon* (CSM 287, v.21); *tẽendo seu Fill’ en braço. | Mas non fez y oraçon,* (CSM 293, v.23); *Este muit’ ameude | fazia oraçon* (CSM 296, v.15); *Que do dem’ avia fez ssa oraçon* (CSM 298, v.29); *nen aynda santos a que orações* (CSM 319, v.31); *cada noit’ e cada dia | e fazen grand’ oraçon,* (CSM 334, v.10); *aos santos fezeron oraçon;* (CSM 339, v.26); *non poss’ estar que non faça | ora ãa oraçon* (CSM 382, v.44); *en sa oraçon, e disse | a un seu de criaçon:* (CSM 382, v.59); *o angeo. E ela | foi fazer oraçon* (CSM 419, v.41)
19. **Perdiçon** (Be, p.413; M. p. 231) – *é mort’ e en perdiçon,* (CSM 72, v.39); *ca a hũa nos dá vida | e a outra perdiçon.* (CSM 219, v.8); *quen en aquel non creess’*

- l yrya a **perdiçon**. (CSM 270, v.42); *a ssa alma levará l o dem' a **perdiçon***. (CSM 284, v.13); “*Mentes a guisa de mao, l ca mia alm' a **perdiçon*** (CSM 311, v.52)
20. **Perseguçon** (Be, p.413; M, p. 233) – *em vñir per livrar-te l daquesta **perseguçon***”. (CSM 227, v.43)
21. **Precisson** (**procession/ procisson**) (Be, p.413; M, p.244) – *ide por el con **procisson***, (CSM 24, v.40); *E logo os da eigreja l loaron con **procisson*** (CSM 189, v.28); *cantou ssa missa e fez gran **precisson***. (CSM 265, v.138); *Pora trager as reliquias l sempre ena **preçisson***. (CSM 362, v.14)
22. **Profisson** (Be, p.413; M, p.248) – *mas torn' a alma no corpo, l e compra ssa **profisson***” (CSM 14, v.44); *por britar ssa **profisson***; (CSM 115, v.79)
23. **Promisson** (Be, p.413; M, p.249) – *de lle comprir ela as sas **promissões***. (CSM 145, v.38)
24. **Remisson** (Be, p.413; M, p. 263) – *e leváranos a Ronda l por aver del **remisson***. (CSM 359, v.24)
25. **Salvaçon** (Be, p.413; M, p.273) – *Que a alma del ouvesse **salvaçon***. (CSM 131, v.41); *Quen os peccadores guia l e aduz a **salvaçon***, (CSM 227, v.3); *Ave gracia plena” l por nossa **salvaçon***. (CSM 270, v.17); *Saude e **salvaçon***, (CSM 276, v.17); *per que nos vñemos a **salvaçon***. (CSM 415, v.4)
26. **Saudaçõn** (**saudaçion**) (Be, p.413; M., p.276) – *A mostra a **saudaçion*** (CSM 410, v.24); *Tan bñeyta foi a **saudaçõn*** (CSM 415, v.3)
27. **Suggeçon** (Be, p.413; M, p.294) – *está; por que vos toste de **suggeçon*** (CSM 265, v.93)
28. **Tentaçon** (Be, p.413) – *os guarde e do diab' e de sas **tentações***. (CSM 85, v.64); *contra o diabo e sas **tentações***. (CSM 145, v.73); *e que os guarda do dom' e l de sas maas **tentações***. (CSM 199, v.50); *a que punnou o diabo l de meter en **tentaçon***, (CSM 206, v.7); *guarda-lo-à do demo l e de sa **tentaçon***. (CSM 284, v.4); *roga por nos a seu Fillo l que nos de sa **tentaçon*** (CSM 378, v.18)
29. **Traiçon** (**trayçon/ trahyçon**) (Be, p.413) – *fez aquesta **trayçon***, (CSM 3, v.26); *mai-la santa dona, quando ll' oyu dizer tal **trayçon***, (CSM 5, v.36); *sacaron-ll' os ollos a gran **traiçon***. (CSM 138, v.20); *Johan Damascen' aquesta **traiçon*** (CSM 265, v.98); *me guarda do diabo l chõ de **traiçon***”. (CSM 284, v.43); *e do demo chõ de **trahyçon***, (CSM 414, v.47)
30. **Trebolaçon** (Be, p.412; M, p.308) – *sofrendo frio e fame l e muitas **trebolações***. (CSM 305, v.28)

31. **Vocaçon** (Be, p. 413; M, p.322) – *monges e que de San Pedro | avian a vocaçon.* (CSM 14, v.14)

Terminados em *-mento*

1. **Acorrimento** (Be, p.405; M, p.6) – *dos que queren perfiar | sen aver acorrimentos.* (CSM 33, v.45)
2. **Atrevemento** (Be, p.405; M, p.35); **Atrevimento** (M, p.35) – *quem contra Santa Maria filla atrevemento.* (CSM 34, v.4) [T To **atrevimento**]
3. **Assessegamento** (M, p.30) – *e demais que seremos | vosqu' en assessegamento* (CSM 386, v.27)
4. **Avondamento** (Be, p.405; M, p.37) – *d'oyo semellança | correu daquela omage grand' avondamento,* (CSM 34, v.37)
5. **Bastimento** (Be, p. 405, M, p.40) – *tormenta levantar | se foi, que os bastimentos | da nave ouv' a britar* (CSM 33, v.18)
6. **Casamento** (M, p.55) – *foi-lles pedir | sa filla por casamento* (CSM 125, v.70); *E do que lle mais falavan... era de como ll'achavan | casament', e que casasse* (CSM 132, v.48); como Santa Maria juntou o casamento dun menço e dña mença (CSM 135, v.1[T])
7. **Castigamento** (Be, p.405; M, p.55) – *Loemos seu cousimento, | conssell' e castigamento,* (CSM 140, v.20)
8. **Comprimento** (Be, p.405) – *e en bon logar a (omagen) pos e fez-lhe comprimento | de quant' ouve de fazer por aver salvamento;* (CSM 34, v.32); *e per que mui ben vivessen | lles daria comprimento,* (CSM 45, v.33)
9. **Cousimento** (Be, p.405; M, p.80) – *quen per ela fiar, | valer-ll-na seus cousimentos* (CSM 33, v.69); *e loaron muit' a Virgen | por aqeste cousimento* (CSM 55, v.77); *Loemos seu cousimento, conssell' e castigamento,* (CSM 140, v.19); *do tempo; mas a Virgen por seu cousimento* (CSM 141, v.48); *e aquel monge lles disse: | "Sennores, por cousimento* (CSM 384, v.57)
10. **Defendimento** (M, p.91) – *Como seu filio foi em romaria a Santa Maria d'Albeza contra defendimento de as madre.* (CSM 146, (M))
11. **Delongamento** (Be, p.405) – *e des que foron en Acre, | sen outro delongamento | foron ver o Sepulcro* (CSM 383, v.28)
12. **Departimento** (M, p.94) – *do departimento qu á entre Av' e Eva.* (CSM 60, v.1)
13. **Descousimento** (M, p.99) – *maldade nem crueza | nen descousimento nunca lle praz.* (CSM 105, v.6)

14. **Detêemento** (Be, p.405; M, p.103) – *Que passou o mar en salvo | sen neun detêemento, | ca enquanto per el foron sempr' ouveron muy bom vento* (CSM 383, v.26)
15. **Erdamento (Herdamento)** (M, p.125) – *a carta do herdamento* (CSM 48, M); como um ric-ome pidia un herdamento al Rey que lle avia a dar por outro que lle filiara (CSM 382, v.1)
16. **Ensinamento (Enssinamento)** (Be, p.405; M, p. 121) – *que um dos seus ensinamentos los quisess'acostumar, | que non podessen errar* (CSM 33, v.74) *foi, un crischão enton con bon enssinamento | a omagem foi sacar do lugar balorento* (CSM 34, v.22); *Loemos seu cousimento, | conssell' e castigamento | seu bem, seu enssinamento* (CSM 140, v.21)
17. **Entallamento** (M, p. 122) – *Aquel maestr'a omagem fezo mui bem entallada | em semellança da Virgen santa benaventurada, | ben feita d'entallamento e depois mui ben pintada.* (CSM 312, v. 27).
18. **Entendimento (Entendemento)** (Be, p.405; M, p.122) – *porque trobar é cousa en que jaz | entendimento* (B, v.4); *a Virgen, Madre de Deus, por dar entendimento* (CSM 34, v.7); – *per bõo entendemento* (CSM 320, v.32); *mui cegu' é d'entendimento o que aquesto non vee* (CSM 297, v.13)
19. **Enterramento** (Be, p.405) – *e [y] ouv' enterramento | na praça ervosa.* (CSM 195, v.108)
20. **Falimento** (Be, p.405; M. p.138) – *nen fizessen falimentos.* (CSM 33, v.77); *des i assentous-ss' aly e fez gran falimento;* (CSM 34, v.17); *serviu de grado | a Virgem Santa Maria sen faliment e sen erra* (CSM 193, v.63)
21. **Firmamento** (Be, p.405; M. p. 147) – *E u as estrelas | caeren do firmamento,* (CSM 422, v.49)
22. **Fondamento (fundamento)** (Be, p.405) – *be até nos fundamentos.* (CSM 33, v.37); *e tragiam muitas pedras | pera fazer fundamentos;* (CSM 358, v.12)
23. **Mandamento** (Be, p.405; M, p. 183) – *que seus suon* os mandamentos.* (CSM 33, v.13); *o mund' en seu mandamento;* (CSM 94, v.111); *britand' o mandamento,* (CSM 320, v.30); *Cousa, e non pesades | de Deus seu mandamento,* (CSM 411, v.110)
24. **Merecimento** (Be, p.405; M, p. 194) – *me quis por merecimentos* (CSM 33, v.66)
25. **Mõestamento** (Be, p.405, M, p.197) – *Pois que o preste viu que mõestamento | non lle valia ren* (CSM 65, v.20)
26. **Mudamento** (Be, p.405, M, p. 201) – *aquel que perigoar | viran enos mudamentos* (CSM 33, v.54); *sol nono connocian pelo mudamento* (CSM 141, v.47)
27. **Ordñamento / Ordinamento** (M, p. 215) – *como Santa Maria deu aa monja o ordinamento como rezasse cada dia* (CSM 71 (M)); *gran crerizia | e grand'ordñamento esta dona avia* (CSM 285, v.11)

28. **Pensamento (Pensamentos)** (Be, p.405; M. p.228) – *o mar viu, seus pensamentos* (CSM 33, v.26)
29. **Perdimento** (Be, p.405; M. p.231) – *mas o demo o matou, e foi a **perdimento***. (CSM 34, v.18)
30. **Renenbramento** (Be, p.405; M, p.264) – *que ficasse deste feito por **renenbramento***. (CSM 34, v.38)
31. **Sagramento** (M, p.271) – *como un preste aleiman dultava do **Sagramento de Deus*** (CSM 149, v.1)
32. **Salvamento** (Be, p.405; M, p.273) – *de quant' ouve de fazer por haver **salvamento***. (CSM 34, v.33)
33. **Tardamento** (Be, p.405; M, p.296) – *lles fosse sen **tardamentos***, (CSM 33, v.58); *e id' a vossa casa | logo sen **tardamento***; (CSM 411, v.111)
34. **Testamento** (Be, p.405; M. p.301) – *E porend' eu vos consello | que façades **testamento*** (CSM 75, v.38)
35. **Torneamento** (Be, p.405; M, p.305) – *o cavaleiro que morreu no **torneamento***, (CSM 195, v.105)

Apêndice C

Lista original das palavras terminadas em *-ção* no PB (*-são; -ssão*) gerada pelo Antcon 3.2.1

Definição dos termos usados no programa

Rank.: posição da palavra na hierarquia de ocorrências.

Freq.: número de vezes que a palavra ocorre.

Keyness: índice de comparação de frequências em um *corpus* de referência.

Keyword: palavra encontrada no *corpus*.

Rank	freq	keyness	keyword
1	14336	44811.733	são
2	4101	18529.188	comissão
3	3772	17631.384	expressão
4	3001	14502.386	impressão
5	2668	12004.538	pressão
6	2302	11016.327	missão
7	2335	10814.368	discussão
8	4201	10125.563	ação
9	3864	9304.668	produção
10	3722	8975.607	relação
11	3724	8974.306	situação
12	3332	8029.770	coração
13	1587	7574.396	profissão
14	1497	7066.249	sessão
15	2876	6943.652	direção
16	2734	6581.616	população
17	2640	6360.583	posição
18	2315	5608.942	educação
19	2322	5589.015	atenção
20	1088	5217.999	sucessão
21	2114	5102.562	administração
22	1986	4790.048	construção
23	1961	4752.057	formação
24	1940	4707.758	criação
25	1951	4705.933	solução
26	1907	4608.761	organização
27	1882	4545.002	função
28	1068	4506.931	decisão
29	995	4424.115	transmissão

30	1763	4255.339	revolução
31	883	4043.796	concessão
32	1670	4023.278	nação
33	1594	3845.514	participação
34	877	3714.036	televisão
35	1421	3466.789	constituição
36	717	3317.532	depressão
37	1326	3194.101	operação
38	1273	3146.480	civilização
39	1269	3062.000	condição
40	791	3058.662	repressão
41	1227	2973.340	evolução
42	1188	2900.694	estação
43	1177	2837.230	associação
44	1174	2831.242	informação
45	1164	2807.209	eleição
46	571	2686.544	confissão
47	1004	2675.289	visão
48	1108	2668.961	tradição
49	1102	2658.205	comunicação
50	1089	2629.410	oposição
51	1088	2624.559	preocupação
52	548	2573.043	repercussão
53	1067	2569.206	reação
54	1052	2540.489	sensação
55	517	2482.556	procissão
56	984	2375.842	proteção
57	981	2374.768	redução
58	981	2372.311	distribuição
59	969	2339.793	aplicação
60	931	2247.244	realização
61	490	2228.209	recessão
62	459	2166.767	demissão
63	887	2141.500	geração
64	448	2140.324	agressão
65	863	2081.374	disposição
66	433	2051.872	permissão

67	475	1995.508	prisão
68	777	1947.914	ficção
69	788	1904.802	execução
70	787	1896.280	concentração
71	735	1834.130	coleção
72	760	1831.391	explicação
73	751	1814.656	seleção
74	753	1813.348	intenção
75	745	1801.463	exploração
76	748	1800.113	utilização
77	397	1774.955	emissão
78	726	1765.670	inflação
79	703	1699.299	manutenção
80	678	1633.100	exposição
81	671	1622.396	atuação
82	666	1607.927	observação
83	648	1588.226	introdução
84	657	1587.523	integração
85	648	1559.782	alimentação
86	641	1549.071	orientação
87	640	1546.668	emoção
88	635	1534.652	avaliação
89	603	1519.992	inserção
90	621	1498.556	instituição
91	621	1496.112	fundação
92	607	1473.517	legislação
93	601	1460.335	nutrição
94	603	1451.633	imaginação
95	599	1444.461	transformação
96	595	1437.295	definição
97	596	1436.029	competição
98	591	1422.793	representação
99	294	1421.514	obsessão
100	588	1414.365	porção
101	586	1411.996	contribuição
102	580	1398.798	composição
103	582	1398.729	edição

104	576	1392.860	circulação
105	297	1362.911	opressão
106	300	1360.728	omissão
107	560	1350.732	implantação
108	559	1348.329	obrigação
109	557	1344.746	declaração
110	553	1332.687	satisfação
111	554	1332.653	concepção
112	551	1330.326	apresentação
113	365	1326.038	divisão
114	545	1313.461	ligação
115	534	1303.060	instalação
116	535	1294.327	noção
117	534	1287.025	federação
118	523	1281.632	coordenação
119	516	1247.438	destruição
120	314	1245.512	conclusão
121	515	1245.035	recuperação
122	515	1240.142	exceção
123	507	1236.937	votação
124	511	1228.094	fabricação
125	499	1210.275	conceição
126	499	1202.909	respiração
127	491	1186.130	determinação
128	491	1183.683	classificação
129	490	1181.280	cooperação
130	490	1181.280	interpretação
131	474	1156.397	poluição
132	475	1147.678	manifestação
133	476	1145.194	intervenção
134	336	1126.626	expansão
135	467	1123.564	ocupação
136	464	1118.794	proporção
137	460	1117.789	aprovação
138	248	1112.623	submissão
139	460	1109.181	separação
140	449	1082.745	colaboração

141	445	1076.808	duração
142	239	1074.060	supressão
143	443	1072.002	consideração
144	444	1071.951	corrupção
145	437	1063.759	investigação
146	240	1063.611	compressão
147	441	1061.078	exportação
148	228	1053.817	progressão
149	427	1033.550	redação
150	429	1031.022	opção
151	413	1009.826	diminuição
152	413	1007.331	elevação
153	418	1005.802	lição
154	415	1001.033	afirmação
155	403	1001.004	natação
156	394	950.564	correção
157	390	938.509	identificação
158	386	928.896	seção
159	377	917.097	fiscalização
160	378	917.026	programação
161	380	914.476	convicção
162	378	913.336	reprodução
163	370	891.663	convenção
164	368	889.303	conservação
165	367	888.128	oração
166	368	886.856	elaboração
167	366	884.497	penetração
168	364	876.023	admiração
169	238	875.814	compreensão
170	359	866.449	inspiração
171	359	862.790	colocação
172	355	854.393	adaptação
173	353	850.807	substituição
174	347	840.064	infecção
175	347	838.835	vocação
176	344	827.957	preparação
177	341	821.967	distinção

178	336	813.628	indicação
179	338	813.537	movimentação
180	338	812.320	salvação
181	334	806.367	ampliação
182	332	797.900	promoção
183	327	794.468	transição
184	327	787.101	vegetação
185	316	780.580	assunção
186	323	778.708	remoção
187	323	777.488	localização
188	321	775.124	preservação
189	177	773.556	percussão
190	320	771.498	iluminação
191	316	764.335	alteração
192	224	757.952	extensão
193	313	757.125	resolução
194	313	755.898	compensação
195	311	753.549	publicação
196	309	748.742	liberação
197	310	746.245	aproximação
198	309	745.062	acusação
199	307	739.035	irrigação
200	302	729.462	canção
201	302	728.238	importação
202	301	725.835	revelação
203	302	725.801	deformação
204	300	723.432	colonização
205	300	722.211	combinação
206	299	718.591	comparação
207	298	717.405	industrialização
208	295	712.639	modernização
209	185	709.348	dimensão
210	293	707.833	libertação
211	291	706.720	renovação
212	290	701.851	prestação
213	292	701.768	demonstração
214	290	699.399	aceitação

215	172	696.264	confusão
216	288	694.592	atração
217	176	693.871	previsão
218	288	693.372	eliminação
219	285	686.162	significação
220	192	678.832	revisão
221	279	677.883	prevenção
222	281	677.769	traição
223	281	676.549	bênção
224	279	675.415	invenção
225	164	669.805	explosão
226	276	666.978	extinção
227	277	666.935	habitação
228	277	665.718	gestação
229	271	652.516	arrecadação
230	270	650.112	instrumentação
231	270	648.895	obtenção
232	264	643.077	negociação
233	266	642.945	aquisição
234	175	637.684	versão
235	265	636.878	descrição
236	264	634.475	navegação
237	260	632.224	variação
238	262	630.886	divulgação
239	262	630.886	perfeição
240	260	626.079	irritação
241	250	610.682	autorização
242	247	602.227	radiação
243	249	599.643	adoção
244	249	598.425	absorção
245	165	595.734	suspensão
246	244	586.409	comercialização
247	243	584.005	ambição
248	240	576.795	agitação
249	238	574.428	inauguração
250	239	574.392	adubação
251	237	569.586	instrução

252	236	567.182	remuneração
253	231	565.030	recepção
254	233	559.972	percepção
255	230	555.202	valorização
256	229	554.025	articulação
257	228	550.395	consolidação
258	228	547.956	decoreação
259	225	541.963	confederação
260	116	539.786	admissão
261	221	537.267	convocação
262	221	534.799	condução
263	221	532.350	modificação
264	212	530.876	subordinação
265	219	529.993	privatização
266	215	519.153	contaminação
267	215	519.153	repetição
268	215	517.930	dedicação
269	132	510.543	pensão
270	211	509.540	punição
271	211	508.317	inscrição
272	208	507.270	tradução
273	203	491.541	delegação
274	203	490.314	rotação
275	201	483.066	tentação
276	197	482.088	negação
277	199	481.929	contradição
278	199	481.929	fixação
279	126	476.874	precisão
280	197	474.671	continuação
281	193	471.227	dominação
282	195	471.088	indignação
283	104	469.482	regressão
284	195	468.646	perseguição
285	193	463.840	denominação
286	193	463.840	ração
287	99	462.354	remissão
288	190	461.534	discriminação

289	192	461.436	expedição
290	187	449.420	aflição
291	187	449.420	menção
292	185	448.284	documentação
293	184	444.652	sustentação
294	184	443.428	repartição
295	182	441.074	precipitação
296	181	437.442	proibição
297	179	436.341	mobilização
298	180	432.597	confirmação
299	179	431.412	refeição
300	179	430.193	condenação
301	174	426.829	excitação
302	118	426.545	fusão
303	175	424.252	decepção
304	165	423.500	hospitalização
305	175	423.022	contração
306	175	421.798	devoção
307	144	419.126	tensão
308	171	414.640	apreciação
309	170	411.006	especulação
310	169	407.379	intuição
311	168	403.757	reeleição
312	166	401.393	apuração
313	162	395.493	conversação
314	164	395.362	recomendação
315	157	394.990	prospecção
316	163	394.183	contratação
317	164	394.144	imposição
318	164	394.144	inquietação
319	164	394.144	munição
320	163	392.959	interrupção
321	158	389.655	regulamentação
322	161	388.152	formulação
323	161	386.934	humilhação
324	159	383.346	qualificação
325	157	382.234	inclinação

326	158	382.167	abolição
327	157	379.764	aspiração
328	158	379.724	nomeação
329	152	370.219	rejeição
330	133	369.055	invasão
331	153	368.926	correlação
332	153	367.707	especialização
333	92	365.497	ilusão
334	151	364.119	acumulação
335	149	359.313	prostituição
336	148	355.691	exibição
337	147	353.287	extração
338	147	353.287	redenção
339	85	350.936	pretensão
340	146	350.884	infiltração
341	145	348.481	emancipação
342	144	347.296	mieção
343	138	345.484	tração
344	143	343.674	graduação
345	142	342.490	proliferação
346	142	341.271	constatação
347	141	340.086	motivação
348	140	337.683	mineração
349	140	337.683	reputação
350	139	336.506	exaltação
351	139	336.506	perfuração
352	140	336.464	gravação
353	140	336.464	secreção
354	139	335.280	inflamação
355	138	334.103	limitação
356	139	334.061	plantação
357	70	332.417	travessão
358	137	329.254	meditação
359	136	326.851	incorporação
360	136	326.851	restauração
361	130	324.985	desolação
362	135	324.447	detenção

363	135	324.447	manipulação
364	83	323.821	subversão
365	134	323.263	inovação
366	131	322.267	verificação
367	69	320.920	transgressão
368	133	320.860	reconstrução
369	132	319.684	iniciação
370	132	319.684	multiplicação
371	133	319.641	coloração
372	133	319.641	perturbação
373	131	316.053	confeção
374	131	314.834	saudação
375	130	313.650	reformulação
376	67	311.082	fissão
377	127	310.147	antecipação
378	127	310.147	contestação
379	129	310.028	sonegação
380	69	309.602	intromissão
381	127	308.903	frustração
382	128	308.844	projeção
383	128	307.624	interação
384	127	305.221	decomposição
385	127	305.221	estabilização
386	126	304.037	degradação
387	86	302.947	adesão
388	125	302.861	comemoração
389	126	302.818	afeição
390	126	302.818	racionalização
391	124	300.458	captação
392	124	299.230	designação
393	124	298.011	diferenciação
394	122	296.888	reivindicação
395	121	294.485	solicitação
396	122	294.424	paralisação
397	121	290.801	maldição
398	121	290.801	pregação
399	121	290.801	superação

400	59	285.297	possessão
401	118	283.591	fermentação
402	117	282.408	restrição
403	117	281.188	armação
404	117	281.188	mdenização
405	116	280.004	capacitação
406	115	278.830	vibração
407	115	277.601	urbanização
408	114	276.426	aviação
409	115	276.381	contemplação
410	109	275.916	benzeção
411	114	275.198	celebração
412	114	275.198	doação
413	113	274.023	abstração
414	114	273.978	conspiração
415	114	273.978	corporação
416	112	272.858	dilatação
417	113	271.575	maturação
418	112	269.171	embarcação
419	110	266.814	acomodação
420	111	266.768	hesitação
421	55	265.416	descompressão
422	109	264.411	coligação
423	110	264.365	recordação
424	109	263.181	isenção
425	71	262.929	evasão
426	109	261.961	apropriação
427	108	259.558	imitação
428	107	258.375	reposição
429	106	257.201	transação
430	107	257.155	marcação
431	107	257.155	precaução
432	107	257.155	proieção
433	105	254.798	alegação
434	67	253.624	ascensão
435	105	253.568	feição
436	65	250.679	inclusão

437	103	249.992	argumentação
438	104	249.945	migração
439	59	247.657	cessão
440	103	247.541	sedução
441	55	246.709	subcomissão
442	102	246.358	ilustração
443	102	245.138	aceleração
444	102	245.138	animação
445	98	244.292	licitação
446	101	243.955	aparição
447	100	242.783	desidratação
448	101	242.735	distração
449	101	242.735	equação
450	99	240.379	democratização
451	100	240.331	adição
452	100	240.331	experimentação
453	98	239.218	esterilização
454	58	238.963	aversão
455	99	237.928	evaporação
456	96	236.929	mspeção
457	61	232.368	apreensão
458	96	230.718	adequação
459	94	229.607	tripulação
460	95	228.315	citação
461	94	227.132	configuração
462	94	227.132	obturação
463	94	225.912	contenção
464	94	225.912	deposição
465	94	225.912	estruturação
466	92	222.326	ordenação
467	91	221.155	conciliação
468	91	221.155	reclamação
469	90	219.995	intoxicação
470	91	219.923	descentralização
471	91	218.702	imigração
472	91	218.702	indagação
473	91	218.702	retenção

474	63	216.932	exclusão
475	89	216.349	proclamação
476	90	216.298	provocação
477	88	213.946	discrição
478	88	213.946	tramitação
479	88	212.713	audição
480	88	211.492	arrumação
481	88	211.492	assimilação
482	88	211.492	peregrinação
483	88	211.492	reparação
484	86	209.139	irradiação
485	84	208.109	medição
486	86	207.906	devolução
487	86	206.685	complicação
488	86	206.685	medicação
489	86	206.685	menstruação
490	85	205.503	jurisdição
491	49	204.245	excursão
492	83	201.930	liquidação
493	83	201.930	proposição
494	84	201.878	caracterização
495	84	201.878	ressurreição
496	83	200.697	congregação
497	83	200.697	dissolução
498	83	200.697	unção
499	82	199.527	deliberação
500	83	199.475	centralização
501	83	199.475	encarnação
502	80	198.504	alienação
503	82	198.293	intensificação
504	81	197.124	estagnação
505	82	197.072	excreção
506	81	194.668	povoação
507	81	194.668	sinalização
508	80	192.265	diversificação
509	80	192.265	globalização
510	80	192.265	prorrogação

511	80	192.265	secção
512	77	190.024	inibição
513	78	189.915	socialização
514	79	189.862	germinação
515	79	189.862	resignação
516	79	189.862	unificação
517	78	187.459	guarnição
518	77	186.277	cassação
519	76	185.109	sofisticação
520	76	182.652	consagração
521	76	182.652	inquisição
522	67	182.645	difusão
523	75	181.471	insatisfação
524	75	181.471	oxidação
525	75	180.249	transposição

Apêndice D

**Lista original das palavras terminadas em *-mento* no PB
gerada pelo Antcon 3.2.1**

Definição dos termos usados no programa

Rank.: posição da palavra na hierarquia de ocorrências.

Freq.: número de vezes que a palavra ocorre.

Keyness: índice de comparação de frequências em um *corpus* de referência.

Keyword: palavra encontrada no *corpus*.

Rank	freq	keyness	keyword
1	5577	18018.113	momento
2	3923	12674.387	desenvolvimento
3	3108	10041.294	tratamento
4	2984	9640.676	movimento
5	2097	6774.966	conhecimento
6	1919	6199.885	aumento
7	1834	5925.268	pensamento
8	1691	5463.265	crescimento
9	1439	4649.106	casamento
10	1111	3589.407	apartamento
11	1063	3434.329	comportamento
12	1040	3360.021	instrumento
13	1029	3324.482	pagamento
14	1005	3246.943	sentimento
15	816	2636.324	elemento
16	779	2516.785	orçamento
17	762	2461.862	departamento
18	706	2280.937	funcionamento
19	698	2255.091	documento
20	657	2122.629	sofrimento
21	655	2116.167	nascimento
22	640	2067.705	atendimento
23	581	1877.089	investimento
24	577	1864.166	comprimento
25	550	1776.934	reconhecimento
26	497	1605.702	entendimento

27	447	1444.163	alimento
28	447	1444.163	aparecimento
29	442	1428.009	estabelecimento
30	423	1366.624	treinamento
31	415	1340.778	lançamento
32	405	1308.470	financiamento
33	403	1302.008	levantamento
34	400	1292.316	cumprimento
35	385	1243.854	depoimento
36	383	1237.392	cimento
37	373	1205.084	procedimento
38	366	1182.469	equipamento
39	364	1176.007	aproveitamento
40	363	1172.777	abastecimento
41	350	1130.776	relacionamento
42	332	1072.622	acontecimento
43	330	1066.161	rendimento
44	287	927.237	argumento
45	258	833.544	segmento
46	257	830.313	surgimento
47	251	810.928	isolamento
48	247	798.005	saneamento
49	241	778.620	aperfeiçoamento
50	239	772.159	parlamento
51	236	762.466	fundamento
52	230	743.082	escoamento
53	227	733.389	fornecimento
54	224	723.697	desaparecimento
55	224	723.697	regimento
56	220	710.774	empreendimento
57	217	701.081	planejamento
58	216	697.851	acampamento
59	208	672.004	juízo
60	205	662.312	andamento

61	205	662.312	temperamento
62	204	659.081	envolvimento
63	204	659.081	fortalecimento
64	198	639.696	pronunciamento
65	194	626.773	fechamento
66	190	613.850	deslocamento
67	182	588.004	esquecimento
68	180	581.542	afastamento
69	178	575.081	aquecimento
70	177	571.850	acompanhamento
71	169	546.003	processamento
72	169	546.003	subdesenvolvimento
73	166	536.311	medicamento
74	165	533.080	regulamento
75	163	526.619	constrangimento
76	158	510.465	policimento
77	149	481.388	renascimento
78	146	471.695	cruzamento
79	142	458.772	monumento
80	140	452.311	incremento
81	138	445.849	ferimento
82	137	442.618	povoamento
83	135	436.157	testamento
84	133	429.695	requerimento
85	132	426.464	encerramento
86	131	423.233	faturamento
87	125	403.849	relaxamento
88	124	400.618	detrimento
89	124	400.618	estacionamento
90	124	400.618	lamento
91	121	390.926	esclarecimento
92	121	390.926	suprimento
93	119	384.464	suplemento
94	117	378.002	rompimento

95	115	371.541	aprimoramento
96	113	365.079	arrependimento
97	111	358.618	sacramento
98	110	355.387	acabamento
99	109	352.156	encaminhamento
100	107	345.694	enriquecimento
101	103	332.771	experimento
102	101	326.310	agradecimento
103	100	323.079	recolhimento
104	98	316.617	sarmento
105	98	316.617	tralamento
106	96	310.156	revestimento
107	95	306.925	divertimento
108	95	306.925	envelhecimento
109	92	297.233	recebimento
110	91	294.002	contentamento
111	90	290.771	prolongamento
112	88	284.309	pressentimento
113	88	284.309	ressentimento
114	87	281.079	encantamento
115	86	277.848	restabelecimento
116	83	268.156	descobrimento
117	81	261.694	agravamento
118	81	261.694	congelamento
119	79	255.232	alargamento
120	79	255.232	complemento
121	79	255.232	desconhecimento
122	79	255.232	ensinamento
123	79	255.232	prosseguimento
124	77	248.771	comprometimento
125	75	242.309	endividamento
126	75	242.309	impedimento
127	74	239.078	calçamento
128	74	239.078	consentimento

129	74	239.078	descontentamento
130	69	222.924	desdobramento
131	69	222.924	fragmento
132	68	219.694	adiamento
133	67	216.463	posicionamento
134	66	213.232	pavimento
135	66	213.232	recrutamento
136	65	210.001	preenchimento
137	64	206.771	armazenamento
138	63	203.540	alongamento
139	63	203.540	amadurecimento
140	63	203.540	fermento
141	63	203.540	fomento
142	62	200.309	destacamento
143	61	197.078	esgotamento
144	60	193.847	carregamento
145	60	193.847	condicionamento
146	60	193.847	enfraquecimento
147	60	193.847	mandamento
148	59	190.617	entretenimento
149	59	190.617	planejamento
150	58	187.386	desprendimento
151	58	187.386	esvaziamento
152	58	187.386	pigmento
153	56	180.924	atrevimento

Apêndice E

**Lista de palavras terminadas em *-çon* no PA separadas por
tipos de processos morfofonológicos**

	Justaposição	
	Nome	Verbo de origem
Primeira Conjugação	acusaçon	acusar
	colaçon	colar
	criaçõn	criar
	descomungaçon	descomungar
	encarnaçon	encarnar
	escantaçon	escantar
	estremaçon	estremar
	inchaçon	inchar
	oblaçon	oblar (obrar)
	oraçon	orar
	salvaçon	salvar
	saudaçõn	saudar
	tentaçon	tentar
	trebolaçon	trebolar
	vocaçon	vocar

	Haplologia	
	Nome	Verbo de Origem
Primeira conjugação	Devoçon	devotar
	entençon (tenson)	entençar
Segunda conjugação	Acensson	acender
	bēeiçon	beëizer
	offereçon (offeriçon, ofreçon)	offerecer
Terceira conjugação	Onçon	ongir
	suggeçon	suggerir

	Haplologia + Alomorfia do Radical	
	Nome	Verbo de Origem
Primeira Conjugação	Confisson	confessar
	Profisson	profetar
Segunda Conjugação	Procisson (precisson/procession)	proceder
	Promisson	prometer

Alomorfa da Vogal Temática		
	Nome	Verbo de Origem
Segunda Conjugação	Esleyçon	esleer
	Perdiçon	perder
	traicon (trayçon/ trahyçon)	traer
Terceira Conjugação	Perseguçon	perseguir

Fusão de Vogais		
	Nome	Verbo de Origem
Terceira Conjugação	Remisson	remñir

Apêndice F

**Lista de palavras terminadas em *-mento* no PA separadas por
tipos de processos morfofonológicos**

Justaposição		
	Nome	Verbo de origem
Primeira Conjugação	Assessegamento	Assessegar
	Avondamento	Avondar
	Casamento	Casar
	Castigamento	Castigar
	Delongamento	Delongar
	Entallamento	Entallar
	Enssinamento (Ensinamento)	Enssinar (Ensinar)
	Enterramento	Enterrar
	Erdamento (Herdamento)	Erdar
	Firmamento	Firmar
	Fondamento (fundamento)	Fondar-se
	Mandamento	Mandar
	Mõestamento	Mõestar
	Mudamento	Mudar
	<u>Ordñamento</u> (ordinamento)	Ordñar
	Pensamento (Penssamento)	Pensar
	Renembramento	Renembrar
	Sagramento	Sagrar
	Salvamento	Salvar
	Tardamento	Tardar
Testamento	Testar	
Torneamento	Tornear	
Segunda Conjugação	Detẽmento	Detẽer
Terceira Conjugação	Bastimento	Bastir
	Comprimento	Comprir
	Cousimento	Cousir
	Descousimento	Descousir (Des+cousir)
	Departimento	Departir
	Falimento	Falir

Alomorfia da Vogal Temática		
	Nome	Verbo de Origem
Segunda Conjugação	Acorrimento	Acorrer
	Atrevimento (Atrevedimento)	Atrever-se
	Defendimento	Defender
	Entendimento (Entendemento)	Entender
	Merecimento	Merecer
	Perdimento	Perder

Apêndice G

**Lista de palavras terminadas em *-ção* no PB separadas por
tipos de processos morfofonológicos**

	Justaposição	
	Nome	Verbo de origem
Primeira Conjugação	Aceitação	aceitar
	Aceleração	acelerar
	Acomodação	acomodar
	Acumulação	acumular
	Acusação	acusar
	Adaptação	adaptar
	Adequação	adequar
	Administração	administrar
	Admiração	admirar
	Adubação	adubar
	Afirmação	afirmar
	Alegação	alegar
	Alienação	alienar
	Alimentação	alimentar
	Alteração	alterar
	Ampliação	ampliar
	Animação	animar
	Antecipação	antecipar
	Aplicação	aplicar
	Apreciação	apreciar
	Apresentação	apresentar
	Apropriação	apropriar
	Aprovação	aprovar
	Aproximação	aproximar
	Apuração	apurar
	Argumentação	argumentar
	Armação	armar
	Arrecadação	arrecadar
	Arrumação	arrumar
	Articulação	articular
	Aspiração	aspirar
	Assimilação	assimilar
	Associação	associar
	Atuação	atuar
	Autorização	autorizar
	Avaliação	avaliar
	Capacitação	capacitar
	Captação	captar
	Caracterização	caracterizar
	Cassação	cassar
	celebração	celebrar
	centralização	centralizar

	circulação	circular
	citação	citar
	civilização	civilizar
	classificação	classificar
	colaboração	colaborar
	coligação	coligar
	colocação	colocar
	colonização	colonizar
	coloração	colorar/colorir
	combinação	combinar
	comemoração	comemorar
	comercialização	comercializar
	comparação	comparar
	compensação	compensar
	complicação	complicar
	comunicação	comunicar
	concentração	concentrar
	conciliação	conciliar
	condenação	condenar
	confederação	confederar
	configuração	configurar
	confirmação	confirmar
	congregação	congregar
	consagração	consagrar
	conservação	conservar
	consideração	considerar
	consolidação	consolidar
	conspiração	conspirar
	constatação	constatar
	contaminação	contaminar
	contemplação	contemplar
	contestação	contestar
	continuação	continuar
	contratação	contratar
	conversaço	conversar
	convocação	convocar
	cooperação	cooperar
	coordenação	coordenar
	criação	criar
	declaração	declarar
	decoreção	decorar
	dedicação	dedicar
	deformação	deformar
	Degradação	degradar
	Delegação	delegar

	Deliberação	deliberar
	Democratização	democratizar
	Demonstração	demonstrar
	denominação	denominar
	Descentralização	descentralizar
	Desidratação	desidratar
	Designação	designar
	Desolação	desolar
	Determinação	determinar
	Diferenciação	diferenciar
	Dilatação	dilatar
	Discriminação	discriminar
	Diversificação	diversificar
	Divulgação	divulgar
	Doação	doar
	Documentação	documentar
	Dominação	dominar
	Duração	durar
	Educação	educar
	Elaboração	elaborar
	Elevação	elevar
	Eliminação	eliminar
	Emancipação	emancipar
	Embarcação	embarcar
	Encarnação	encarnar
	Especialização	especializar
	Especulação	especular
	Estabilização	estabilizar
	Estagnação	estagnar
	Esterilização	esterilizar
	Estruturação	estruturar
	Evaporação	evaporar
	Exaltação	exaltar
	Excitação	excitar
	Experimentação	experimentar
	Explicação	explicar
	Exploração	explorar
	Exportação	exportar
	Fabricação	fabricar
	Federação	federar
	Fermentação	fermentar
	Fiscalização	fiscalizar
	fixação	fixar
	formação	formar

	formulação	formular
	frustração	frustrar
	fundação	fundar
	geração	gerar
	germinação	germinar
	gestação	gestar
	globalização	globalizar
	graduação	graduar
	gravação	gravar
	habitação	habitar
	hesitação	hesitar
	hospitalização	hospitalizar
	humilhação	humilhar
	identificação	identificar
	iluminação	iluminar
	ilustração	ilustrar
	imaginação	imaginar
	imigração	imigrar
	imitação	imitar
	implantação	implantar
	importação	importar
	inauguração	inaugurar
	inclinação	inclinar
	incorporação	incorporar
	indagação	indagar
	indicação	indicar
	indignação	indignar
	industrialização	industrializar
	infecção	infectar
	infiltração	infiltrar
	inflamação	inflamar
	inflação	inflar
	informação	informar
	iniciação	iniciar
	inovação	innovar
	inquietação	inquieter
	inspiração	inspirar
	instalação	instalar
	instrumentação	instrumentar
	integração	integrar
	intensificação	intensificar
	interpretação	interpretar
	intoxicação	intoxicar
	Investigação	investigar
	Irradiação	irradiar

	Irrigação	irrigar
	Irritação	irritar
	Legislação	legislar
	Liberação	liberar
	Licitação	licitar
	Ligação	ligar
	Limitação	limitar
	Liquidação	liquidar
	Localização	localizar
	Manifestação	manifestar
	Manipulação	manipular
	Marcação	marcar
	Maturação	maturar
	Medicação	medicar
	Meditação	meditar
	Migração	migrar
	Mineração	minerar
	Mobilização	mobilizar
	Modernização	modernizar
	Modificação	modificar
	Motivação	motivar
	Movimentação	movimentar
	Navegação	navegar
	Negação	negar
	Negociação	negociar
	Nomeação	nomear
	Obrigaçào	obrigar
	Observação	observar
	Obturaçào	obturar
	Ocupação	ocupar
	Operação	operar
	Oração	orar
	Ordenação	ordenar
	Organização	organizar
	Orientação	orientar
	Oxidação	oxidar
	Paralisação	paralisar
	Participação	participar
	Penetração	penetrar
	Peregrinação	peregrinar
	Perfuração	perfurar
	Perturbação	perturbar
	Plantação	plantar
	povoação	povoar
	precipitação	precipitar

	precisão	precisar
	pregação	pregar
	preocupação	preocupar
	preparação	preparar
	preservação	preservar
	prestação	prestar
	privatização	privatizar
	proclamação	proclamar
	programação	programar
	proliferação	proliferar
	prorrogação	prorrogar
	provocação	provocar
	qualificação	qualificar
	racionalização	racionalizar
	radiação	radiar
	realização	realizar
	reclamação	reclamar
	recomendação	recomendar
	recordação	recordar
	recuperação	recuperar
	reformulação	reformular
	regulamentação	regulamentar
	reivindicação	reivindicar
	remuneração	remunerar
	renovação	renovar
	reparação	reparar
	representação	representar
	reputação	reputar
	resignação	resignar
	respiração	respirar
	restauração	restaurar
	revelação	revelar
	rotação	rotar
	salvação	salvar
	saudação	saudar
	separação	separar
	significação	significar
	sinalização	sinalizar
	situação	situar
	socialização	socializar
	sofisticação	sofisticar
	solicitação	solicitar
	sonegação	sonegar
	Subordinação	subordinar
	Superação	superar

	Sustentação	sustentar
	Tentação	tentar
	Tramitação	tramitar
	Transação	transar
	Transformação	transformar
	Tripulação	tripular
	Unificação	unificar
	Urbanização	urbanizar
	Utilização	utilizar
	Valorização	valorizar
	Variação	variar
	Vegetação	vegetar
	Verificação	verificar
	Vibração	vibrar
	Votação	votar
Segunda Conjugação	Benzeção	benzer
	Contenção	conter
	Detenção	deter
	Intenção	intender
	Obtenção	obter
	Retenção	reter
Terceira Conjugação	abolição	abolir
	Adição	adir
	Competição	competir
	Constituição	constituir
	Contribuição	contribuir
	Definição	definir
	Destruição	destruir
	Diminuição	diminuir
	Distribuição	distribuir
	Exibição	exibir
	Expedição	expedir
	guarnição	guarnir
	inibição	inibir
	Instituição	instituir
	Intervenção	intervir
	Intuição	intuir
	Medição	medir
	Nutrição	nutrir
	Perseguição	perseguir
	Poluição	poluir
	Proibição	proibir
	Prostituição	prostituir
	punição	punir
	remissão	remir

	repartição	repartir
	repetição	repetir
	substituição	substituir
	traição	trair

Haplologia		
	Nome	Verbo de Origem
Primeira Conjugação	adoção	adotar
	audição	auditar
	canção	cantar
	colecção	coletar
	conceição	conceitar
	devoção	devotar
	edição	editar
	Excreção	excretar
	execução	executar
	expressão	expressar
	invenção	inventar
	isenção	isentar
	noção	notar
	obsessão	obcecar
	profissão	professar
	projeção	projetar
	prospecção	prospectar
	rejeição	rejeitar
	relação	relatar
	revisão	revisar
	Secreção	secretar
	transição	transitar
Segunda Conjugação	apreensão	apreender
	ascensão	ascender
	atenção	atender
	aversão	avertir
	bênção	benzer
	cessão	ceder
	compreensão	compreender
	concessão	conceder
	contradição	contradizer
	extensão	estender
	insatisfação	insatisfazer
	maldição	maldizer

	pensão	pende
	pretensão	pretender
	proteção	proteger
	satisfação	satisfazer
	subversão	subverter
	sucessão	suceder
	suspensão	suspender
	versão	verter
	ação	agir
	adesão	aderir
Terceira Conjugação	admissão	admitir
	aflição	afligir
	agressão	agredir
	condução	conduzir
	confusão	confundir
	decisão	decidir
	demissão	demitir
	difusão	difundir
	discussão	discutir
	divisão	dividir
	emissão	emitir
	evasão	evadir
	expansão	expandir
	explosão	explodir
	usão	fundir
	ilusão	iludir
	introdução	introduzir
	invasão	invadir
	omissão	omitir
	opção	optar
	percussão	percutir
	permissão	permitir
	produção	produzir
	progressão	progredir
	reação	reagir
	redução	reduzir
	regressão	regredir
	repercussão	repercutir
	reprodução	reproduzir
	sedução	seduzir
	tradução	traduzir
	transgressão	transgredir
	transmissão	transmitir

	unção	ungir
--	-------	-------

Haplologia + Alomorfa do Radical		
Nome	Verbo de Origem	
Primeira Conjugação	confissão	confessar
Segunda Conjugação	aparição	aparecer
	comissão	cometer
	intromissão	intrometer
	procissão	proceder
	subcomissão	(sub)cometer
	submissão	submeter

Supressão da Vogal Temática		
Nome	Verbo de Origem	
Terceira Conjugação	abstração	abstrair
	atração	atrair
	conclusão	concluir
	construção	construir
	contração	contrair
	distração	distrair
	evolução	evoluir
	exclusão	excluir
	extração	extrair
	inclusão	incluir
	inserção	inserir
	prevenção	prevenir
	reconstrução	reconstruir

Alomorfa da VT		
Segunda Conjugação (Verbo Por)	composição	compor
	decomposição	decompor
	deposição	depor
	Disposição	dispor

	Exposição	expor
	Imposição	impor
	Oposição	opor
	Posição	pôr
	Proposição	propor
	Reposição	repor
	Transposição	transpor

Apêndice H

**Lista de palavras terminadas em *-mento* no PB separadas por
tipos de processos morfofonológicos**

	Justaposição	
	Nome	Verbo de origem
Primeira Conjugação	Acabamento	acabar
	acampamento	acampar
	acompanhamento	acompanhar
	Adiamento	adiar
	Afastamento	afastar
	Agravamento	agravar
	Alargamento	alargar
	Alongamento	alongar
	Andamento	andar
	Aparecimento	aparecer
	Apartamento	apartar
	aperfeiçoamento	aperfeiçoar
	aprimoramento	aprimorar
	aproveitamento	aproveitar
	armazenamento	armazenar
	Calçamento	calçar
	carregamento	carregar
	Casamento	casar
	comportamento	comportar
	Comprimento	comprimentar
	condicionamento	condicionar
	congelamento	congelar
	contentamento	contentar
	Cruzamento	cruzar
	descobrimento	descobrir
	descontentamento	[des]contentar
	desdobramento	[des]dobrar
	deslocamento	deslocar
	destacamento	destacar
	Divertimento	divertir
	encaminhamento	encaminhar
	encantamento	encantar
	encerramento	encerrar
	endividamento	endividar
	Ensinoamento	ensinar
	Equipamento	equipar
	Escoamento	escoar
	Esgotamento	esgotar
	estacionamento	estacionar
	esvaziamento	esvaziar

	Faturamento	faturar
	Fechamento	fechar
	financiamento	financiar
	funcionamento	funcionar
	Isolamento	isolar
	Julgamento	julgar
	Lançamento	lançar
	levantamento	levantar
	Mandamento	mandar
	medicamento	medicar
	Pagamento	pagar
	Orçamento	orçar
	Pensamento	pensar
	Planejamento	planejar
	Policimento	policar
	posicionamento	posicionar
	Povoamento	povoar
	processamento	processar
	prolongamento	prolongar
	pronunciamento	pronunciar
	Recrutamento	recrutar
	Regulamento	regular
	relacionamento	relacionar
	Relaxamento	relaxar
	Sacramento	sacrar
	Saneamento	sanear
	temperamento	temperar
	Testamento	testamento
	Tratamento	tratamento
	Treinamento	treinamento
Terceira Conjugação	consentimento	consentir
	cumprimento	cumprir
	ferimento	ferir
	impedimento	impedir
	investimento	investir
	preenchimento	preencher
	pressentimento	pressentir
	prosseguimento	prosseguir
	ressentimento	ressentir
	revestimento	revestir
	segmento	seguir
	sentimento	sentir
	suprimento	suprir
	surgimento	surgir

Alomorfa da vogal temática		
	Nome	Verbo de origem
Segunda Conjugação	abastecimento	abastecer
	acontecimento	acontecer
	agradecimento	agradecer
	amadurecimento	amadurecer
	aquecimento	aquecer
	arrependimento	arrepender(se)
	atendimento	atender
	atrevimento	atrever(se)
	conhecimento	conhecer
	constrangimento	constranger
	comprometimento	comprometer(se)
	crescimento	crescer
	depoimento	depor
	desaparecimento	desaparecer
	desconhecimento	desconhecer
	desenvolvimento	desenvolver
	desprendimento	desprender
	empreendimento	empreender
	enfraquecimento	enfraquecer
	enriquecimento	enriquecer
	entendimento	entender
	envelhecimento	envelhecer
	envolvimento	envolver
	esclarecimento	esclarecer
	esquecimento	esquecer
	estabelecimento	estabelecer
	fornecimento	fornecer
	fortalecimento	fortalecer
	movimento	mover
	nascimento	nascer
	procedimento	proceder
	recebimento	receber
	recolhimento	recolher
	reconhecimento	reconhecer
	regimento	reger
	renascimento	renascer
	rendimento	render
	requerimento	requerer
	restabelecimento	restabelecer
	rompimento	romper
	sofrimento	sofrer

	subdesenvolvimento	(sub)desenvolver
--	--------------------	------------------